



SENADO
FEDERAL

.....

TRATADO DA TERRA DO BRASIL

*Pedro de Magalhães
Gandavo*

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

Volume 100



Kunambeba – Segundo a Cosmografia Universal de Thevet

.....

TRATADO DA TERRA DO BRASIL

*

HISTÓRIA DA PROVÍNCIA SANTA CRUZ,
A QUE VULGARMENTE CHAMAMOS BRASIL



Mesa Diretora

Biênio 2007/2008

Senador Garibaldi Alves

Presidente

Senador Tião Viana

1º Vice-Presidente

Senador Alvaro Dias

2º Vice-Presidente

Senador Efraim Morais

1º Secretário

Senador Gerson Camata

2º Secretário

Senador César Borges

3º Secretário

Senador Magno Malta

4º Secretário

Suplentes de Secretário

Senador Papaléo Paes

Senador João Vicente Claudino

Senador Antônio Carlos Valadares

Senador Flexa Ribeiro

Conselho Editorial

Senador José Sarney

Presidente

Joaquim Campelo Marques

Vice-Presidente

Conselheiros

Carlos Henrique Cardim

Carlyle Coutinho Madruga

Raimundo Pontes Cunha Neto

.....
Edições do Senado Federal – Vol.100

TRATADO DA TERRA DO BRASIL
*
HISTÓRIA DA PROVÍNCIA
SANTA CRUZ, A QUE VULGAR-
MENTE CHAMAMOS BRASIL

Pero de Magalhães Gandavo



Brasília – 2008

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

Vol. 100

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país.

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto

© Senado Federal, 2008

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – DF

CEDIT@senado.gov.br

[Http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm](http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm)

Todos os direitos reservados

.....

Gandavo, Pero de Magalhães.

Tratado da Terra do Brasil : história da província Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil / Pero de Magalhães Gandavo. -- Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.

158 p. -- (Edições do Senado Federal ; v. 100)

1. Brasil, história, Período Colonial (1500-1822). 2. Brasil, descrição, Período Colonial (1500-1822). 3. Usos e costumes, Brasil, Período Colonial (1500-1822). 4. Capitânias hereditárias (1534-1762). I. Título. II. Série.

CDD 918.1

.....

.....

Sumário

Advertência – Afrânio Peixoto

pág. 13

Nota Bibliográfica – Rodolfo Garcia

pág. 15

Introdução – Capistrano de Abreu

pág. 19

TRATADO DA TERRA DO BRASIL

DEDICATÓRIA

pág. 27

PRÓLOGO AO LEITOR

pág. 29

DECLARAÇÃO DA COSTA

pág. 31

CAPÍTULO PRIMEIRO

Da Capitania de Tamaracá

pág. 33

CAPÍTULO SEGUNDO

Da Capitania de Pernambuco

pág. 35

CAPÍTULO TERCEIRO

Da Capitania da Bahia de Todos os Santos

pág. 37

CAPÍTULO QUARTO

Da Capitania dos Ilhéus

pág. 39

CAPÍTULO QUINTO
Duma nação de gentio que se acha nesta capitania
pág. 41

CAPÍTULO SEXTO
Da Capitania de Porto Seguro
pág. 43

CAPÍTULO SÉTIMO
Da Capitania do Espírito Santo
pág. 45

CAPÍTULO OITAVO
Da Capitania do Rio de Janeiro
pág. 47

CAPÍTULO NONO
Da Capitania de São Vicente
pág. 49

TRATADO SEGUNDO

Das cousas que são gerais por toda costa do Brasil

CAPÍTULO PRIMEIRO
Das fazendas da terra
pág. 53

CAPÍTULO SEGUNDO
Dos costumes da Terra
pág. 55

CAPÍTULO TERCEIRO
Das qualidades da terra
pág. 57

CAPÍTULO QUARTO
Dos mantimentos da terra
pág. 59

CAPÍTULO QUINTO

Da caça da terra

pág. 61

CAPÍTULO SEXTO

Das frutas da terra

pág. 63

CAPÍTULO SÉTIMO

Da condição e costumes dos índios da terra

pág. 65

CAPÍTULO OITAVO

Dos bichos da terra

pág. 71

CAPÍTULO NONO

Da terra que certos tomens da Capitania de
Porto Seguro foram descobrir, e do que acharam nela

pág. 75

HISTÓRIA DA PROVÍNCIA SANTA CRUZ

Aprovação

pág. 81

Ao muito Ilustre Senhor Dom Lionis Pereira
sobre o livro que lhe oferece Pero de Magalhães

pág. 82

Soneto do mesmo autor ao Senhor Dom Lionis,
acerca da vitória que houve contra el-Rei do Achem e Malaca

pág. 87

Ao muito Ilustre Senhor Dom Lionis Pereira

pág. 88

Prólogo ao leitor

pág. 89

CAPÍTULO I

De como se descobriu esta província, e a
razão por que se deve chamar Santa Cruz e não Brasil

pág. 91

CAPÍTULO II

Em que se descreve o sítio e qualidades desta província

pág. 95

CAPÍTULO III

Das capitánias e povoações de portugueses que há nesta província

pág. 99

CAPÍTULO IV

Da governança que os moradores destas capitánias
têm nestas partes e a maneira de como se hão em seu modo de viver

pág. 105

CAPÍTULO V

Das plantas, mantimentos e frutas que há nesta província

pág. 107

CAPÍTULO VI

Dos animais e bichos venenosos que há nesta província

pág. 113

CAPÍTULO VII

Das aves que há nesta província

pág. 121

CAPÍTULO VIII

De alguns peixes notáveis, baleias e âmbar que há nestas partes

pág. 125

CAPÍTULO IX

Do monstro marinho que se matou na Capitania de São Vicente, ano 1564

pág. 129

CAPÍTULO X

Do gentio que há nesta província, da condição e costumes dele,
e de como se governam na paz

pág. 133

CAPÍTULO XI

Das guerras que têm uns com outros e a maneira com que se hão nelas

pág. 139

CAPÍTULO XII

Da morte que dão aos cativos e crueldade que usam com eles

pág. 145

CAPÍTULO XIII

Do fruto que fazem nestas partes os padres da
Companhia com sua doutrina

pág. 151

CAPÍTULO XIV

Das grandes riquezas que se esperam da terra do sertão

pág. 153

ADVERTÊNCIA

PERO DE MAGALHÃES GANDAVO, o amigo de Camões, que lhe reconheceu “claro estilo, engenho curioso, e a quem o Brasil devia um “Tratado” e uma “História”, esta publicada em 1576, aquele só em 1826, ambos ainda raros à consulta ou à aquisição dos inexpertos, tem agora reunidos, pela primeira vez, num tomo, as suas obras. Do “Tratado” obtivemos cópia autêntica do manuscrito original, que se acha na Biblioteca do Porto, graças à obsequiosidade do ilustre historiador português Sr. João Lúcio d’Azevedo; da “História” conferimos os textos publicados pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e pela Academia das Ciências de Lisboa, ambos de 1858, com a primeira publicação que a nossa Biblioteca Nacional possui, na coleção Barbosa Machado: este erudito serviço de colação é do competente Sr. Dr. Rodolfo Garcia, a quem também pertence a “Nota bibliográfica”. O eminente historiador patricio Sr. Dr. Capistrano de Abreu, que tanto se interessa por nossas publicações, concorre com um douto artigo, que serve de “Introdução” e não é dos menores méritos desta edição.

A.P.

Nota. Já adiantada a composição do texto deste livro fomos informados pelo erudito senhor Dr. Joaquim de Carvalho, da Universidade de Coimbra, sobre a existência na Biblioteca do Escorial de um manuscrito da “História”, ora em estudo pelo ilustre americanista senhor Robert Ricard, do Instituto Franco-Espanhol de Madri, o qual a respeito teve a gentileza de nos fornecer a seguinte nota:

Le ms. de l’Escorial a été signalé pour la première fois, à ma connaissance, par D. Augusto Llacayo y Santa Maria dans ses Antiguos manuscritos de Historia, Ciencia y Arte militar, medicina y literários existentes en la Biblioteca del Monasterio de San Lorenzo del Escorial (Sevilla, 1878), p. 158.

Ce manuscrit, actuellement cote IV-b-28, compte 81 folios, de petit format, numérotés au crayon. Au début, 3 folios blancs; à la fin, 9 folios blancs. L’écriture paraît de la fin du XVI Siècle.

Quelques enluminures, Au v^o du f^o 12 et au R^o du f^o 13 on trouve une carte du Brésil. Cette carte porte pour titre : “Descrição da província Santa Cruz, a que vulgarmente chamam Brasil”. – Au v^o du f^o 53 on trouve une enluminure représentant le “monstro marinho que se matou na capitania de São Vicente no ano de 61”. A cet sujet, Pauteur dit à la fin du ch. VIII, fs. 52 v^o - 53 R^o: “O retrato deste monstro é o que adiante no fim do presente capítulo se mostra nem mais nem menos tirado pelo natural.”

L’ouvrage compte en tout 13 chapitres.

Le titre (F^o 5 R^o) est le suivant: “História” da província Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil: feita por Pero de Magalhães de Gandavo, dirigida ao muito Ilustre senhor Dom Lionis Pereira.

Fs. 6 v^o et 7 R^o, Epistola ao senhor Dom Lionis.

Fs. 7 v^o - 9 R^o, “Prólogo ao leitor”. En outre, on lit Fs. 1 R^o - 3 v^o: “Ao muito Ilustre senhor Dom Lionis Pereira sobre o livro que lhe oferece Pero de Magalhães. Tercetos de Luís de Camões”.

et F^o 4 R^o: “Soneto do mesmo autor ao senhor Dom Lionis, acerca da vitória que houve contra el-Rei do Achém e Malaca”.

.....

Nota Bibliográfica

RODOLFO GARCIA

DOS ESCRITOS DE GANDAVO, o Tratado da Terra do Brasil *precedeu à História da Província Santa Cruz, embora esta tivesse as primícias da publicidade. A História saiu impressa em Lisboa logo depois de escrita; seu título completo assim se inscreve:*

História da província Santa Cruz / a que vulgarmente chamamos Brasil feita por Pero de / Magalhães de Gandavo, dirigida ao muito Il^lmo senhor Li / onis Pra governador que foi de Malaca e das mais partes / do Sul da Índia (*Escudo de armas dos Pereiras*). In-fine: *Impressa em Lisboa, na oficina de Antônio Gonsalvez Ano de 1576. – In-4º, de 48 fls. Numeradas no verso, com duas estampas intercaladas no texto.*

O Tratado *devia ter sido redigido em 1570, ou antes, porque uma nota marginal que se lê na cópia existente na Biblioteca Pública Municipal do Porto aumenta de 23 para 60, em 1587, os engenhos de açúcar da capitania de Pernambuco. Entretanto, só foi impresso em 1826, na Coleção de Notícias para a História e Geografia das Nações Ultramarinas, que vivem nos Domínios*

Portugueses, ou lhes são vizinhos: publicada pela Academia Real das Ciências de Lisboa, *tomo IV, num. IV.*

“A História foi concomitantemente reeditada em 1858, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”, tomo 21, e na Coleção de Opúsculos Reimpressos Relativos à História das Navegações, Viagens e Conquistas dos Portugueses pela Academia Real das Ciências de Lisboa, tomo I, número III. Todavia, muito antes do Brasil e de Portugal, já Ternaux-Campans havia feito conhecer, traduzindo-a para francês e incluindo-a na coleção intitulada Voyages, relatives et memoires originaux pour servir à l’Histoire de la decouverte de Amérique, tome II, Paris, 1837.

Para a reimpressão da Revista do Instituto Histórico serviu o texto da primeira edição pelo raríssimo exemplar que se conserva na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Coleção Barbosa Machado; reputa-se mais fiel do que a outra.

Quaisquer dessas publicações, tanto da História, como do Tratado, constituem presentemente raridades bibliográficas quase inacessíveis aos estudiosos, de modo que reunir em um só volume os dois escritos, dos primeiros que trataram do Brasil, se nos afigura ótimo serviço que se lhe presta.

Para o Tratado, foi aqui utilizado o manuscrito da Biblioteca do Porto, obtido por cópia autêntica. Do confronto desse manuscrito com o impresso das Notícias Ultramarinas, em mais de um passo um corrigiu enganos, ou supriu lacunas do outro, como se fez observar nos lugares próprios. Quanto a modificações que apresenta esta reimpressão, limitam-se tão-somente à relativa uniformidade de grafia dos vocábulos e à substituição de abreviaturas pelas palavras ou sílabas completas.

Com relação à História, serviram as publicações do Instituto Histórico e da Academia das Ciências, confrontados com a edição de 1576. As alterações nela introduzidas visam especialmente à melhor distribuição dos parágrafos e também à uniformização ortográfica. A feição antiga das palavras é, quanto possível, respeitada tanto no primeiro como no segundo dos escritos de Gandavo.

.....

Introdução

CAPISTRANO DE ABREU

PERO DE MAGALHÃES GANDAVO, *natural de Braga, descendia de flamengos, como seu nome indica: Gandavo corresponde a Gantois, morador ou filho de Gand. Residiu algum tempo no Brasil. Foi insigne humanista e excelente latino, de cuja língua abriu escola pública entre Douro e Minho, onde foi casado, assegura Barbosa Machado. E se acrescentarmos que Luís de Camões o teve por amigo, teremos esgotado a sua breve biografia.*

No Reino continuou a lembrar-se da colônia, escrevendo um Tratado da Terra do Brasil, no qual se contém informação das cousas que há nestas partes, e uma História da Província S. Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil. Esta, impressa em 1576, foi traduzida a francês pelo benemérito Ternaux-Campans, em 1837, reimpressa duas vezes há quase cinqüenta anos, avulsa em Lisboa, e na Revista do Instituto Histórico. O Tratado só apareceu em 1826 no quarto volume da “Coleção de notícias para a História e Geografia nas nações ultramarinas que vivem nos domínios portugueses ou lhe são vizinhas”, publicada pela Academia Real das Ciências de Lisboa: nunca mais se reeditou.

O Tratado foi escrito em primeiro lugar, antes de 1573, pois não se refere à divisão do Brasil em dois governos, de que já fala na História. Assim, sua entrada em nossa terra deve ter coincido com o governo de Mem de Sá (1558-1572).

Em que ponto residiu, nem dizem claramente seus livros, nem consta de documento extrínseco. Atendendo às minuciosidades da descrição da Bahia e dos Ilhéus, pode-se afirmar seu conhecimento direto das duas capitanias: é possível mesmo que estivesse em S. Vicente, de cujas barras dá idéia tão precisa, e em outras capitanias intermédias. Em Pernambuco, certamente, não pisou.

Conquanto chame História ao trabalho publicado em vida, o nome assenta-lhe mal. Diz rapidamente o descobrimento da Terra, dá o nome dos primeiros donatários ou dos donatários vivos, fala em Tomé de Sousa a propósito da fundação da cidade do Salvador, de Fernão de Sá a propósito da guerra do Espírito Santo em que morreu, de Mem de Sá, quando conquistou o Rio, não podia dizer menos. As primeiras explorações da costa, as feitorias, sede do primitivo escambo, a tomada de posse às polegadas do território concedido às léguas, na expressão frisante de Rocha Pita, deixaram-no frio. A sua história é antes natural que civil; o mesmo se pode afirmar do Tratado.

Explica-se isto pela insignificância do que era então o Brasil, como pelo fim visado pelo autor. Mais de uma vez repete que seu projeto se reduz a mostrar as riquezas da terra, os recursos naturais e sociais nela existentes, para excitar as pessoas pobres a virem povoá-la; seus livros são uma propaganda de imigração.

Na História dá uma descrição geral do país, e depois em ambos os livros percorre as povoações litorâneas: conquanto ligeiras, as notícias em geral são excelentes, e revelam instinto geográfico. Nomeia as árvores, destacando as frutas; enumera os peixes mais dignos de nota; trata de diversos animais, salientando as caças; en-

carece as belezas do céu, as excelências do clima, as minas que hão de vir à luz, o âmbar que o mar vomita; não esquece os índios, a cujo respeito dá mais de uma informação de grande valor.

Sua inspiração é principalmente utilitária, mas a cada instante o autor se distrai e mostra as faces de seu espírito: é um espírito indagador, curioso, convicto de que sob a aparência das cousas se escondem mistérios, uma vez indicando-os apenas, outras vezes revelando-os.

Diz das bananas: “estas pequenas têm dentro em si uma cousa estranha, a qual é que quando as cortam pelo meio com uma faca ou por qualquer parte que seja, acha-se nelas um sinal à maneira de crucifixo, e assim totalmente o parecem”. Diz da sensitiva: “esta planta deve ter alguma virtude muito grande a nós encoberta, cujo efeito não será pela ventura de menos admiração, porque sabemos de todas as ervas que Deus criou ter cada uma particular virtude com que fizessem diversas operações naquelas cousas para cuja utilidade foram criadas; quanto mais esta que a natureza nisto tanto quis assinalar, dando-lhe um tão estranho ser e diferente de todas as outras cousas”.

Do descobrimento do Brasil diz: “o que não parece carecer de mistério, porque assim como nestes reinos de Portugal trazem a cruz no peito por insígnia da ordem e cavalaria de Cristo, assim prouve a ele que essa terra se descobrisse a tempo que o tal nome (de Santa Cruz) lhe pudesse ser dado neste santo dia (3 de maio), pois havia de ser possuída de portugueses e ficar por herança de patrimônio ao mestre da mesma ordem de Cristo.

Outras vezes Gandavo encontra e vai logo expondo a explicação do fato.

Diz do pau-brasil: “o qual pau se mostra claro ser produzido da quentura do sol, e criado com a influência de seus raios, por que se não acha senão debaixo da zona tórrida, e assim quanto mais

perto está da zona equinocial, tanto é mais fino e de melhor tinta. E esta é a sua causa porque não o há na Capitania de São Vicente nem daí para o sul”.

Diz da capivara: “as quais, como corram pouco por causa de terem os pés compridos e as mãos curtas, proveu a natureza de maneira que pudessem conservar a vida debaixo da mesma água, aonde logo se lançam de mergulho, tanto que vêm gente ou qualquer outra cousa que se temam”.

Assim constituído, Gandavo não podia deixar de ser convicto teologista. Dois exemplos o provarão.

Depois de combater os que consideravam o âmbar, quer como secreção, quer como excreção da baleia, porque se assim fosse haveria sempre âmbar onde repuxasse o mamífero colossal, e tal não sucede, acrescenta: “Finalmente, que como Deus tenha de muito longe esta terra dedicada à cristandade, e o interesse seja o que mais leva os homens traz se que outra nem uma cousa que haja na vida, parece manifesto querer entretê-los na terra com esta riqueza do mar, até chegarem a descobrir aquelas grandes minas que a terra promete, para que assim desta maneira tragam ainda toda aquela cega e bárbara gente, que habita nestas partes ao lume e conhecimento de nossa fé católica, que será descobrir-lhe outras minas maiores no céu, e qual Nosso Senhor permita que assim seja para glória sua e salvação de tantas almas.”

Finalmente, falando dos índios diz: “e assim como são muitos, permitiu Deus que fossem contrários uns dos outros, e que houvesse entre eles grandes ódios e discórdias, porque se assim não fosse, os portugueses não poderiam viver na terra, nem seria possível conquistar tamanho poder de gente”.

Sua profissão de fé resume Gandavo a propósito de um monstro marinho encontrado em São Vicente, de que apresenta o

retrato: “Tudo se pode crer, por difícil que pareça, porque os segredos da natureza não foram revelados a todos ao homem para que com razão possa negar e ter por impossível às cousas que não viu; nem de que nunca teve notícia.”

Este homem teológico amante do mistério não é ainda todo o Gandavo: há nele um bom observador das cousas sociais e quem estiver a par dos estudos feitos sobre as primitivas fases econômicas, a economia caseira de Buecher, o meneio singular de Sembart, em uma palavra, a economia natural, encontrará elementos muito indistintivos.

Uma importante contribuição encontramos para a psicologia do povo brasileiro. Os primeiros viajantes que viram nossas plagas ficaram enlevados de suas belezas: se houver paraíso na Terra, não deve ficar longe, afirmou Vespúcio. Tal sentimento não podia aninhar os primeiros habitantes, no meio de todas as provações e contrariedades em que se agitavam. Como se deu a conciliação entre o homem e a terra, e se transformou em entusiasmo? Quem primeiro se sentiu bem no novo meio?

Responde Gandavo no seu Tratado:

“Este vento da terra é muito perigoso e doentio; e se acerta de permanecer alguns dias, morre muita gente assim portugueses como índios da terra, mas quer Nosso Senhor que aconteça isto poucas vezes; e tirado este mal, é esta terra muito salutífera e de bons ares, onde as pessoas se acham bem dispostas e vivem muitos anos, principalmente os velhos têm melhor disposição e parece que tornam a renovar, e por isso alguns se não querem tornar às suas pátrias, temendo que nelas se ofereça a morte mais cedo.”

Assim os temores da velhice precederam os ardores da mocidade.

TRATADO DA TERRA DO BRASIL

.....
Tratado da Terra do Brasil, no qual se contém a informação das cousas que há nestas partes, feito por Pero de Magalhães

A O MUITO ALTO e Sereníssimo Príncipe dom Henrique, Cardeal, Infante de Portugal.

Posto que os dias passados apresentei outro sumário da terra do Brasil a el-Rei nosso Senhor, foi por cumprir primeiro com esta obrigação de vassalo que todos devemos a nosso rei: e por esta razão me pareceu cousa muito necessária (muito Alto e Sereníssimo Senhor) oferecer também este a V. A. a quem se devam referir os louvores e acrescentamento das terras que nestes reinos florescem: pois sempre desejou tanto aumentá-las, e conservar seus súditos e vassalos em perpétua paz. Como eu isto entenda, e conheça quão aceitos são os bons serviços a V. A. que ao reino se fazem imaginei comigo que podia trazer destas partes com que desse testemunho de minha pura tenção: e achei que não se podia de um fraco homem esperar maior serviço (ainda que tal não pareça) que lançar mão desta informação da terra do Brasil (cousa que até agora não empreendeu pessoa alguma) para que nestes reinos se divulgue sua fertilidade e provoque as muitas pessoas pobres que se vão viver a esta

província, que nisso consiste a felicidade e aumento dela. E por que V. A. sabe quanto serviço de Deus e de d'el-Rei nosso senhor seja esta denunciação, determinei coligi-la com deliberação de a oferecer a V. A. a quem humildemente peço me receba, e com tamanha mercê ficarei satisfeito rogando a nosso Senhor lhe dê prósperos e larguíssimos anos de vida, e deixe permanecer seu real estado em perpétua felicidade. Amém.

PERO DE MAGALHÃES
HUMILDE VASSALO DE S. A.

.....

Prólogo ao leitor

*M*INHA tenção não foi outra neste sumário (discreto e curioso leitor) senão denunciar em breves palavras a fertilidade e abundância da terra do Brasil, para que esta fama venha à notícia de muitas pessoas que nestes reinos vivem com pobreza, e não duvidem escolhê-la para seu remédio por pobres e desamparados que sejam. E assim cada vez se vai fazendo mais próspera, e depois que as terras viçosas se forem povoando (que agora estão desertas por falta de gente) hão de se fazer nelas grossas fazendas como já são feitas nas que possuem os moradores da terra, e também se espera desta província que por muito tempo floresça tanto na riqueza como as Antilhas de Castela por que é certo ser em si a terra muito rica e haver nela muitos metais, os quais até agora se não descobrem ou por não haver gente na terra para cometer esta empresa, ou também por negligência dos moradores que se não querem dispor a esse trabalho: qual seja a causa por que o deixam de fazer não sei. Mas permitirá nosso Senhor que ainda em nossos dias se descubram nela grandes tesouros, assim para serviço a aumento de S. A., como pelo proveito de seus vassallos que o desejam servir.

.....

Declaração da costa

***E**STA costa do Brasil está pera a parte do Ocidente, corre-se de norte e sul. Da primeira povoação até derradeira há trezentas e cinqüenta léguas. São oito capitánias, todas têm portos muito seguros onde podem entrar quaisquer naus por grandes que sejam. Não há pela terra dentro povoações de portugueses por causa dos índios que não no consentem, e também pelo socorro e tratos do reino lhes é necessário estarem junto ao mar por terem comunicação de mercadorias. E por este respeito vivem todos junto da costa.*

.....

Capítulo primeiro

DA CAPITANIA DE TAMARACÁ

A POVOAÇÃO da primeira capitania, e mais antiga está numa ilha que se chama Tamaracá pegada com a terra firme; tem três léguas de comprimento e duas de largura. Tem trinta e cinco léguas de terra pela costa pelo o norte. É de dona Jerônima Dalbuquerque,¹ mulher que foi de Pero Lopes de Sousa, na qual tem posto capitão de sua mão. Há nela um engenho de açúcar e agora se faz dois novamente e muito pau do Brasil e algodão. Pode ter até cem vizinhos. Há nesta capitania muitas e boas terras para se povoarem e fazerem nelas fazendas.

1 D. Jerônima de Albuquerque de Sousa, filha de Pedro Lopes de Sousa e D. Isabel de Gamboa, foi casada com D. Antônio de Lima.

.....

Capítulo segundo

DA CAPITANIA DE PERNAMBUCO

A CAPITANIA DE PERNAMBUCO² está cinco léguas de Tamaracá, pelo o sul em altura de oito graus, da qual é capitão e governador Duarte Coelho Dalbuquerque. Tem duas povoações, a principal se chama Olinda, a outra Guaraçu,³ que está quatro léguas pela terra dentro. Haverá nesta capitania mil vizinhos. Tem vinte e três engenhos de açúcar posto que destes três ou quatro não são ainda acabados.

Alguns moem com bois, a estes chamam trapiches, fazem menos açúcar que os outros: mas a maior parte dos engenhos do Brasil moem com água. Cada engenho destes um por outro, faz três mil⁴ arrobas cada ano, nesta capitania se fazem mais açúcares que nas outras, por que houve ano que passaram de cinquenta mil arrobas, ainda que o rendimento deles não é certo, são segundo as novidades e os tempos que se oferecem. Esta se acha uma das ricas terras do Brasil, tem muitos escravos índios que é a principal fazenda da terra. Daqui os levam e compram para todas as outras capitanias, por que há nesta muitos, e mais baratos que em toda a costa:

2 Nota marginal do ms. Da Biblioteca Pública Municipal do Porto: “Nova Lusitânia a chamam muitos”.

3 Ibidem: “Agora são 60 – ano de 1587”.

4 Ibidem: “Agora quatro mil – que são todos os anos que se cobram 240 arrobas.”

há muito pau do Brasil e algodão de que enriquecem os moradores desta capitania. O porto onde os navios entram⁵ está uma légua da povoação Olinda; servem-se pela praia e também por um rio pequeno que vai dar junto da mesma povoação. A esta capitania vão cada ano mais navios do reino que a nenhuma das outras. Há nela um mosteiro de padres da Companhia de Jesus.

RIOS

Há dous rios caudais até a Bahia de Todos os Santos; um se chama São Francisco, está em dez graus e meio, o qual entra no mar com tanta fúria que vinte léguas pelo mesmo mar correm suas águas. Outro rio está em onze graus e dois terços que se chama o rio Real, também é muito grande e correm suas águas pelo mar.

5 Ibidem: “A este porto se entra por um canal tão estreito que apenas cada uma não por ele, e se não entra com muito tento dá em pedra viva e perde-se, o que acontece muitas vezes aos experimentados e por isso se chama Pernambuco, que quer dizer mar fundo.”

.....

Capítulo terceiro

DA CAPITANIA DA BAHIA DE TODOS OS SANTOS

A CAPITANIA da Bahia de Todos os Santos está a cem léguas de Pernambuco em altura de treze graus. Terra d'el-Rei nosso Senhor, onde residem os governadores e bispo e ouvidor-geral de toda a costa. Esta é a terra mais povoada de portugueses que há no Brasil. Tem três povoações, a principal é a Cidade de Salvador. A outra se chama Vila Velha que está junto da barra. Esta povoação foi a primeira que houve nesta capitania: depois Tomé de Sousa, sendo governador, edificou esta Cidade de Salvador mais adiante meia légua ao longo da Bahia por ser lugar mais conveniente e proveitoso para os moradores da terra. Quatro léguas pela terra dentro está outra que se chama Paripe. Pode haver nesta capitania mil e cem vizinhos. Tem dezoito engenhos, alguns se fazem novamente. Também se tira deles, muito açúcar, ainda que os moradores se lançam mais ao algodão que a canas-de-açúcar por que se dá melhor na terra.

Dentro da cidade está um mosteiro de padres da Companhia de Jesus, na qual têm colégio onde ensinam latim e casos de consciência. Afora este há cinco igrejas pela terra dentro entre os índios forros, onde residem alguns padres para fazerem cristãos e casarem os mesmos índios por não estarem amancebados.

Esta capitania tem uma baía muito grande e formosa, há três léguas de largura, e navega-se quinze por ela dentro, tem muitas ilhas de

terras muito viçosas que dão infinito algodão; divide-se em muitas partes esta baía: e tem muitos braços e enseadas dentro. Os moradores da terra todos se servem por ela com barcos pelas suas fazendas.

RIOS

Doze léguas desta Bahia de Todos os Santos está um rio que se chama Tinharé, onde se recolhem muitas embarcações que passam pera as outras capitánias. Três léguas por ele dentro está um engenho de um Bastião de Ponte, junto do qual estão muitas terras perdidas por falta de moradores, das quais se conseguiria muito proveito se as povoassem. Mais avante, seis léguas está um rio que se chama Camamu em treze graus e meio⁶ no qual podem entrar quaisquer naus seguramente quatro, cinco léguas por ele dentro.

Ao longo deste rio há terras muito viçosas e muitas águas para se poder fazer engenhos de açúcar, as quais também se perdem por não haver gente que as vá povoar. Têm dentro algumas ilhas de terras mui grossas e acomodadas para se fazerem nelas muita fazenda. Nesse mesmo rio há muito peixe em extremo, e junto dele muita infinita caça de porcos e veados. Aqui se pode fazer uma povoação, onde os homens vivam muito abastados e façam muitas fazendas. Há outro que se chama o rio das Contas, está em quatorze graus e meio, mas não é tão grande, ainda que também entram nele algumas embarcações. Em todos estes rios há muita abundância de peixes e de caça.

6 Treze graus e dois terços – no impresso das *Notícias para a História e Geografia das Nações Ultramarinas*, tomo IV, nº IV.

.....

Capítulo quarto

DA CAPITANIA DOS ILHÉUS

A CAPITANIA dos Ilhéus está a trinta léguas da Bahia de Todos os Santos em quatorze graus e dous terços; é de Francisco Giraldes, na qual tem posto capitão de sua mão. Pode haver nela duzentos vizinhos. Tem um rio onde os navios entram, o qual está junto da povoação, divide-se em muitas partes pela terra dentro, servem-se os moradores por ele pera suas fazendas em almadias. Há nesta capitania oito engenhos de açúcar. Dentro da povoação está um mosteiro de padres da Companhia de Jesus que agora se faz novamente.

Sete léguas da mesma povoação pela terra dentro está uma lagoa doce que tem três léguas de comprido e três de largo e tem dez, quinze braças de fundo e daí pera cima. Sai dela um rio pequeno pelo qual vão lá ter barcos. Tem esta lagoa um local neste rio, tão estreito,⁷ que apenas cabe um barco por ele, e depois que anda dentro quase não sabe determinar por onde entrou. Tem tanta abundância d'água que podem andar nela quaisquer naus, por grandes que sejam, à vela; e assim quando venta muito, alevantam-se ali ondas tão furiosas como se fosse no meio do mar com tormenta. Tem muita infinidade de peixes grandes e pequenos. Criam-se

⁷ Entre as palavras – *Tem e estreito*, há uma lacuna no ms. da Biblioteca do Porto, que preenchemos com o impresso das Notícias Ultramarinas.

nela muitos peixes-bois, os quais têm o focinho como o de boi e dois cotos com que nadam à maneira de braços; não têm nenhuma escama nem outra feição de peixe senão o rabo. Matam-nos com arpões, são tão gordos e tamanhos que alguns pesam trinta, quarenta arrobas. É um peixe muito saboroso e totalmente parece carne e assim tem o gosto dela; assado parece lombo de porco ou de veado, coze-se com couves, e guisa-se como carne, nem pessoa alguma o come que o tenha por peixe, salvo se o conhecer primeiro. As fêmeas têm duas mamas pelas quais mamam os filhos, criam-se com leite (coisa que se não acha noutro peixe algum): também há destes em algumas baías e rios desta costa e posto que se criem no mar costumam beber água doce, por isso acodem muitos a esta lagoa ou a parte onde algum ribeiro se meta no mar. Também há muitos tubarões nesta lagoa, e lagartos e muitas cobras. E acham-se nela outros monstros marinhos de diversas maneiras. Há muitas terras e mui viçosas ao redor dela, e muita caça; e neste rio que sai da lagoa muita fertilidade de peixe. Finalmente que uma das abastadas terras de mantimentos que há no Brasil é esta Capitania dos Ilhéus.

.....

Capítulo quinto

DUMA NAÇÃO DE GENTIO QUE SE ACHA NESTA CAPITANIA

PELAS terras desta capitania até junto do Espírito Santo, se acha uma certa nação de gentio que veio do sertão há cinco ou seis anos, e dizem que outros índios contrários destes, vieram sobre eles a suas terras, e os destruíram todos e os que fugiram são estes que andam pela costa. Chamam-se aimorés, a língua deles é diferente dos outros índios, ninguém os entende, são eles tão altos e tão largos de corpo que quase parecem gigantes; são mui alvos, não têm parecer dos outros índios na terra nem têm casas nem povoações onde morem, vivem entre os matos como brutos animais; são mui forçosos em extremo, trazem uns arcos mui compridos e grossos conforme a suas forças e as frechas da mesma maneira. Estes índios têm feito muito dano aos moradores depois que vieram a esta costa e mortos alguns portugueses e escravos, porque são inimigos de toda gente. Não pelejam em campo nem têm ânimo para isso, põem-se entre o mato junto de algum caminho e tanto que passa alguém atiram-lhe ao coração ou a parte onde o matem e não despendem frecha que não na empreguem. Finalmente, que não têm rosto direito a ninguém, senão a traição fazem a sua. As mulheres trazem uns paus tostados com que pelejam. Estes índios não vivem senão pela frecha, seu mantimento é caça, bichos e carne humana, fazem fogo debaixo do chão por não serem sentidos nem saberem onde andam. Muitas terras viçosas estão perdidas junto desta capitania, as quais não são possuídas

dos portugueses por causa destes índios. Não se pode achar remédio para os destruírem porque não têm morada certa, nem saem nunca dentre o mato: e assim quando cuidamos que vão fugindo ante quem os persegue, então ficam atrás escondidos e atiram aos que passam descuidados. Desta maneira matam alguma gente. Todos quantos índios há no Brasil são seus inimigos e temem-nos muito, porque há gente atraçoada. E assim onde os há nenhum morador vai a sua fazenda por terra que não leve quinze vinte escravos consigo de arcos e flechas. Estes aimorés são mui feroz e cruéis, não se pode com palavras encarecer a dureza desta gente.

Não andam todos juntos, derramam-se por muitas partes, e quando se querem ajuntar assobiam como pássaros ou como bugios, de maneira que uns aos outros se entendem e se conhecem. Também os portugueses matam alguns deles, e têm muitos destruídos, principalmente nesta Capitania dos Ilhéus, e guardam-se muito deles, porque já sabem suas manhas e conhecem mui bem sua malícia.

.....

Capítulo sexto

DA CAPITANIA DE PORTO SEGURO

A CAPITANIA de Porto Seguro está trinta léguas dos Ilhéus em dezasseis graus e meio. É do Duque d’Aveiro, na qual tem posto capitão de sua mão. Tem três povoações, a principal é Porto Seguro, que está junto do porto onde os navios entram. Outra está daí uma légua que se chama Santo Amaro; outra Santa Cruz, que está daí quatro léguas pera o norte. Pode haver nesta capitania duzentos e vinte vizinhos. Tem cinco engenhos de açúcar. Há nela um mosteiro de padres da Companhia de Jesus. Também chegam a esta capitania os aimorés e fazem nela dano aos moradores como nos Ilhéus. É terra mui abastada de caça, e de peixes que matam no rio que está junto da povoação.

.....

Capítulo sétimo

DA CAPITANIA DO ESPÍRITO SANTO

A CAPITANIA do Espírito Santo está cinquenta léguas de Porto Seguro em vinte graus, da qual é Capitão e governador Vasco Fernandes Coutinho. Tem um engenho somente, tira-se dele o melhor açúcar que há em todo o Brasil. Pode ter até cento e oitenta vizinhos. Há dentro da povoação um mosteiro de padres da Companhia de Jesus. Tem um rio mui grande onde os navios entram, no qual se acham mais peixes-bois que noutra nenhum rio desta costa. No mar junto desta Capitania matam grande cópia de peixes grandes e de toda maneira, e também no mesmo rio há muita abundância deles. Nesta capitania há muitas terras e mui largas onde moradores vivem mui abastados assim de mantimentos da terra, como de fazendas. E quando se tomou a fortaleza do Rio de Janeiro desta mesma Capitania do Espírito Santo sustentaram toda a gente e proveram sempre de mantimentos necessários enquanto estiveram na terra os que defendiam.

RIOS

Avante desta capitania em altura de vinte e um graus está o frio de Paraíba, este é mui grande e formoso e tem infinito peixe. Junto do Cabo Frio em altura de vinte e dois graus está a Baía formosa, na qual se

pode fazer uma capitania de muitos vizinhos, onde também se perdem muitas terras por falta de gente. Outros muitos rios há nestas partes que deixo de escrever por serem pequenos e não se fazer tanto caso deles, nem minha tensão foi outra senão tratar destes mais notáveis, onde se podem fazer algumas povoações e conseguir proveito das terras viçosas que por esta costa estão desertas.

.....

Capítulo oitavo

DA CAPITANIA DO RIO DE JANEIRO

A CAPITANIA do Rio de Janeiro, Cidade de São Sebastião, está sessenta léguas do Espírito Santo em vinte e três graus e um terço, terra d'el-Rei Nosso Senhor. Pode ter pouco mais ou menos cento e quarenta vizinhos, agora se começa de povoar novamente. Esta é a mais fértil e viçosa terra que há no Brasil. Tem terras mui singulares e muitas águas para engenhos de açúcar. Há nela muito infinito pau do Brasil, de que os moradores da terra fazem muito proveito.

Esta capitania tem um rio mui largo e formoso; divide-se dentro em muitas partes, e quantas terras estão ao longo dele se podem aproveitar, assim pera roças de mantimentos como pera canas-de-açúcar e algodões, porque são mui viçosas e melhores de quantas há por toda esta costa. Há nesta cidade um mosteiro de padres da Companhia de Jesus, os quais também aumentaram muito esta terra e desejam muito vê-la povoada de muitos moradores, porque são como digo as terras desta capitania mui largas, e sabem quão proveitosas são para toda gente pobre que as for possuir. E por tempo hão de se fazer nelas grandes fazendas: e os que lá forem viver com esta esperança não se acharão enganados.

.....

Capítulo nono

DA CAPITANIA DE SÃO VICENTE

A CAPITANIA de São Vicente está sessenta léguas do Rio de Janeiro em vinte e quatro graus, é de Pero Lopes de Sousa, na qual tem posto capitão de sua mão: esta e o Rio de Janeiro são as mais frias terras que há no Brasil, géia nelas em tempo de inverno quase como neste Reino.

Nesta capitania se deu já trigo, mas não no querem semear por haver na terra outros mantimentos de menos custo. Tem três povoações, e uma fortaleza que está numa ilha junto da terra firme quatro léguas para o Norte que se chama Britioga; daqui defendem esta capitania dos índios, e franceses com artilharia que há na mesma fortaleza. A principal povoação se chama Santos, onde está um mosteiro de padres da Companhia de Jesus. A outra mais avante ao longo do rio uma légua é São Vicente; também há nela outro mosteiro de padres da Companhia. Pela terra dentro dez léguas edificarão os mesmos padres uma povoação entre os índios que se chama – o Campo, na qual vivem muitos moradores, a maior parte deles são mamelucos filhos de portugueses e de índias da terra. Aqui e nas mais capitanias têm feito estes padres da Companhia grande fruto e fazem com que a terra vá em muito crescimento, trabalham por fazer cristãos a muitos índios e metem muitas pazes entre os homens; também fazem restituir as liberdades de muitos índios que al-

guns moradores da terra têm mal resgatados: assim que sempre acodem aos que se desviam do serviço de Deus e de S.A.

Haverá nesta capitania quinhentos vizinhos, tem quatro engenhos de açúcar e muitas terras viçosas de que os moradores tiram muitos mantimentos e fazenda e vivem todos mui abastados. Esta é a última capitania que há nestas partes do Brasil...

TRATADO SEGUNDO

DAS COUSAS QUE SÃO GERAIS
POR TODA COSTA DO BRASIL

.....

Capítulo primeiro

DAS FAZENDAS DA TERRA

OS MORADORES desta costa do Brasil todos têm terras de sesmarias dadas e repartidas pelos Capitães da terra, e a primeira cousa que pretendem alcançar, são escravos para lhes fazerem e granjearem suas roças e fazendas, porque sem eles não se podem sustentar na terra: e uma das cousas por que o Brasil não floresce muito mais, é pelos escravos que se alevantaram e fugiram para suas terras e fogem cada dia: e se estes índios não foram tão fugitivos e mudáveis, não tivera comparação a riqueza do Brasil. As fazendas donde se consegue mais proveito são açúcares, algodões e pau do Brasil, com isto fazem pagamentos aos mercadores que deste Reino lhes levam fazenda porque o dinheiro é pouco na terra, e assim vendem e trocam uma mercadoria por outra em seu justo preço. Quantos moradores há na terra têm roças de mantimentos e vendem muitas farinhas de pau uns aos outros, de que também tiram muito proveito. O mais gado que há nesta costa são bois e vacas, deste há muita abundância em todas as capitánias, porque são as ervas muitas, e sempre a terra está coberta de verdura, ainda que em Porto Seguro não se querem dar nenhuma vaca senão o primeiro ano, no qual engordam tanto que do muito viço dizem que morrem todas. Cabras e ovelhas há muito poucas até agora, começam de multiplicar novamente; as cabras se dão melhor que as ovelhas e parem dous, três filhos de

cada vez. Fazem os moradores da terra muito por esta criação.⁸ Também há éguas e cavalos, mas ainda são caros por não haver muitos na terra, levamos de Cabo Verde pera lá e dão-se muito bem na terra.

Acha-se também por esta costa muito âmbar que o mar de si lança fora as mais das vezes quando faz tormenta e são águas vivas, então há muitas pessoas que mandam seus escravos pela praia buscá-la nos lugares onde costuma sair mais vezes, e muitas vezes acontece enriquecerem alguns assim do que acham seus escravos como do que resgatam aos índios forros. Segundo a dita e ventura de cada um. Os panos que nesta terra se fazem são de algodão, todo o mais vai deste Reino. E assim há também muitos escravos de Guiné: estes são mais seguros que os índios da terra porque nunca fogem nem têm pera onde. Há também muita criação de porcos e muitas galinhas, adens e patos da terra. Estas são as fazendas que possuem os moradores do Brasil.

8 No impresso das *Notícias Ultramarinas* vem: “Também os moradores da terra tiram muito por esta criação.”

.....

Capítulo segundo

DOS COSTUMES DA TERRA

AS PESSOAS que no Brasil querem viver, tanto que se fazem moradores da terra, por pobres que sejam, se cada um alcançar dous pares ou meia dúzia de escravos (que pode um por outro custar pouco mais ou menos até dez cruzados) logo tem remédio para sua sustentação; porque uns lhe pescam e caçam, outros lhe fazem mantimentos e fazenda e assim pouco a pouco enriquecem os homens e vivem honradamente na terra com mais descanso que neste Reino, porque os mesmos escravos índios da terra buscam de comer pera si e pera os senhores, e desta maneira não fazem os homens despesa com seus escravos em mantimentos nem com suas pessoas.

A maior parte das camas do Brasil são redes, as quais armam numa casa com duas cordas e lançam-se nelas a dormir. Este costume tomaram os índios da terra.⁹

Os moradores destas capitánias tratam-se muito bem e são mais largos que a gente deste Reino, assim no comer como no vestir de suas pessoas, e folgam de ajudar uns aos outros com seus escravos e favorecem muito os pobres que começam a viver na terra. Isto se costuma nestas partes: e fazem outras muitas obras por onde todos têm remédio de vida e nenhum pobre anda pelas portas a pedir como neste Reino.

9 ...“dos índios da terra” – no impresso das *Notícias Ultramarinas*.

.....

Capítulo terceiro

DAS QUALIDADES DA TERRA

HÁ NESTAS partes do Brasil seis meses de verão e seis de inverno: os de verão são de setembro até fevereiro, os de inverno de março até agosto. Assim que quando nesta província do Brasil é inverno cá nestes Reinos é verão, e os dias quase sempre são tamanhos como as noites, uma hora somente crescem e mingnam. Cursam sempre ventos gerais, no inverno seis meses sul e sueste, no verão nordeste. Sempre correm as águas com o vento por costa, e por isso se não pode navegar de umas capitánias pera outras se não esperarem por monções para irem com as águas e com o vento, porque cursam como digo seis meses duma parte e seis doutra, e portanto são muitas vezes as viagens vagarosas, e quando vão contra tempo as embarcações correm muito risco, arribam as mais das vezes ao porto donde saíram. Mete-se no meio e na força deste verão, oito dias ante os Santos, uma tormenta de vento sul que dura uma semana, este é mui certo e geral, nunca se acha que naqueles dias faltasse. Muitas embarcações esperam por este vento e fazem com ele suas viagens. Esta terra sempre é quente quase tanto no inverno como no verão. A viração do vento geral entra ao meio-dia pouco mais ou menos, é tão fresco este vento e tão frio que não se sente mais calma, e ficam recreados os corpos das pessoas.

Dura este vento do mar até de madrugada, torna dali a calmar outra vez por causa dos vapores da terra que o apagam e quando amanhece está o céu todo coberto de nuvens e as mais das manhãs chove nestas partes e a terra fica toda coberta de névoa, porque tem muitos arvoredos e chama a si todos estes humores. E tanto que este geral acalma começa a ventar da terra um vento brando que nela se gera, até que o Sol com sua quentura o torna apagar e alimpa tudo outra vez e faz ficar o dia claro e sereno, entra logo o vento do mar acostumado. Este vento da terra é mui perigoso e doentio; e se acerta de permanecer alguns dias, morre muita gente assim portugueses como índios da terra; mas quer Nosso Senhor que aconteça isto poucas vezes; e tirado este mal, é esta terra mui salutífera e de bons ares, onde as pessoas se acham bem dispostas e vivem muitos anos, principalmente os velhos têm melhor disposição e parecem que tornam a renovar, e por isso alguns se não querem tornar às suas pátrias, temendo que nelas se lhes ofereça a morte mais cedo. Os ares de pela manhã são mui frescos e sadios; muitas pessoas se costumam alevantar cedo por que se aproveitem deles enquanto têm esta virtude. A terra em si é lassa e desleixada; acham-se nela os homens algum tanto fracos e minguados das forças que possuem cá neste Reino por respeito da quentura e dos mantimentos que nela usam, isto é, enquanto as pessoas são novas na terra, mas depois que por tempo se acostumam ficam tão rijos e bem dispostos como se aquela terra fora sua mesma pátria. Manda-se dar nesta terra aos enfermos carne de porco, pera qualquer doença é proveitosa, e não faz mal a nenhuma pessoa; o peixe também tem a mesma qualidade e põe muita sustância aos doentes. Esta terra é mui fértil e viçosa, toda coberta de altíssimos e frondosos arvoredos, permanece sempre a verdura nela inverno e verão; isto causa chover-lhe muitas vezes e não haver frio que ofenda ao que produz a terra. Há por baixo destes arvoredos grande mato e mui basto e de tal maneira está escuro e cerrado em partes que nunca participa o chão da quentura nem da claridade do sol, e assim está sempre úmido e minando água de si. As águas que na terra se bebem são mui sadias e saborosas, por muita que se beba não prejudica a saúde da pessoa, a mais dela se torna logo a suar e fica o corpo desalivado e são. Finalmente que esta terra tão deleitosa e temperada que nunca nela se sente frio nem quentura sobeja.

.....

Capítulo quarto

DOS MANTIMENTOS DA TERRA

NESTAS partes do Brasil não semeiam trigo nem se dá outro mantimento algum deste Reino, o que lá se come em lugar de pão é farinha de pau: esta se faz da raiz duma planta que se chama mandioca, a qual é como inhame. E tanto que se tira de baixo da terra, está curtindo-se em água três, quatro dias, e depois de curtida pisam-na ou relam-na muito bem e espremem-na daquele sumo de tal maneira que fique bem escorrida, porque é aquela água que sai dela tão peçonhenta, que qualquer pessoa ou animal que a beber logo naquele instante morre: assim que depois de a terem deste modo curada, põem um alguidar grande sobre o fogo e como se aqueça, botam aquela mandioca nele e por espaço de meia hora está naquela quentura cozendo-se, dali a tiram, e fica temperada pera se comer. Há todavia farinha de duas maneiras: uma se chama de guerra, e outra fresca, a de guerra é muito seca, fazem-na desta maneira para durar muito e não se danar; a fresca é mais branda e tem mais sustância; finalmente que não é tão áspera como a outra, mas não dura mais que dois, três dias; como passa daqui logo se dana. Desta mesma mandioca fazem outra maneira de mantimentos, que se chamam beijus, são mui alvos e mais grossos que obréias, destes usam muito os moradores da terra porque são mais saborosos e de melhor digestão que a farinha. Outra raiz há duma planta que se chama aipim, da qual fazem uns bolos que parecem pão fresco deste Reino

e também se come assada como batata, de toda maneira se acha nela muito gosto. Também há na terra muito milho-zaburro, este se dá em todas as capitánias, e faz um pão muito alvo. Há nesta terra muita cópia de leite de vacas, muito arroz, fava, feijões, muitos inhames e batatas, e outros legumes que fartam muito a terra.¹⁰ Há muita abundância de marisco e de peixe por toda esta costa; com estes mantimentos se sustentam os moradores do Brasil sem fazerem gastos nem diminuírem nada em suas fazendas.

10 No impresso das *Notícias Ultramarinas* faltam as palavras desde – pão muito alvo, exclusive, até – batatas, inclusive.

.....

Capítulo quinto

DA CAÇA DA TERRA

UMA DAS cousas que sustenta e abasta muito ¹¹ os moradores desta terra do Brasil, é a muita caça que há nestes matos de muitos gêneros e de diversas maneiras, a qual os mesmos índios da terra matam assim com frechas como por indústria de seus laços e fojos, onde costumam tomar a maior parte dela.

Há muitos veados e muita soma de porcos-monteses de muitas castas. Uns pequenos há na terra que têm as cerdas mui grossas, ásperas e crespas; estes têm o umbigo nas costas, matam-se muitos deles, e doutros grandes que não são desta qualidade. Há muitas antas que quase são tamanhas como vacas e pastam ervas como outro gado qualquer; sua carne tem o sabor como da vaca: a pele deste animal é muito grossa e rígida. Há também coelhos, mas têm as orelhas doutra maneira mais pequenas e redondas. Há outros animais maiores que lebres que se chamam pacas, também têm carne muito saborosa. Uns bichos há nesta terra que também se comem e se têm pela melhor caça que há no mato.

Chamam-lhes tatus, são tamanhos como coelhos e têm um casco à maneira da lagosta como de cágado, mas é repartido em muitas juntas como lâminas; parecem totalmente um cavalo armado, têm um rabo do

11 “Sustenta muito, e abasta” – nas *Notícias Ultramarinas*.

mesmo casco comprido, o focinho é como de leitão, e não botam mais fora do casco que a cabeça, têm as pernas baixas e criam-se em covas, a carne deles tem o sabor quase como de galinha. Esta caça é muito estimada na terra. Há também muitas galinhas de mato que os índios matam com frechas, e outras muitas aves mui gordas e saborosas melhores que perdizes. Desta e de outra muita caça há no Brasil muita abundância.

.....

Capítulo sexto

DAS FRUTAS DA TERRA

U

MA FRUTA se dá nesta terra do Brasil muito saborosa, e mais prezada de quantas há. Cria-se uma planta humilde junto do chão, a qual tem umas pencas como cardo, a fruta dela nasce como alcachofras e parecem naturalmente pinhas, e são do mesmo tamanho, chamam-lhes ananases, e depois de maduros têm um cheiro muito excelente, colhem-nos como são de vez, e com uma faca tiram-lhes aquela casca grossa e fazem-nos em talhadas e desta maneira se comem, excedem no gosto a quantas frutas há neste reino e fazem todos tanto por esta fruta, que mandam plantar roças dela, como de cardais: a este nosso reino trazem muitos destes ananases em conserva. Outra fruta se cria numas árvores grandes, estas se não plantam, nascem pelo mato muitas; esta fruta depois de madura é muito amarela: são como pêros repinaldos compridos, chamam-lhes cajus, têm muito sumo, e cria-se na ponta desta fruta de fora um caroço como castanha, e nasce diante da mesma fruta, o qual tem a casca mais amargosa que fel, e se tocarem com ela nos beiços dura muito aquele amargor e faz empolar toda a boca; pelo contrário este caroço assado, é muito mais gostoso que amêndoa; são de sua natureza muito quentes em extremo. Há na terra tantos destes caroços que os medem aos alqueires. Também há uma fruta que lhe chamam bananas, e pela língua dos índios pacovas: há na terra muita abundância delas: perecem-se na feição com pepinos, nascem numas árvores muito tenras e não são muito altas, nem têm ramos senão folhas muito compridas e largas. Estas bananas criam-se em cachos, algum se acha que tem de cento e cinqüenta para cima, e muitas vezes é tão grande

o peso delas que faz quebrar a árvore pelo meio; como são de vez colhem estes cachos, e depois de colhidos amadurecem, e tanto que estas árvores dão uma fruta, logo as cortam porque não frutificam mais que a primeira vez, e tornam a rebentar pelos pés outras novas. Esta é uma fruta muito saborosa e das boas que há na terra, tem uma pele como de figo, a qual lhes lançam fora quando as querem comer e se come muitas delas fazem dano à saúde e causam febre a quem se desmanda nelas. E assadas maduras são muito sadias e mandam-se dar aos enfermos. Com esta fruta se mantém a maior parte dos escravos desta terra, porque assadas verdes passam por mantimento, e quase têm sustância de pão. Há duas qualidades desta fruta, umas são pequenas como figos berjaçotes, as outras são maiores e mais compridas. Estas pequenas têm dentro em si uma cousa estranha, a qual é que quando as cortam pelo meio com uma faca ou por qualquer parte que seja acha-se nelas um sinal à maneira de crucifixo, e assim totalmente o parecem. Também há uma fruta que se chama bracasas,¹² são como nêspersas posto que comam muita não fazem mal à saúde. Há muita pimenta da terra, come-se verde, queima muito em grande maneira. Outras muitas frutas há pelo mato dentro de diversas qualidades, e são tantas que se já acharam pela terra dentro algumas pessoas e sustentaram-se com elas muitos dias sem outro mantimento algum. Estas que aqui escrevo são as que os portugueses têm entre si em mais estima e as melhores da terra. Algumas frutas deste reino se dão nestas partes, *scilicet*, muitos melões, pepinos e figos de muitas castas, romãs, muitas parreiras que dão uvas duas, três vezes no ano, e tanto que umas se acabam, começam logo outras novamente. E desta maneira nunca está o Brasil sem frutas.

De limões e laranjas há muita infinidade; dão-se muito na terra estas árvores de espinho e multiplicam mais que as outras.

12 Fracases, nas *Notícias Ultramarinas*, por araçases, como chamavam aos frutos do araçazeiro (*Psidium*, varspec). – “Ao fruto chamam araçases, que são da feição das nêspersas, mas alguns muito maiores.” – Gabriel Soares de Sousa – *Tratado Descritivo do Brasil em 1587* (Rio de Janeiro, 1851), p. 187.

.....

Capítulo sétimo

DA CONDIÇÃO E COSTUMES DOS ÍNDIOS DA TERRA

NÃO SE pode numerar nem compreender a multidão de bárbaro gentio que semeou a natureza por toda esta terra do Brasil; porque ninguém pode pelo sertão dentro caminhar seguro, nem passar por terra onde não acha povoações de índios armados contra todas as nações humanas, e assim como são muitos permitiu Deus que fossem contrários uns dos outros, e que houvesse entre eles grandes ódios e discórdias, porque se assim não fosse os portugueses não poderiam viver na terra nem seria possível conquistar tamanho poder de gente.

Havia muitos destes índios pela costa junto das capitanias, tudo enfim estava cheio deles quando começaram os portugueses a povoar a terra; mas porque os mesmos índios se alevantaram contra eles e faziam-lhes muitas traições, os governadores e capitães da terra destruíram-nos pouco a pouco e mataram muitos deles, outros fugiram pera o sertão, e assim ficou a costa despovoada de gentio ao longo das capitanias. Junto delas ficaram alguns índios destes nas aldeias que são de paz, e amigos dos portugueses.

A língua deste gentio toda pela costa é, uma: carece de três letras – *scilicet*, não se acha nela F, nem L, nem R, cousa digna de espanto, porque assim não têm Fé, nem Lei, nem Rei; e desta maneira vivem sem Justiça e desordenadamente.

Estes índios andam nus sem cobertura alguma, assim machos como fêmeas, não cobrem parte nenhuma de seu corpo, e trazem descoberto quanto a natureza lhes deu. Vivem todos em aldeias, pode haver em cada uma sete, oito casas, as quais são compridas feitas à maneira de cordoarias; e cada uma delas está cheia de gente duma parte e doutra, e cada um por si tem sua estância e sua rede armada em que dorme, e assim estão todos juntos uns dos outros por ordem, e pelo meio da casa fica um caminho aberto para se servirem. Não há como digo entre eles nenhum Rei, nem Justiça, somente em cada aldeia tem um principal que é como capitão, ao qual obedecem por vontade e não por força; morrendo este principal fica seu filho no mesmo lugar; não serve doutra cousa se não de ir com eles à guerra, e conselhá-los como se hão de haver na peleja, mas não castiga seus erros nem manda sobre eles cousa alguma contra sua vontade. Este principal tem três, quatro mulheres, a primeira tem em mais conta, e faz dela mais caso que das outras. Isto tem por estado e por honra. Não adoram cousa alguma nem têm para si que há na outra vida glória para os bons, e pena para os maus, tudo cuidam que se acaba nesta e que as almas fenecem com os corpos, e assim vivem bestialmente sem ter conta, nem peso, nem medida.

Estes índios são mui belicosos e têm sempre grandes guerras uns contra os outros; nunca se acha neles paz nem é possível haver entre eles amizade; porque umas nações pelejam contra outras e matam-se muitos deles, e assim vai crescendo o ódio cada vez mais e ficam imigos verdadeiros perpetuamente. As armas com que pelejam são arcos e flechas; a cousa que apontarem não na erram, são mui certos com esta arma e mui temidos na guerra, andam sempre nela exercitados. E são mui inclinados a pelejar, e mui valentes e esforçados contra seus adversários, e assim parece cousa estranha ver dous, três mil homens nus duma parte e doutra com grandes assobios e grita frechando uns aos outros; e enquanto dura esta peleja nunca estão com os corpos quedos meneando-se duma parte pera outra com muita ligeireza pera que não possam apontar nem fazer tiro em pessoa certa; algumas velhas costumam apanhar-lhes as flechas pelo chão e servi-los enquanto pelejam. Gente é esta mui atrevida e que teme muito pouco a morte, e quando vão à guerra sempre lhes parece que têm certa a vitória e que nenhum de sua companhia há de

morrer. E quando partem dizem, vamos matar: sem mais considerações, e não cuidam que também podem ser vencidos. Não dão vida a nenhum cativo, todos matam e comem, enfim que suas guerras são mui perigosas, e devem-se ter em muita conta porque uma das cousas que desbaratou muitos portugueses foi a pouca estima em que tinham a guerra dos índios, e o pouco caso que faziam deles, e assim morreram muitos miseravelmente por não se aperceberem como convinha; destes houve muitas mortes desastradas: e isto acontece cada passo nestas partes.

Quando estes índios tomam alguns contrários, se logo com aquele ímpeto os não matam, levam-nos vivos para suas aldeias (ou sejam portugueses ou quaisquer outros índios seus imigos), e tanto que chegam a suas casas lançam uma corda mui grossa ao pescoço do cativo para que não possa fugir, e armam-lhe uma rede em que durma e dão-lhe uma índia moça, a mais formosa e honrada que há na aldeia, pera que durma com ele, e também tenha cuidado de o guardar, e não vai pera parte que não no acompanhe. Esta índia tem cargo de lhe dar muito bem de comer e beber; e depois de o terem desta maneira cinco ou seis meses ou o tempo que querem, determinam de o matar; e fazem grandes cerimônias e festas aqueles dias, e aparelham muitosinhos para se embebedarem, e fazem-nos da raiz duma erva que se chama aipim, a qual fervem primeiro e depois de cozida mastigam-na umas moças virgens, e espremem-na nuns potes grandes, e dali a três ou quatro dias o bebem. E o dia que hão de matar este cativo, pela manhã se alguma ribeira está junto da aldeia levam-no a banhar nela com grandes cantares e folias, e tanto que chegam com ele à aldeia, atam-no pela cinta com quatro cordas cada uma pera sua parte e três, quatro índios pegados e cada ponta destas e assim o levam ao meio dum terreiro, e tiram tanto por estas cordas que não se possa bolir por uma parte nem por outra, as mãos lhe deixam soltas porque folgam de o ver defender com elas. Aquele que o há de matar empena-se primeiro com penas de papagaio de muitas cores por todo o corpo: há de ser este matador o mais valente da terra, e mais honrado. Traz na mão uma espada dum pau muito duro e pesado com que costumam de matar, e chega-se ao padecente dizendo-lhe muitas cousas e ameaçando-lhe sua geração que o mesmo há de fazer a seus parentes; e depois de o ter afrontado com muitas palavras injuriosas dá-lhe uma grande pancada na cabeça, e logo da primeira o mata e lhe fazem pedaços. Está uma índia velha com um cabaço na mão, e assim como ele cai

acode muito depressa com ele a meter-lho na cabeça para tomar os miolos e o sangue: tudo enfim cozem e assam, e não fica dele cousa que não comam. Isto é mais por vingança e por ódio que por se fartarem. Depois que comem a carne destes contrários ficam nos ódios confirmados, e sentem muito esta injúria, e por isso andam sempre a vingarem-se uns contra os outros. E se a moça que dormia com o cativo fica prenhe, aquela criança que pare depois de criada, matam-na e comem-na¹³ e dizem que aquela menina ou menino era seu contrário verdadeiro, e por isso estimam muito comer-lhe a carne e vingar-se dele. E porque a mãe sabe o fim que hão de dar a esta criança, muitas vezes quando se sente prenhe mata-a dentro da barriga e faz com que morra.¹⁴ E acontece algumas vezes afeiçoar-se tanto a este cativo e toma-lhe tanto amor que foge com ele pera sua terra pera o livrar da morte. E assim alguns portugueses há que desta maneira escaparam e estão hoje em dia vivos; e muitos índios que do mesmo modo se salvaram, ainda que são alguns tão brutos que não querem fugir depois de os terem presos; porque houve algum que estava já no terreno atado para padecer e davam-lhe a vida e não quis senão que o matassem, dizendo que seus parentes o não teriam por valente, e que todos correriam com ele; e daqui vem não estimarem a morte; e quando chega aquela hora não na terem em conta nem mostrarem nenhuma tristeza naquele passo.

Finalmente que são estes índios muito desumanos e cruéis, não se movem a nenhuma piedade: vivem como brutos animais sem ordem nem concerto de homens, são muito desonestos e dados à sensualidade e entregam-se aos vícios como se neles não houvera razão de humanos, ainda que, todavia sempre têm resguardo os machos e as fêmeas em seu ajuntamento, e mostram ter nisto alguma vergonha. Todos comem carne humana e têm-na pela melhor iguaria de quantas pode haver: não de seus amigos com quem ele tem paz se não dos contrários. Têm esta qualidade estes índios que de qualquer cousa que comam por pequena que seja hão de convidar com ela quantos estiverem presentes, só esta proximidade se acha entre eles. Comem de quantos bichos se criam na terra, outro nenhum enjeitam por peçonhento que seja, somente aranha.

13 ... “e cozem-na” – nas *Notícias Ultramarinas*.

14 ... “mova” – Ibidem.

Têm estes índios machos por costume arrancar toda a barba e não consentem nenhum cabelo em parte alguma de seu corpo, salvo na cabeça, ainda que arredor dela por baixo tudo arrancam. As fêmeas presam-se muito de seus cabelos e trazem-nos muito compridos e penteados e as mais delas enastrados. Os machos costumam trazer o beijo furado e uma pedra no buraco metida por galantaria; outros há que trazem o rosto todo cheio de buracos e assim parecem muito feios e disformes: isto lhes fazem quando são meninos. Também alguns índios andam pintados por todo o corpo, pelo qual fazem uns riscos escritos na carne: isto não traz senão quem tem feito alguma valentia. E assim também machos como fêmeas costumam tingir-se como sumo duma fruta que se chama jenipapo, que é verde quando se pisa e depois que põe no corpo e se enxuga fica muito negro e por muito que se lave não se tira senão aos nove dias: isto tudo fazem por galantaria.

Estas índias guardam castidade a seus maridos e são muito suas amigas, porque também eles sofrem mal adultérios; casam os mais deles com suas sobrinhas, filhas de seus irmãos ou irmãs, estas são suas mulheres verdadeiras, e não lhas podem negar seus pais.

Algumas índias se acham nestas partes que juram e prometem castidade, e assim não casam nem conhecem homem algum de nenhuma qualidade, nem no consentirão ainda que por isso as matem. Estas deixam todo o exercício de mulheres e imitam os homens e seguem seus ofícios como se não fossem mulheres, e cortam seus cabelos da mesma maneira que os machos trazem, e vão à guerra com seu arco e frechas e à caça: enfim que andam sempre na companhia dos homens, e cada uma tem mulher que a serve e que lhe faz de comer como se fossem casados.

Estes índios vivem mui descansados, não têm cuidado de cousa alguma senão de comer e beber e matar gente; e por isso são muito gordos em extremo; e assim também com qualquer desgosto emagrecem muito; e como se agastam de qualquer cousa comem terra e desta maneira morrem muitos deles bestialmente. Todos seguem muito o conselho das velhas, tudo o que elas lhes dizem fazem e têm-no por muito certo: daqui vem muitos moradores não comprarem nenhuma por lhes não fazerem fugir seus escravos. Quando estas índias parem a primeira cousa que fazem depois do parto levam-se todas num ribeiro e ficam tão bem dispostas como

se não pariram; em lugar delas se deitam seus maridos nas redes, e assim os visitam e curam como se eles fossem os paridos.

Quando algum destes índios morre costumam enterrá-lo numa cova assentado sobre os pés, com sua rede às costas em que ele dormia, e logo pelos primeiros dias põem-lhe de comer em cima da cova. Outras muitas bestialidades usam estes índios que aqui não escrevo, porque minha tenção foi não ser comprido, e passar por tudo isso com brevidade.

DOS RESGATES

Estes índios não possuem nenhuma fazenda, nem procuram adquirir-la como os outros homens, somente cobiçam muito algumas cousas que são deste Reino – *scilicet*, camisas, pelotes, ferramentas e outras cousas que eles têm em muita estima e desejam muito alcançar dos portugueses. A troca disto se vendiam uns aos outros, e os portugueses resgatavam muitos deles e salteavam quantos queriam sem ninguém lhes ir à mão, mas já agora não há isto na terra nem resgates como soía, porque depois que os padres da Companhia vieram a estas partes proveram neste negócio e vedaram muitos saltos que faziam os portugueses por esta costa, os quais encarregavam muito suas consciências com cativarem muitos índios contra direito e moverem-lhes guerras injustas. E por isso ordenaram os padres e fizeram com os capitães da terra que não houvesse mais resgates nem consentissem que fosse nenhum português e suas aldeias sem licença do mesmo capitão. E quantos escravos agora vêm novamente do sertão ou das outras capitânicas todos levam primeiro à Alfândega e ali os examinam e lhes fazem perguntas quem os vendeu, ou como foram resgatados, porque ninguém os pode vender senão seus pais ou aqueles que em justa guerra os cativam, e os que acham mal adquiridos põem-nos em sua liberdade, e desta maneira quantos índios se compram são bem resgatados, e os moradores da terra não deixam por isso de ir muito avante com suas fazendas.

.....

Capítulo oitavo

DOS BICHOS DA TERRA

NÃO ME pareceu cousa fora de propósito tratar também neste Sumário de alguns bichos que nestas partes se criam, pois tudo há nesta mesma terra, dado que daqui se não compreenda mais que a diferença e a variedade das criaturas que há dumas terras para outras.

Há nestas partes muitos bichos ferozes e peçonhentos, principalmente cobras de muitas castas e de nomes diversos. Umas há tão grandes e tão disformes que engolem um veado todo inteiro, e afirmam que tem esta cobra tal qualidade que depois de o ter comido arrebenta pela barriga e apodrece com a cabeça e a ponta do rabo sãs; e tanto que desta maneira fica torna pouco a pouco a criar carne nova até que se cobre outra vez da mesma carne tão perfeitamente como a de antes: isto viram e experimentaram muitos índios e moradores da terra, a estas chamam pela língua dos índios jiboioçu. Outras há muito maiores e peçonhentas, de outra casta diferente, são tão grandes em tanto extremo que apenas dezesseis índios podiam levar uma que mataram junto da costa entre os portugueses; a esta cobra chamam surucucu. Outra geração há delas que lhe chamam boiteninga, tem na ponta do rabo uma cousa que soa propriamente como cascavel, e por onde esta cobra vai sempre anda rugindo, é uma das feras bichas que há na terra. Outras há na terra que lhe chamam hebijaras, têm duas bocas uma na cabeça outra no

rabo, mordem com ambas: esta cobra é branca e muito curta, o mais do tempo está debaixo da terra, é peçonhentíssima sobre todas; quem desta for mordido não terá vida muitas horas, e assim qualquer destas outras que mordem alguma pessoa o mais que dura são vinte e quatro horas. Há outra qualidade delas que não têm dentes nem mordem. Estas não são peçonhentas nem tampouco muito grandes, chamam-lhes japaranas. Também afirmam alguns homens que viram serpentes nesta terra com asas muito grandes e espantosas, mas acham-se raramente.

Há muitos lagartos e grandes pelos rios d'água doce e pelos matos, cujos testículos cheiram melhor que almisce. E a qualquer roupa que o cheiro fica o cheiro pegado por muitos dias.

Os bichos mais ferozes e mais danosos que há na terra são tigres, e estes animais são deles tamanhos como bezerros, vão-se aos currais do gado dos moradores e matam muito dele e são tão ferozes e forçosos que uma mão que lançam a uma vitela ou novilho lhe fazem botar os miolos fora e levam-no arrasto pera o mato. Também pela terra dentro matam e comem alguns índios quando se acham famintos. Sobem pelas árvores como gatos, e dali espreitam a caça que por baixo passa e remetem de salto a ela, e desta maneira não lhes escapa nada: alguns destes animais matam em fojos os moradores da terra.

Toda esta terra do Brasil é coberta de formigas pequenas e grandes, estas fazem algum dano às parreiras dos moradores, e às laranjeiras que têm nos quintais; e se não foram estas formigas houvera porventura muitas vinhas no Brasil ainda que lá são pouco necessárias porque deste Reino vai tanto vinho que sempre a terra dele está provida. Também há muita infinidade de mosquitos, principalmente ao longo de algum rio entre umas árvores que se chamam mangues, não pode nenhuma pessoa esperá-los; e pelo mato quando não há viração são muito sobejos e perseguem muito a gente.

Também há uma geração de ratos que trazem os filhinhos pendurados na barriga, e ali se criam e andam assim pegados até serem grandes. Bugios há muito e de muitas castas, como já se sabe. Tanto que as fêmeas parem pegam-se os filhos nas suas costas e sempre andam cavalgados nas mais até serem bem criados. É posto que as persigam e as matem não se querem desapegar delas. Há também muitos lobos-mari-

nhos e porcos-marinhos que se criam no mar e na terra. Outros muitos bichos há nestas partes pela terra dentro que será impossível poderem se conhecer nem escrever tanta multidão, porque assim como a terra é grandíssima, assim são muitas as qualidades e feições das criaturas que Deus nela criou.

.....

Capítulo nono

DA TERRA QUE CERTOS HOMENS DA CAPITANIA DE PORTO SEGURO FORAM A DESCOBRIR, E DO QUE ACHARAM NELA

POSTO que minha tenção não era tratar neste Sumário senão das cousas que são gerais por toda a costa do Brasil, de que os moradores da terra participam, pareceu-me também necessário e conveniente aos louvores da terra denunciar neste capítulo a riqueza dos metais que afirmam haver por ela dentro, provado tudo isto com pessoas que o acharam, viram, e experimentaram: e a maneira como se descobriu foi esta que se segue.

A esta Capitania de Porto Seguro chegaram certos índios do sertão a dar novas dumas pedras verdes que havia numa serra muitas léguas pela terra dentro, e traziam algumas delas por amostra, as quais eram esmeraldas, mas não de muito preço. E os mesmos índios diziam que daquelas havia muitas, e que esta serra era muito formosa e resplandecente. Tanto que os moradores desta capitania disto foram certificados, fizeram-se prestes cinqüenta ou sessenta portugueses com alguns índios da terra e partiram pelo sertão dentro com determinação de chegar a esta serra onde estas pedras estavam. Ia por capitão desta gente um Martim Carvalho, que agora é morador da Bahia de Todos os Santos; entraram pela terra algumas duzentas e vinte léguas, onde as mais das serras que acharam e viram eram de muito fino cristal e toda a terra em si muito fragosa, e outras muitas serras de uma terra azulada, nas quais afirmaram

haver muito ouro, porque indo eles por¹⁵ entre duas serras, desta maneira foram dar num ribeiro que pelo pé duma delas descia, no qual acharam entre a areia uns grãos miúdos amarelos, os quais alguns homens apalparam com os dentes e acharam-nos brandos, mas não se desfaziam. Finalmente que todos assentaram ser aquilo ouro nem podia ser outro metal, pois o mesmo ouro desta maneira nasce nas partes onde o há. Apanharam destes grãos entre a areia do ribeiro quantidade dum punhado, os quais acharam muito pesados, que também era prova de ser ouro: disto não fizeram mais¹⁶ experiência por ser aquilo no deserto e haver muitos dias que padeciam grande fome nem comiam outra coisa senão semente de ervas,¹⁷ e alguma cobra que matavam: passaram adiante determinando a vinda tornar por ali apercebidos de mantimentos para buscarem a serra mais devagar, donde aquele ouro descia ao ribeiro. Acharam pelos matos muita canafístula, e por este caminho acharam outros muitos metais que não conheceram, nem podiam esperar pelas guerras dos índios que se alevantaram contra eles. Alguns índios lhes deram notícia segundo a menção que faziam que podiam estar cem léguas da serra das pedras verdes que iam buscar, e que não havia muito dali ao Peru, finalmente que com os amigos que recreciam¹⁸ e pela gente que adoecia tornaram-se outra vez em almadias por um rio que se chama Cricaré, onde se perdeu numa cachoeira a canoa em que vinham os grãos de ouro que traziam pera mostra. Nesta viagem gastaram oito meses, e assim desbaratados chegaram a esta Capitania de Porto Seguro.

Os que deste perigo escaparam afirmaram haver naquelas partes muito ouro, segundo as mostras e os sinais que acharam. E se lá tornar gente apercebida como convém, com toda a provisão necessária, e levarem pessoas que disto conheçam, dizem que se descobrirão nesta terra grandes minas.

15 Nas *Notícias Ultramarinas* falta a expressão – indo eles por – substituída por uma reticência. O ms. da Bibl. do Porto supre a lacuna.

16 Nas *Notícias Ultramarinas* falta o advérbio mais.

17 ... “somente ervas” – nas *Notícias Ultramarinas*.

18 ... “receavam” nas *Notícias Ultramarinas*.

Quisera escrever mais miudamente das particularidades desta província do Brasil, mas por que satisfizesse a todos com brevidade guardei-me de ser comprido; posto que os louvores da terra pedissem outro livro mais copioso e de maior volume, onde se compreendessem por extenso as excelências e diversidades das cousas que há nela para remédio e proveito dos homens que lá forem viver. E porque a felicidade e aumento desta província consiste em ser povoada de muita gente, não havia de haver pessoa pobre nestes reinos que não fosse viver a estas partes com favor de S. A. onde os homens vivem todos abastados, e fora das necessidades que cá padecem. E desta maneira permitirá Deus que floresça tanto a terra desta nova Lusitânia, que com ela se aumente muito a Coroa destes reinos, e seja dos outros invejada para que não desejemos terras estranhas; prometendo esta nossa tanta riqueza e prosperidade aos que a forem buscar para seu remédio.

HISTÓRIA
DA
PROVÍNCIA SANTA CRUZ

.....

Aprovação

*L*I A presente obra de Pero de Magalhães, por mandado dos Senhores do Conselho geral da Inquisição, e não tem cousa que seja contra nossa Santa Fé católica, nem os bons costumes, antes muitas, muito para ler, hoje dez de novembro de 1575. – Francisco de Gouveia.

Vista a informação, pode-se imprimir, e torne o próprio com um dos impressos a esta Mesa: e este despacho se imprimirá no princípio do Livro com a dita informação. Em Évora a dez de novembro. – Manuel Antunes, Secretário do Conselho Geral do Santo Ofício da Inquisição o fez de 1575 anos. – Lião Anriques. – Manuel dos Coadros.

AO MUITO ILUSTRE SENHOR DOM LIONIS PEREIRA
SOBRE O LIVRO QUE LHE OFERECE PERO DE MAGALHÃES

TERCETOS DE LUÍS DE CAMÕES

Depois que Magalhães teve tecida
A breve história sua que ilustrasse
A Terra Santa Cruz pouco sabida;
Imaginando a quem a dedicasse,
ou com cujo favor defenderia
Seu livro, de algum zoilo que ladrasse,
Tendo nisto ocupada a fantasia,
Lhe sobreveio um sono repousado,
Antes que o Sol abrisse claro dia,
Em sonhos lhe aparece todo armado
Marte, brandindo a lança furiosa,
Com que fez quem o viu todo enfiado,
Dizendo em voz pesada e temerosa:
Não é justo que a outra se ofereça
Nenhuma obra que possa ser famosa,
Se não a quem por armas resplandeça
Na mundo todo com tal nome e fama,
Que louvor imortal sempre mereça,
Isto assim dito, Apolo que da flama¹
Celeste guia os carros, da outra parte
Se lhe apresenta, e por seu nome a chama,
Dizendo: Magalhães, posto que Marte
Com seu terror t'espante, todavia

1 “Disse assim: quando Apolo, que da flama...” (Obras completas de Luís de Camões, Tomo III, Elegia IV edição de J. V. Barreto Feio e J. G. Monteiro) – *Nota da edição de Lisboa de 1858.*

Comigo deves só aconselhar-te²
Um barão sapiente, em quem Talia
Por seus tesouros, e eu minha ciência,
Defender tuas abras poderia.
É justo que a escritura na prudência
Ache sua defesa; porque a dureza
Das armas, é contrária da eloquência.
Assim disse: e tocando com destreza
A cítara dourada começou
De mitigar de Marte a fortaleza:
Mas Mercúrio, que sempre costumou
A despartir porfias duvidosas,
Com o caduceu na mão que sempre usou,
Determina compor as perigosas
Opiniões dos deuses inimigos,
Com razões boas, justas e amorosas,
E disse, nem sabemos dos antigos
Heróis, e dos modernos que provaram
De Belona os gravíssimos perigos,
Que também muitas vezes ajudaram
As armas eloquência; porque as Musas
Mil capitães na guerra acompanharam.
Nunca Alexandre ou César, nas confusas
Guerras deixaram o estudo num breve espaço³.
Nem armas das ciências são escusas⁴.
Numa mão livros, noutra ferro e aço:
A uma rege e ensina e outra fere⁵
Mais com o saber se vence que com o braço.

2 “Comigo deves só de aconselhar-te” – Ibidem.

3 “Guerras o estudo deixam grande espaço”. – Ibidem.

4 “Que as armas jamais dele são escusas”. – Ibidem.

5 “Aquele rege e ensina; este, outra fere”. Ibidem.

Pois, logo barão grande se requiere,
 Que com teus dons Apolo ilustre seja,
 E de ti Marte palma e glória espere.
 Este vos darei, eu em que se veja,⁶
 Saber e esforço no sereno peito,
 Que é Dom Lionis que faz ao mundo inveja.⁷
 Deste as irmãs em vendo o bom sujeito,
 Todas nove nos braços a tomaram,
 Criando-a com seu leite no seu leito.
 As artes e ciência lhe ensinaram,⁸
 Inclinações divinas lhe influíram
 As virtudes morais que o logo ornaram.⁹
 Daqui os exercícios o seguiram,¹⁰
 Das armas no Oriente, onde primeiro,
 Um soldado gentil os instituíram.
 Ali tais provas fez de Cavaleiro,
 Que de Cristão magnânimo e seguro,
 Assim mesmo venceu por derradeiro.¹¹
 Depois já Capitão forte e maduro
 Governando toda Áurea Quersoneso,
 Lhe defendeu com o braço o débil muro.
 Porque vindo a cercá-la todo o peso
 Do poder dos Achéns, que se sustenta
 Do sangue alheio, em fúria todo aceso.¹²
 Este só que a ti Marte representa
 O castigou de sorte, que o vencido¹³

6 “Este vos darei eu, em quem se veja”. – Ibidem

7 “Que é um Leonis que faz ao anúncio inveja”. – Ibidem.

8 “As artes e as ciências lhe ensinaram”. – Ibidem.

9 “Às virtudes morais, que logo o ornaram”. Ibidem.

10 “De aqui nos exercícios o seguiram”. – Ibidem.

11 “A si mesmo venceu por derradeiro”. – Ibidem.

12 “De alheio sangue, em fúria todo aceso”. – Ibidem.

13 “O castigou de sorte, que vencido”. – Ibidem.

De ter quem fique vivo se contenta.
Pois tanto que o grã Reino defendido¹⁴
Deixou: Segunda vez com maior glória
Para o ir governar foi elegido.
Mas não perdendo ainda da memória
Os amigos o seu governo brando
Os amigos o dano da vitória.
Uns com amor intrínseco esperando
Estão por ele, e os outros congelados
O vão com temor frio receando.¹⁵
Pois vede se serão desbaratados¹⁶
De todo por seu braço, se tornasse¹⁷
E dos mares da Índia degradados¹⁸.
Porque é justo que nunca lhe negasse
O conselho do Olimpo alto e subido
Favor e ajuda com que pelejasse
Pois aqui certo está bem dirigido,¹⁹
De Magalhães o livro, este só deve²⁰
De ser de vós ó deuses escolhidos.²¹
Isto Mercúrio disse: e logo em breve²²
Se conformaram nisto, Apolo e Marte,²³
E voou juntamente o sono leve.
Acorda Magalhães, e já se parte
A vos oferecer Senhor famoso²⁴

14 “E logo que este Reino defendido”. – *Ibidem*.

15 “O estão com frio medo receado”. – *Ibidem*.

16 “Vede, pois se delatados”. – *Ibidem*.

17 “Por seu claro valor, se ta tornasse”. – *Ibidem*.

18 “E dos índicos mares degradados”. – *Ibidem*.

19 “Aqui só pode ser bem dirigido”. – *Ibidem*.

20 “De Magalhães o estudo: este só deve”. – *Ibidem*.

21 “Ser de vós, claros deuses, escolhido”. – *Ibidem*.

22 “Assim Mercúrio disse: e em termo breve”. – *Ibidem*.

23 “Conformados se vem Apolo e Marte”. – *Ibidem*.

24 “A oferecer-vos, Senhor claro e famoso”. – *Ibidem*.

Tudo o que nele pôs, ciência e arte.
Tem claro estilo, engenho curioso
Para poder ele vós sem recebido,
Com mão benigna de ânimo amoroso.
Porque só de não ser favorecido²⁵
Um claro espírito, fica baixo e escuro²⁶
E seja ele convosco defendido²⁷
Como o foi ele Malaca o fraco muro.²⁸

“Confrontamos estas cópia com a elegia que vem nas obras completas de Camões em três edições diversas, a do senhor Barreto Feio e J. G. Monteiro, Hamburgo, 1834, a de Simão Tacea Ferreira, ano de 1783, e a recente publicada em Lisboa em 1852. Escritório da Biblioteca Portuguesa; e notamos aqui as principais variantes.” – (Nota da edição de Lisboa, de 1858).

25 “Pois se só de mão ser favorecido”. – Ibidem.

26 “Um alto espírito fica baixo e escuro”. – Ibidem.

27 “Este seja convosco defendido”. – Ibidem.

28 “Como o foi de Malaca o débil muro”. – Ibidem.

SONETO DO MESMO AUTOR AO
SENHOR DOM LIONIS, ACERCA DA VITÓRIA QUE HOUE
CONTRA EL-REI DO ACHÉM E MALACA

Vós Ninfas da Gangélica espessura,
Cantai suavemente em voz sonora
Um grande Capitão, que a roxa Aurora
Dos filhos defendeu da noite escura,
Ajuntou-se a caterva negra e dura,
Que na Áurea Quersoneso afouta mora,
Para lançar do caro ninho fora
Aqueles que mais podem que a ventura;
Mas um forte Leão com pouca gente,
A multidão tão fera como néscia,
Destruindo castiga, e torna fraca.
Pois é Ninfas cantai, que claramente
Mais de que Leônidas fez em Grécia
O nobre Lionis fez em Malaca.

AO MUITO ILUSTRE SENHOR DOM LIONIS PEREIRA

EPÍSTOLA DE PERO DE MAGALHÃES

Neste pequeno serviço, muito ilustre senhor, que ofereço a V. M. das primícias de meu fraco entendimento poderá alguma maneira conhecer os desejos que tenho de pagar com minha responsabilidade alguma parte do muito que se deve a ínclita fama do vosso heróico nome. E isto assim pelo merecimento do nobilíssimo sangue e clara progênie e donde traz sua origem, como pelos troféus das grandes vitórias e casos bem afortunados que lhe hão sucedido nessas partes do Oriente em que Deus o quis favorecer com tão larga mão, que não cuido ser toda minha vida bastante para satisfazer à menor parte dos seus louvores. E como todas estas razões me ponham em tanta obrigação, e eu entenda que outra nenhuma coisa deve ser mais aceita a pessoas de altos ânimos que lição das escrituras, por meios se alcançam os segredos de todas as ciências, e os homens vêm a ilustrar seus nomes, e perpetuá-los na terra com fama imortal, determinei escolher a V. M. entre os mais Senhores da terra, e dedicar-lhe esta breve história. A qual eu espero que folgue de ver com atenção, e receber-me benignamente debaixo do seu amparo: assim por ser cousa nova, e eu a escrever como testemunha de vista: como por saber quão particular afeição V. M. tem às cousas do engenho, e que por esta causa lhe não será menos aceito o exercício das escrituras que o das armas. Por onde com muita razão favorecido desta confiança possa seguramente sair à luz com esta pequena empresa, e divulgada pela Terra sem nenhum receio, tendo por defensor dela a V. M. Cuja muito ilustre pessoa Nosso Senhor guarde e acrescente sua vida e estado por longos e felizes anos.

.....

Prólogo ao leitor

A CAUSA principal que me obrigou a lançar mão da presente história, e sair com ela à luz, foi por não haver até agora pessoa que a empreendesse, havendo já setenta e tantos anos que esta província é descoberta. A qual história creio que mais esteve sepultada em tanto silêncio, pelo pouco caso que os portugueses fizeram sempre da mesma província, que por faltarem na terra pessoas de engenho, e curiosas que por melhor estilo, e mais copiosamente que eu a escrevessem. Porém já que os estrangeiros a têm noutra estima, e sabem suas particularidades melhor e mais de raiz que nós (aos quais lançaram já os portugueses fora dela à força darmas por muitas vezes) parece cousa docente e necessária terem também os nossos naturais a mesma notícia, especialmente pera que todos aqueles que nestes Reinos vivem em pobreza não duvidem escolhê-la para seu amparo: porque a mesma terra é tal, e tão favorável aos que a vão buscar, que a todos agasalha e convida com remédio por pobres e desamparados que sejam. E também há nela cousas dignas de grande admiração e tão notáveis que parecera descuido e pouca curiosidade nossa, não fazer menção delas em algum discurso, e dá-las em perpétua memória, como costumavam os antigos: aos quais não escapava cousa alguma que por extenso não reduzissem a história, e fizessem menção em suas escrituras de cousas menores que estas, as quais hoje em dia vivem entre nós como sabemos, e viverão eternamente. E se os antigos portugueses, e ainda os modernos não foram tão pouco afeiçoados à escritura como são; não se perderão tantas antiguidades entre nós, de que agora carecemos nem

houvera tão profundo esquecimento de muitas cousas, em cujo estudo têm muitos homens doutos cansado, e revolvido grande cópia de livros sem as poderem descobrir nem recuperar da maneira que passaram. Daqui vinha aos gregos e romanos haver todas as outras nações bárbaras, e na verdade com razão lhes podiam dar este nome, pois eram tão pouco solícitos, e cobiçosos de honra que por sua mesma culpa deixavam de morrer aquelas cousas que lhes podiam dar nome, e fazê-los imortais. Como pois a escritura seja vida da memória, e a memória uma semelhança da imortalidade a que todos devemos aspirar, pela parte que dela nos cabe, quis movido destas razões, fazer esta breve história, para cujo ornamento não busquei epítetos esquisitos, nem outra formosura de vocábulos de que os eloqüentes oradores costumam usar para com artifício de palavras engrandecerem suas obras. Somente procurei escrever esta na verdade por um estilo fácil, e chão, como meu fraco engenho me ajudou, desejoso de agradar a todos os que dela quiseram ter notícia. Pelo que devo ser desculpado das faltas que aqui me podem notar: digo dos discretos, que com seu zelo o costumam fazer que dos idiotas e mal dizeses bem sei que não hei de escapar, pois está certo não perdoarem a ninguém.

.....

Capítulo I

DE COMO SE DESCOBRIU ESTA PROVÍNCIA, E A RAZÃO POR QUE SE DEVE CHAMAR SANTA CRUZ E NÃO BRASIL

REINANDO aquele muito Católico e Sereníssimo Príncipe el-Rei Dom Manuel, fez-se uma frota para a Índia, de que ia por capitão-mor Pedro Álvares Cabral, que foi a segunda navegação que fizeram os portugueses para aquelas partes do Oriente. A qual partiu da Cidade de Lisboa a 9 de março, ao ano de 1500. E sendo já entre as ilhas do Cabo Verde, as quais iam demandar para fazer ali aguada, deu-lhes um temporal, que foi causa delas não poderem tomar, e desse apartarem alguns navios da companhia. E depois de haver bonança junta outra vez a frota, empregaram-se ao mar, assim por fugirem das calmarias de Guiné que lhes podiam estorvar sua viagem, como por lhes ficar largo poderem dobrar o cabo de Boa Esperança. E havendo já um mês que iam naquela volta navegando com vento próspero, foram dar na costa desta província: ao longo da qual cortaram todo aquele dia, parecendo a todos que era alguma grande ilha que ali estava sem haver piloto nem outra pessoa alguma que tivesse notícia dela nem que presumisse que podia estar terra firme para aquela parte ocidental. E no lugar que lhes pareceu dela mais acomodado, surgiram àquela tarde, onde logo tiveram vista da gente da terra: de cuja semelhança não ficaram pouco admirados, porque era diferente da de Guiné, e fora do comum parecer de toda outra que tinham visto. Estando assim juntos nesta

parte que digo saltou aquela noite com eles tanto tempo, que lhes foi forçado levarem as âncoras, e com aquele vento que lhes era largo por aquele rumo, foram correndo a costa até chegarem a um porto limpo, e de bom surgidouro onde entraram: ao qual puseram então este nome que hoje em dia tem de Porto Seguro, por lhes dar colheita, e os assegurar do perigo da tempestade que levavam. Ao outro dia seguinte saiu Pedro Álvares em terra com a maior parte da gente: na qual se disse logo missa cantada, e houve pregassem: e os índios da terra que ali se ajuntaram ouviram tudo com muita quietação, usando de todos os atos e cerimônias que viam fazer aos nossos: e assim se punham de joelhos e batiam nos peitos como se tiveram lume de Fé, ou que por alguma via lhes fora revelado aquele grande e inefável mistério do Santíssimo Sacramento, no que se mostravam claramente estarem dispostos para receberem a doutrina Cristã a todo o tempo que lhes fosse denunciada como gente que não tinham impedimento de ídolos, nem protestava outra lei alguma que pudesse contradizer a esta nossa, como adiante se verá no capítulo que trata de seus costumes. Então despedia logo Pedro Álvares um navio com a nova a el-Rei Dom Manuel, a qual foi dele recebida com muito prazer e contentamento e dali por diante começou logo de mandar alguns navios a estas partes e assim se foi a terra descobrindo pouco a pouco, e conhecendo de cada vez mais, até que depois se veio toda a repartir em capitánias e a povoar da maneira que agora está. E tornando a Pedro Álvares, seu descobridor, passado alguns dias que ali esteve fazendo sua aguada e esperando por tempo que lhe servisse antes de se partir por deixar nome aquela província, por ele novamente descoberta, mandou alçar uma cruz no mais alto lugar de uma árvore, onde foi arvorada com grande solenidade e bênção de sacerdotes que levava em sua companhia, dando à terra este nome de Santa Cruz: cuja festa celebrava naquele mesmo dia a Santa Madre Igreja, que era aos três de maio. O que não parece carecer de Mistério, porque assim como nestes reinos de Portugal trazem a cruz no peito por insígnia de Ordem e Cavalaria de Cristo, assim prouve a ele que esta terra se descobrisse a tempo que o tal nome lhe pudesse ser dado neste santo dia, pois havia de ser possuída de portugueses, e ficar por herança de patrimônio ao Mestrado da mesma Ordem de Cristo. Por onde não parece reação que lhe neguemos este nome, nem que nos esqueçamos dele tão indevidamente por que lhe deu o vulgo mal

considerado, depois que o pau da tinta começou de vir a estes Reinos: ao qual chamaram Brasil por ser vermelho, e ter semelhança de brasa, e daqui ficou a terra com este nome de Brasil. Mas para que nesta parte magoemos ao Demônio, que tanto trabalhou e trabalha por extinguir a memória a Santa Cruz e desterra-lá dos corações dos homens, mediante a qual somos redimidos e livrados do poder de sua tirania, tornemos-lhe a restituir seu nome e chamemos-lhe Província de Santa Cruz, como em princípio (que assim o mostra também aquele ilustre e famoso escritor João de Barros na sua própria década, tratando deste mesmo descobrimento) porque na verdade mais é destinar, e melhor é nos ouvidos da gente Cristã o nome de um pau em que se obrou o mistério de nossa redenção que outro que não serve de mais que de tingir panos ou cousas semelhantes.

.....

Capítulo II

EM QUE SE DESCREVE O SÍTIO E QUALIDADES DESTA PROVÍNCIA

ESTA província Santa Cruz está situada naquela grande América, uma das quatro partes do mundo. Dista o seu princípio dois graus da equinocial para a banda do sul, e daí se vai estendendo para o mesmo sul até quarenta e cinco graus. De maneira que parte dela fica situada debaixo da zona tórrida e parte debaixo da temperada. Está formada esta província à maneira de uma harpa, cuja costa pela banda do norte corre do Oriente ao Ocidente e está olhando diretamente a equinocial; e pela do sul confina com outras províncias da mesma América povoadas e possuídas de povo gentílico, com que ainda não temos comunicação. E pela do Oriente confina com o mar Oceano Índico, e olha diretamente os Reinos de Congo e Angola até o cabo de Boa Esperança, que é o seu oposto. E pela do Ocidente confina com as altíssimas serras dos Andes e fraldas do Peru, as quais são tão soberbas em cima da terra na que se diz terem as aves trabalho em as passar. E até hoje um só caminho lhe acharam os homens vindos do Peru a esta província, e este tão agreste que em o passar parecem algumas pessoas caindo do estreito caminho que trazem, e vão parar os corpos mortos tão longe dos vivos que nunca os mais vêm, nem podem ainda que queiram dar-lhe sepultura.

Destes e outros extremos semelhantes carece esta Província Santa Cruz: porque com ser tão grande não tem serras, ainda que muitas, nem desertos nem alagadiços que com facilidade se não possam atravessar. Além disto é esta Província sem contradição a melhor para a vida do homem que cada uma das outras de América, por ser comumente de bons ares e fertilíssimo, e em grande maneira deleitosa e aprazível a vista humana. O ser ela tão salutífera e livre de enfermidades, procede dos ventos que geralmente cursam nela: os quais são nordestes e sul, e algumas vezes leste e lés-suestes. E como todos estes procedam da parte do mar, vêm tão puros e coados, que não somente não dão: mas recriam e acrescentam a vida do homem. A viração destes ventos entra ao meio-dia pouco mais ou menos e dura até de madrugada: então cessa por causa dos vapores da terra que o apagam, e quando amanhece as mais das vezes está o céu todo coberto de nuvens, e assim as mais das manhãs chove nestas partes, e fica a terra toda coberta de névoa por respeito de ter muitos arvoredos que chamam a si todos estes humores. E neste intervalo sopra um vento brando que na terra se gera, até que o Sol com seus raios o acalma e entrando o vento do mar acostumado, torna o dia claro e sereno, e faz ficar a terra limpa e desimpedida de todas estas exalações.

Esta província é à vista muito deliciosa e fresca em grande maneira: toda está vestida de muito alto e espesso arvoredo, regada com as águas de muitas e muitas preciosas ribeiras de que abundantemente participa toda a terra, onde permanece sempre a verdura com aquela temperança da primavera que cá nos oferece abril e maio. E isto causa não haver lá frios, nem ruínas de inverno que ofendam as suas plantas, como cá ofendem às nossas. Enfim que assim se houve a natureza com todas as cousas desta província, e de tal maneira se comedia na temperança dos ares, que nunca nela se sente frio nem quentura excessiva.

As fontes que há na terra são infinitas, cujas águas fazem crescer a muitos e muitos grandes rios que por esta costa, assim da banda do norte, como do Oriente, entram no mar oceano. Alguns deles nascem no interior do sertão, os quais vêm por longas e tortuosas vias a buscar o mesmo oceano: onde suas correntes fazem afastarem as marinhas águas por força, e entram nele com tanto ímpeto, que com muita dificuldade e perigo se pode por eles navegar. Um dos mais famosos e principiais que há nestas

partes é o das Amazonas, o qual sai ao norte meio grau da equinocial para o sul e tem trinta léguas de boca pouco mais ou menos. Este rio tem na entrada muitas ilhas que o dividem em diversas partes e nasce de uma lagoa que está cem léguas do mar do Sul ao pé de umas serras do Quito, província do Peru, de onde partiram já algumas embarcações de castelhanos, e navegando por ele abaixo vieram sair em o mar oceano, meio grau equinocial, que será distância de 600 léguas por linha direta, não contando as mais que se acrescentam nas voltas que faz o mesmo rio. Outro muito grande cinqüenta léguas deste para Oriente sai também ao norte, a que chamam rio do Maranhão. Tem dentro muitas ilhas, e uma no meio da barra que está povoada de gentio, ao longo da qual podem surgir quaisquer embarcações. Terá este rio sete léguas de boca pela qual entra tanta abundância de água salgada, que daí cinqüenta léguas pelo sertão dentro, é nem mais nem menos como um braço de mar até onde se pode navegar per entre as ilhas sem nenhum impedimento. Aqui se metem dois rios nele que vêm do sertão, por um dos quais entraram alguns portugueses quando foi do descobrimento que foram fazer no ano de 35, e navegaram por ele a cima duzentas e cinqüenta léguas até que não puderam ir mais por diante por causa da água ser pouca, e o rio se ir estreitando de maneira que não podiam já por ele caber as embarcações. Do outro não descobriram cousa alguma e assim se não sabe até agora donde procedem ambos.

Outro muito notável sai pela banda do Oriente ao mesmo oceano a que chamam de São Francisco: cuja boca está em dez graus e um terço, e será meia légua de largo. Este rio entra tão soberbo no mar, e com tanta fúria que não chega a maré à boca, somente faz algum tanto represar suas águas e daí três léguas ao mar se acha água doce. Corre-se da boca, do sul para o norte: dentro é muito fundo e limpo, e pode-se navegar por ele até sessenta léguas como já se navegou. E daí por diante se não pode passar por respeito de uma cachoeira mui grande que há neste passo onde cai o peso da água de muito alto. E acima desta cachoeira se mete o mesmo rio debaixo da terra, e vem sair uma légua daí, e quando há cheias arrebenta por cima e arrasa toda a terra. Este rio procede de um lago mui grande que está no íntimo da terra, onde afirmam que há muitas povoações, cujos moradores (segundo fama) possuem grandes haveres de ouro e pedraria. Outro rio muito grande, e um dos mais espantosos do mundo, sai pela

mesma banda do Oriente em trinta e cinco graus, a que chamam rio da Prata, o qual entra no oceano com quarenta léguas de boca: e é tanto o ímpeto de água doce que traz de todas as vertentes do Peru, que os navegantes primeiro no mar bebem suas águas, que vejam a terra donde este bem lhes procede. Duzentas e setenta léguas por ele acima está edificada uma cidade povoada de castelhanos que se chama Assunção. Até aqui se navega por ele, e ainda daí por diante muitas léguas. Neste rio pela terra dentro se vem meter outro a que chamam Paraguai, que também procede do mesmo lago como o de São Francisco que atrás fica. Além destes rios há outros muitos que pela costa ficam, assim grandes como pequenos, e muitas enseadas, baías, e braços de mar, de que não quis fazer menção, porque meu intento não foi senão escolher as cousas mais notáveis, e principiais da terra, e tratá-las aqui somente em particular, para que assim não fosse notado de prolixo e satisfizesse a todos com brevidade.

.....

Capítulo III

DAS CAPITANIAS E POVOAÇÕES DE PORTUGUESES QUE HÁ NESTA PROVÍNCIA

TEM esta província, assim como vai lançada na linha equinocial para o Sul, oito capitánias povoadas de portuguezes, que contém cada uma em si pouco mais ou menos cinqüenta léguas de costa, e demarcam-se umas das outras por uma linha lançada leste oeste: e assim ficam limitadas per estes termos entre o mar oceano e a linha da repartição geral dos Reis de Portugal e Castela. As quais Capitánias el-Rei Dom João, o terceiro deseioso de plantar nestas partes a religião cristã, ordenou em seu tempo escolhendo para o governo de cada uma delas vassallos seus de sangue e merecimento, em que cabia esta confiança, os quais edificaram suas povoações ao longo da costa nos lugares mais convenientes e acomodados que lhes pareceu para a vivenda dos moradores. Todas estão já mui povoadas de gente, e nas partes mais importantes guarnecidas de muita e mui grossa artilharia que as defende e as segura dos inimigos assim da parte do mar como da terra. Junto delas havia muitos índios quando os portuguezes começaram de as povoar: mas porque os mesmos índios se levantavam contra eles e lhes faziam muitas traições, os governadores e capitães da terra destruíam-nos pouco a pouco, e mataram muitos deles: outros fugiram para o sertão e assim ficou a terra desocupada de gentio ao longo das povoações. Algumas aldeias destes índios ficaram todavia ao redor delas, que são de paz, e amigos dos portuguezes que habitam estas

capitanias. E para que todas no presente capítulo faça menção, não farei por ora mais que referir de caminho os nomes dos primeiros capitães que os conquistaram e tratar precisamente das povoações, sítios e portos onde residem os portugueses, nomeando cada uma delas em especial assim como vão do norte para o sul, na maneira seguinte.

A primeira e mais antiga se chama Tamaracá, a qual tomou este nome de uma ilha pequena, onde sua povoação está situada. Pero Lopes de Sousa foi o primeiro que a conquistou e livrou dos franceses em cujo poder estava quando a foi povoar: esta ilha em que os moradores habitam divide da terra firme um braço de mar que a rodeia, onde também se ajuntam alguns rios que vêm do sertão. E assim ficam duas barras armadas cada uma para sua banda, e a ilha ao meio: por uma das quais entram navios grossos e de toda a sorte, e vão ancorar junto da povoação que está daí meia légua, pouco mais ou menos. Também pela outra que fica da banda do norte se servem algumas embarcações pequenas, a qual por causa de ser baixa não sofre outras maiores. Desta ilha para o norte tem esta capitania terras muito largas e viçosas, nas quais hoje em dia estiveram feitas grossas fazendas, e os moradores farão em muito mais crescimento, e florescerão tanto em prosperidade como em cada uma das outras se o mesmo Capitão Pero Lopes residira nela mais alguns anos e não a desamparara no tempo que a começou de povoar.

A segunda capitania que adiante se segue, se chama Pernambuco: a qual conquistou Duarte Coelho, e edificou sua principal povoação em um alto à vista do mar, que está cinco léguas desta ilha de Tamaracá em altura de oito grau: chama-se Olinda, é uma das mais nobres e populosas vilas que havia nestas partes. Cinco léguas pela terra dentro está outra povoação chamada Igaruçu, que por outro nome se diz a vila dos Cosmos. E além dos moradores que habitam estas vilas há outros muitos que pelos engenhos e fazendas estão espalhados, assim nesta como nas outras capitanias de que a terra comarcã toda está povoada. Esta é uma das melhores terras, e que mais tem realçado os moradores que todas as outras capitanias desta província: os quais foram sempre mui favorecidos e ajudados dos índios da terra, de que alcançaram muitos infinitos escravos com que granjearam suas fazendas. E a causa principal de ela ir sempre tanto avante no crescimento da gente, foi por residir continuamente nela o mesmo capitão que

a conquistou, e ser mais freqüentada de navios deste Reino por estar mais pelo dele que cada uma das outras que adiante se seguem.

Uma légua da povoação de Olinda para o sul está um arrecife ou baixo de pedras, que é o porto onde entram as embarcações. Tem a serventia pela praia e também por um rio pequeno que passa por junto da mesma povoação. A terceira capitania que adiante se segue, é da Bahia de Todos os Santos, terra de el-Rei nosso Senhor: na qual residem o governador, e bispo, e ouvidor-geral de toda a costa. O primeiro capitão que a conquistou, e que a começou de povoar, foi Francisco Pereira Coutinho: ao qual desbarataram os índios com a força de muita guerra que lhe fizeram a cujo ímpeto não pôde resistir, pela multidão dos inimigos que então se conjuraram por todas aquelas partes contra os portugueses. Depois disto tornou a ser restituída, e outra vez povoada por Tomé de Sousa o primeiro governador-geral que foi a estas partes. E daqui por diante foram sempre os moradores multiplicando com muito acrescentamento de suas fazendas.

E assim uma das capitanias que agora está mais povoada de portugueses de quantas há nesta província, é esta da Bahia de Todos os Santos. Tem três povoações muito nobres e de muitos vizinhos, as quais estão distantes das de Pernambuco cem léguas, em altura de treze graus.

A principal onde residem os do governo da terra e a mais da gente nobre, é a cidade do Salvador. Outra está junto da barra, a qual chama Vila Velha, que foi a primeira povoação que houve nesta capitania. Depois Tomé de Sousa sendo governador edificou a cidade da Salvador mais adiante meia légua por ser lugar mais decente e proveitoso para os moradores da terra. Quatro léguas pela terra dentro está outra que se chama Paripe que também tem jurisdição sobre si como cada uma das outras. Todas estas povoações estão situadas ao longo de uma baía muito grande e formosa, onde podem entrar seguramente quaisquer naus por grandes que sejam: a qual é três léguas de largo, e navega-se quinze por ela dentro. Tem dentro em si muitas ilhas de terras muito singulares. Divide-se em muitas partes, e tem muitos braços e enseadas por onde os moradores se servem em barcos para suas fazendas.

A quarta capitania que é a dos Ilhéus se deu a Jorge de Figueiredo Correia, Fidalgo da Casa de el-Rei nosso Senhor: e por seu mandado a foi povoar um João Dalmeida, o qual edificou sua povoação trinta léguas da Bahia de Todos os Santos em altura de quatorze graus e dois terços. Esta povoação é uma vila muito formosa, e de muitos vizinhos, a qual está em cima de uma ladeira à vista do mar, situada ao longo de um rio onde entram os navios. Este rio também se divide pela terra dentro em muitas partes, junto do qual têm os moradores da terra toda a granjeria de suas fazendas: pera as quais se servem por ele em barcos e almadias como os da Bahia de Todos os Santos.

A quinta Capitania a que chamam Porto Seguro conquistou Pero do Campo Tourinho: tem duas povoações que estão distantes das dos ilhéus trinta léguas em altura de dezesseis graus e meio: entre as quais se mete um rio que faz um arrecife na boca como enseada, onde os navios entram. A principal povoação está situada em dois lugares, convém a saber parte dela em um teso soberbo que fica sobre o rolo do mar da banda do Norte, e parte em uma várzea que fica pegada com o rio. A outra povoação a que chamam Santo Amaro está uma légua deste rio para o sul. Duas léguas deste mesmo arrecife, pera o norte está outra que é o porto, onde entrou a frota quando esta província se descobriu. E porque então lhe foi posto este nome de Porto Seguro, como atrás deixo declarado, ficou daí a capitania com o mesmo nome: e por isso se diz Porto Seguro.

A sexta capitania é a do Espírito Santo, a qual conquistou Vasco Fernandes Coutinho. Sua povoação está situada em uma ilha pequena, que fica distante das povoações de Porto Seguro sessenta léguas em altura de vinte graus. Esta ilha jaz dentro de um rio mui grande, de cuja barra dista uma légua pelo sertão dentro: no qual se mata infinito peixe e pelo conseguinte na terra infinita caça, de que os moradores continuamente são mui abastados. E assim é esta a mais fértil capitania, e melhor provida de todos os mantimentos da terra que outra alguma que haja na costa.

A sétima Capitania é a do Rio de Janeiro: a qual conquistou Mem de Sá, e à força das armas, oferecido a mui perigosos combates, a livrou dos franceses que a ocupavam, sendo governador-geral destas partes.

Tem uma povoação, a que chamam São Sebastião, cidade mui nobre e povoada de muitos vizinhos, a qual está distante da do Espírito Santo setenta e cinco léguas em altura de vinte e três graus. Esta povoação está junto da barra, edificada ao longo de um braço de mar: o qual entra sete léguas pela terra dentro, e tem cinco de travessa na parte mais larga, e na boca onde no mais estreito haverá um terço de légua. No meio desta barra está uma lagoa que tem cinqüenta e seis braças de comprimento, e vinte e seis de largo: na qual se pode fazer uma fortaleza pera defesa da terra, se cumprir. Esta é uma das mais seguras e melhores barras que há nestas partes, pela qual podem quaisquer naus entrar e sair a todo o tempo sem temor de nenhum perigo. E assim as terras que há nesta capitania, também são as melhores e mais aparelhadas para enriquecerem os moradores de todas quantas há nesta Província: e os que lá forem viver com esta esperança, não creio que se acharão enganados.

A última Capitania é a de São Vicente, a qual conquistou Martim Afonso de Sousa: tem quatro povoações. Duas delas estão situadas em uma ilha que divide um braço de mar da terra firme à maneira de rio. Estão estas povoações distantes do Rio de Janeiro, quarenta e cinco léguas em altura de vinte quatro graus. Esse braço de mar que cerca esta ilha tem duas barras cada uma pela sua parte. Uma delas é baixa e não muito grande, por onde não podem entrar senão embarcações pequenas, ao longo da qual está edificada a mais antiga povoação de todas a que chamam São Vicente. Uma légua e meia de outra barra (que é a principal por onde entram os navios grossos e embarcações de toda a maneira que vem a esta capitania), está a outra povoação, chamada Santos, onde por respeito destas escalas, reside o capitão ou o seu logotenente com os oficiais do conselho e governo da terra. Cinco léguas pelo o sul há outra povoação a que chamam Itanhaém. Outra está doze léguas pela terra dentro chamada São Paulo, que edificaram os padres da companhia, onde há muitos vizinhos, e a maior parte deles são nascidos das índias naturais da terra, e filhos de portugueses. Também está outra ilha a par desta banda do norte, a qual divide da terra firme outro braço de mar, que se vem ajuntar com este: em cuja barra estão feitas duas fortalezas, cada uma de sua banda que defendem esta capitania dos índios e corsários do mar com artilharia, de que estão mui bem apercebidas.

Por esta barra se serviam antigamente, que é o lugar por onde costumavam os inimigos de fazer muito dano aos moradores. Outras muitas povoações há por todas estas capitánias além destas de que tratei, onde residem muitos portugueses, das quais não quis fazer menção por não ser meu intento dar notícia senão daquelas mais assinaladas que são as que têm oficiais de justiça e jurisdição sobre si como qualquer vila ou cidade destes reinos.

.....

Capítulo IV

DA GOVERNANÇA QUE OS MORADORES DESTAS CAPITANIAS TÊM NESTAS PARTES E A MANEIRA DE COMO SÃO EM SEU MODO DE VIVER

DEPOIS que esta Província Santa Cruz, começou de povoar de portugueses, sempre esteve instituída em uma governança na qual assistia governador-geral por el-Rei nosso senhor com alçada sobre os outros capitães que residem em cada capitania. Mas porque de umas a outras há muita distância e a gente vai em muito crescimento, repartia-se agora em duas governações, convém a saber da Capitania de Porto Seguro para o norte fica uma, e da do Espírito Santo para o sul fica outra: e em cada uma delas assiste seu governador com a mesma alçada. O da banda do norte reside na Bahia de Todos os Santos, e o da banda do sul no Rio de Janeiro. E assim fica cada um em meio de suas jurisdições, para desta maneira poderem os moradores da terra ser melhor governados e à custa de menos trabalho.

E vindo ao que toca ao governo de vida e sustentação destes moradores, quanto às casas em que vivem cada vez se vão fazendo mais custosas e de melhores edifícios: porque em princípio não havia outras na terra senão de taipa e térreas, cobertas somente com palma. E agora há já muitas sobradadas e de pedra e cal, telhadas e forradas como as deste reino, das quais há ruas mui compridas, e formosas nas mais das povoações de que fiz menção. E assim antes de muito tempo (segundo a gente vai cres-

cendo), se espera que haja outros muitos edificios e templos mui suntuosos com que de todo se acabe nesta parte a terra de enobrecer.

Os mais dos moradores que por estas capitánias estão espalhados, ou quase todos, tem suas terras de sesmaria dadas e repartidas pelos capitães e governadores da terra. E a primeira cousa que pretendem adquirir, são escravos para nelas lhes fazerem suas fazendas e se uma pessoa chega na terra a alcançar dois pares, ou meia dúzia deles (ainda que outra causa não tenham de seu), logo tem remédio para poder honradamente sustentar sua família: porque um lhe pesca e outro lhe caça, os outros lhe cultivam e granjeiam suas roças e desta maneira não fazem os homens despesa em mantimentos com seus escravos, nem com suas pessoas. Pois daqui se pode inferir quatro mais serão acrescentados às fazendas daqueles que tiverem duzentos, trezentos escravos, como há muitos moradores na terra que não têm menos desta quantia, e daí para cima.

Estes moradores todos pela maior parte se tratam muito bem, e folgam de ajudar uns aos outros com seus escravos, e favorecem muito os pobres que começam a viver na terra. Isto geralmente se costuma nestas partes, e fazem outras muitas obras pias, por onde todos têm remédio de vida, e nenhum pobre anda pelas portas a mendigar como nestes reinos.

.....

Capítulo V

DAS PLANTAS, MANTIMENTOS E FRUTAS QUE HÁ NESTA PROVÍNCIA

SÃO tantas e tão diversas as plantas, frutas, e ervas que há nesta província, de que se podiam notar muitas particularidades, que seria cousa infinita escrevê-las todas, e dar notícia dos efeitos de cada uma miudamente. E por isso, nem farei agora menção senão de algumas em particular, principalmente daquelas de cuja virtude e fruto participam os portugueses.

Primeiramente tratarei da planta e raiz de que os moradores fazem seus mantimentos que lá comem em lugar de pão. A raiz se chama mandioca, e a planta de que se gera é de altura de um homem pouco mais ou menos. Essa planta nem é muito grossa, e tem muitos nós: quando a querem plantar em alguma roça cortam-na e fazem-na em pedaços, os quais metem debaixo da terra, depois de cultivada, como estacas, e daí tornam arrebentar outras plantas de novo: e cada estaca destas cria três ou quatro raízes e daí para cima (segundo a virtude da terra em que se planta), as quais põem nove ou dez meses em se criar: salvo em São Vicente que põem três anos por causa da terra ser mais fria.

Estas raízes a cabo deste tempo se fazem mui grandes à maneira de inhames de S. Tomé, ainda que as mais delas são compridas, e revoltas de feição de corno de boi. E depois de criadas desta maneira, se logo as não querem arrancar para comer, cortam-lhe a planta pelo pé, e assim

estão estas raízes cinco, seis meses debaixo da terra em sua perfeição sem se danarem: e em São Vicente se conservam vinte, e trinta anos da mesma maneira. E tanto que as arrancam põem-na a curtir em água, três, quatro dias, e depois de curtidas, pisam-nas muito bem. Feito isto metem aquela massa em umas mangas compridas e estreitas que fazem de umas vergas delgadas, tecidas à maneira de cesto: e ali a espremem daquele sumo da maneira que não fique dele nenhuma cousa por esgotar: porque é tão peçonhento e em tanto extremo venenoso, que se uma pessoa ou qualquer outro animal o beber, logo naquele instante morrerá. E depois de assim a terem curada desta maneira põem alguidar sobre o fogo em que a lançam, a qual está mexendo uma índia até que o mesmo fogo lhe acabe de gastar aquela umidade e fique enxuta e disposta para se poder comer que será por espaço de meia hora pouco mais ou menos.

Este é o mantimento a que chamam farinha de pau, com que os moradores e gentio desta Província se mantêm. Há, todavia, farinha de duas maneiras: uma se chama de guerra e outra fresca. A de guerra se faz desta mesma raiz, e depois de feita fica muito seca e torrada de maneira que dura mais de um ano sem se danar. A fresca é mais mimosa e de melhor gosto: mas não dura mais que dois ou três dias, e como passa deles, logo se corrompe. Desta mesma mandioca, fazem outra maneira de mantimentos que se chamam beijus, os quais são de feição de obréias, mas mais grossos e alvos, e alguns deles estendidos da feição de filhós. Destes usam muito os moradores da terra, principalmente os da Bahia de Todos os Santos, porque são mais saborosos e de melhor digestão que a farinha.

Também há outra casta de mandioca que tem diferente propriedade desta, a que por outro nome chamam aipim, da qual fazem uns bolos em algumas capitánias que parecem no sabor que excedem a pão fresco deste Reino. O sumo desta raiz não é peçonhento como o que sai da outra, nem faz mal a nenhuma cousa ainda que se beba. Também se come a mesma raiz assada como batata ou inhame: porque de toda maneira se acha nela muito gosto. Além deste mantimento, há na terra muito milho-zaburro de que se faz pão muito alvo, e muito arroz, e muitas favas de diferentes castas, e outros muitos legumes que abastam muito a terra.

Uma planta se dá também nesta província, que foi da ilha de São Tomé, com a fruta da qual se ajudam muitas pessoas a sustentar na terra. Esta planta é mui tenra e não muito alta, não tem ramos senão umas folhas que se-

rão seis ou sete palmos de comprido. A fruta dela se chama bananas. Parecem-se na feição com pepinos, e criam-se em cachos: alguns deles há tão grandes que tem de cento e cinqüenta bananas para cima, e muitas vezes é tamanho o peso dela que acontece quebrar a planta pelo meio. Como são de vez colhem estes cachos, e dali a alguns dias amadurecem. Depois de colhidos cortam esta planta porque não frutifica mais que a primeira vez: mas tornam logo a nascer dela uns filhos que brotam do mesmo pé de se fazem outros semelhantes. Esta fruta é mui saborosa, e das boas, que há na terra: tem uma pele como de figo (ainda que mais dura), a qual lhe lançam fora quando a querem comer: mas faz dano à saúde e causa febre a quem se desmanda nela. Numas árvores há também nestas partes mui altas a que chamam zabucais: nas quais se criam uns vasos tamanhos como grandes cocos, quase da feição de jarras da Índia. Estes vasos são mui duros em grande maneira, e estão cheios de umas castanhas muito doces, e saborosas em extremo: e tem as bocas para baixo cobertas com umas sapodeiras¹ que parece realmente não serem assim criadas da natureza, senão feitas por artifício da indústria humana. E tanto que as tais castanhas são maduras caem estas sapodeiras e dali começam as mesmas castanhas também a cair pouco a pouco, até não ficar nenhuma dentro dos vasos.

Outra fruta há nesta terra muito melhor, e mais prezada dos moradores de todas, que se cria em uma planta humilde junto do chão: a qual planta tem umas pencas de erva babosa. A esta fruta chamam ananases, e nascem como alcachofras, os quais parecem naturalmente pinhas, e são do mesmo tamanho, e alguns maiores. Depois que são maduros, têm um cheiro mui suave e comem-se aparados feitos em talhadas. São tão saborosos, que a juízo de todos não há fruta neste reino que no gosto lhes faça vantagem, e assim fazem os moradores por eles mais, e os têm em maior estima que outro nenhum que haja na terra.

Há outra fruta que nasce pelo mato em umas árvores tamanhas como pereiras, ou macieiras: a qual é de feição de pêlos repinaldos, e muito amarela. A esta fruta chamam cajus: tem um sumo, e come-se pela calma para refrescar, porque é ela de sua natureza muito fria, e de maravilha [não] faz mal, ainda que se desmandem nela. Na ponta de cada pomo destes se cria um caroço tamanho como castanha, da feição de favo: o qual nasce primeiro,

1 Gabriel Soares escreve *tapadoura*.

e vem da mesma fruta como flor; a casca dele é muito amargosa em extremo, e o miolo amassado é muito quente de sua propriedade e mais gostoso que a amêndoa.

Outras muitas frutas há nesta província de diversas qualidades comuns a todos, e são tantas que já se acharam pela terra dentro algumas pessoas as quais se sustentavam com elas muitos dias sem outro mantimento algum. Estas que aqui escrevo, são as que os portugueses têm entre si em mais estima, e as melhores da terra.

Algumas deste reino se dão também nestas partes, convém, a saber, muitos melões, pepinos, romãs e figos de muitas castas; muitas parreiras que dão uvas duas, três vezes ao ano, e de toda outra fruta da terra há sempre a mesma abundância por causa de não haver lá (como digo), frios, que lhes façam nenhum tipo de prejuízo. De cidras, limões, e laranjas há muita infinidade, porque se dão muito na terra estas árvores de espinho, e multiplicam mais que as outras.

Além das plantas que produzem de si estas frutas, e mantimentos que na terra se comem, há outras de que os moradores fazem suas fazendas, convém a saber, muitas canas-de-açúcar, e algodões, que é a principal fazenda que há nestas partes, de que todos se ajuntam e fazem muito proveito em cada uma destas capitánias, especialmente na de Pernambuco que são feitos perto de trinta engenhos, e na Bahia de Salvador quase outros tantos, donde se tira cada um ano grande quantidade de açúcares, e se dá infinito algodão, e mais sem comparação que em nenhuma das outras. Também há muito pau-brasil nestas capitánias de que os mesmos moradores alcançam grande proveito: o qual pau se mostra claro ser produzido da quentura do Sol, e criado com influência de seus raios, porque não se acha senão debaixo da tórrida Zona, e assim quando mais perto está da linha Equinocial, tanto é mais fino e de melhor tinta; e esta é causa por que o não há na Capitania de São Vicente nem daí para o sul.

Um certo gênero de árvores há também pelo mato dentro na Capitania de Pernambuco a que chama copaíbas de que se tira bálsamo mui salutífero e proveitoso em extremo, para enfermidades de muitas maneiras, principalmente as que procedem da frialdade: causa grandes efeitos, e tira as dores por graves que sejam em muito breve espaço. Para feridas ou quaisquer outras chagas, tem a mesma virtude, as quais tanto que com ele lhe acodem,

saram mui depressa, e tira os sinais de maneira, que de maravilha se enxerga onde estiveram e nisto faz vantagem a todas as outras medicinas. Este óleo não se acha todo ano perfeitamente nestas árvores, nem procuram ir buscá-lo senão no estio que é o tempo em que assinaladamente o criam. E quando querem tirá-lo dão certos golpes ou furos no tronco delas pelos quais pouco a pouco estão estilando do amargo este licor precioso. Porém não se acha em todas estas árvores senão em algumas a que por este respeito dão o nome de fêmea, e as outras que carecem dele chamam machos, e nisto somente se conhece a diferença destes dois gêneros, que na proporção e semelhança não difere nada umas das outras. As mais delas se acham roçadas dos animais, que por instinto natural quando se sentem feridos ou mordidos de alguma fera as vão buscar para remédio de suas enfermidades.

Outras árvores diferentes destas há na Capitania dos Ilhéus, e na do Espírito Santo a que chamam Caboraabas, de que também se tira outro bálsamo: o qual sai da casca da mesma árvore, e cheira suavissimamente. Também aproveita para as mesmas enfermidades, e aqueles que o alcançam tem-no em grande estima e vendem-no por muito preço, porque além de tais árvores serem poucas correm muito risco as pessoas que o vão buscar, por causa dos inimigos que andam sempre naquela parte emboscados pelo mato e não perdoam a quantos acham.

Também há uma árvore na Capitania de São Vicente, que se diz pela língua dos índios “Obirá paramaçaci”, que quer dizer pau para enfermidades: com o leite da árvore da qual somente com três gotas purga uma pessoa por baixo e por cima grandemente. E se tomar quantidade de uma casca de noz, morrerá sem nenhuma remissão. De outras plantas e ervas que não dão fruto nem se sabe o para que prestam, se podia escrever, de que aqui se faço menção, porque meu intento não foi senão dar notícia (como já disse), destas de cujo fruto se aproveitam os moradores da terra. Somente tratarei de uma mui notável, cuja qualidade sabida creio que em toda parte causará grande espanto. Chama-se erva-viva, e tem alguma semelhança de silvam macho. Quando alguém lhe toca com as mãos, ou com qualquer outra cousa que seja, naquele momento se encolhe e murcha de maneira que parece criatura sensitiva que se anoja, e recebe escândalo com aquele tocante. E depois que assossega, como cousa já esquecida deste agravo, torna logo pouco a pouco a estender-se

até ficar outra vez tão robusta e verde como dantes. Essa planta deve ter alguma virtude mui grande, a nós encoberta cujo efeito não será pela ventura de menos admiração. Porque sabemos de todas as ervas que Deus criou, ter cada uma particular virtude com que fizessem diversas operações naquelas cousas para cuja fertilidade foram criadas e quanto mais esta a que a natureza nisto tanto quis assinalar dando-lhe um estranho ser e diferente de todas as outras.

.....

Capítulo VI

DOS ANIMAIS E BICHOS VENENOSOS QUE HÁ NESTA PROVÍNCIA

COMO esta província seja tão grande e a maior parte dela inabitada e cheia de altíssimos arvoredos, e espessos matos, não é de espantar que haja nela muita diversidade de animais, e bichos muito ferozes e venenosos, pois lá entre nós, com ser terra já tão cultivada e possuída de tanta gente, ainda se criam em brenhas cobras muito grandes de que se contam cousas muito notáveis, e outros bichos e animais muito danosos, esparzidos por charnecas e matos, a que os homens com serem tantos e matarem sempre neles, não podem acabar de dar fim, como sabemos. Quanto mais nesta província, onde os climas e qualidades dos ares terrestres, não são menos dispostos para os gerarem, do que a terra em si, pelos muitos matos que digo, acomodada para os criar.

Porém de quanta imundícia e variedade de animais por ela espalhou a natureza, nem havia lá nenhum doméstico, quando começaram os portugueses de a povoar. Mas depois que a terra foi deles conhecida, e vieram a entender o proveito da criação que nesta parte podia alcançar, começaram-lhe a levar da ilha do Cabo Verde cavalos e éguas, de que agora há já grande criação em todas as capitánias desta província. E assim há também grande cópia de gado que da mesma ilha foi levado a estas partes, principalmente do vacum há muita abundância, o qual pelos pastos serem muitos, vai sempre em grande crescimento. Os outros animais que na terra

se acharam todos são bravos de natureza, e alguns estranhos nunca vistos em outras partes: dos quais darei aqui logo notícia começando primeiramente por aqueles que na terra se comem, de cuja carne os moradores são muito abastados em todas as capitánias.

Há muitos veados e muita soma de porcos de diversas castas, convém a saber, há monteses como os desta terra e outros mais pequenos que têm o umbigo nas costas de que se mata na terra grande quantidade; e outros que comem e criam em terra, e andam debaixo da água o tempo que querem:² aos quais, como correm pouco por causa de terem os pés compridos e as mãos curtas, proveu a natureza de maneira que pudessem conservar a vida debaixo da mesma água, aonde logo se lançam de mergulho, tanto que vem gente, ou qualquer outra cousa de que se temam; e assim a carne destes como a dos outros é muito saborosa e tão sadia que se manda dar aos enfermos, porque para qualquer doença é proveitosa e não faz mal a nenhuma pessoa.

Também há uns animais na terra a que chamam antas, que são de feição de mulas, mas não tão grandes, e têm o focinho mais delgado, e um beijo comprido à maneira de tromba. As orelhas são redondas e o rabo não muito comprido: e são cinzentas pelo corpo, e brancas pela barriga. Estas antas não saem a passear senão de noite, e tanto que amanhece metem-se em alguns brejos, ou na parte mais secreta que acham e ali estão o dia todo escondidas como aves noturnas a que a luz do dia é odiosa, até que, anoitecendo, tornam outra vez a sair e a passear por onde querem como é seu costume. A carne destes animais tem o sabor como da vaca, da qual parece que se não diferença cousa alguma.

Outros animais há a que chamam cutias, que são do tamanho de lebres; e quase têm a mesma semelhança, e sabor. Estas cutias são ruivas, e têm as orelhas pequenas, e o rabo tão curto que quase se não enxerga.

Há também outros maiores a que chamam pacas, que têm o focinho redondo, e quase da feição do gato, e o rabo como o da cutia. São pardas, e malhadas de pintas brancas por todo o corpo, Quando querem guizá-las para comer, pelam-nas como leitão, e não nas esfolam, porque

2 Capivara.

têm um couro muito tenro e saboroso, e a carne também é muito gostosa e das melhores que há na terra.

Outros há também nestas partes muito para notar, e mais fora do comum semelhança dos outros animais (a meu juízo), que quantos até agora se tem visto. Chamam-lhe tatus, e são quase tamanhos como leitões: têm um casco como de cágado, o qual é repartido em muitas juntas como lâminas, e proporcionados de maneira que parece totalmente um cavalo armado. Têm um rabo comprido todo coberto do mesmo casco: o focinho é como de leitão, ainda que mais delgado algum tanto, e não bota mais fora do casco que a cabeça. Têm as pernas baixas, e criam-se em covas como coelhos. A carne destes animais é a melhor, e a mais estimada que há nesta terra, e tem o sabor quase como de galinha.

Há também coelhos como os de cá da nossa pátria de cujo parecer diferem cousa alguma.

Finalmente que desta e de toda a mais caça de que acima tratei participam (como digo) todos os moradores, e mata-se muita dela à custa de pouco trabalho em toda parte querem: porque não há lá impedimento de coutadas, como nestes reinos, e um só índio basta, se é bom caçador, a sustentar uma casa de carne no mato, ao qual não escapa um dia por outro que não mate porco ou veado, ou qualquer outro animal destes de que fiz menção.

Outros animais há nesta província muito ferozes e prejudiciais a toda esta caça, e ao gado dos moradores: aos quais chamam tigres, ainda que na terra a mais da gente os nomeia onças: mas algumas pessoas que os conhecem e os viram em outras partes, afirmam que são tigres. Estes conhecem e os viram em outras partes, afirmam que são tigres. Estes animais parecem-se naturalmente com gatos, e não diferem deles em outra cousa; salvo na grandeza do corpo porque alguns são tamanhos como bezerros e outros mais pequenos. Têm o cabelo dividido em várias e distintas cores, convém a saber, em pintas brancas, pardas e pretas. Como se acham famintos entram nos currais do gado e matam muitas vitelas, e novilhos que vão comer ao mato, e o mesmo fazem a todo o animal que já aconteceu trepar-se um índio a uma árvore por se livrar de um destes animais que o ia seguindo, e pôr-se o mesmo tigre ao pé da árvore, não bastando a espantá-lo alguma gente que acudiu da povoação aos gritos

do índio, antes a todos os medos se deixou muito seguro guardando sua presa até que sendo noite se tornaram outras vezes sem ousarem de lhe fazer nenhuma ofensa, dizendo ao índio que se deixasse estar, que ele se enfadaria de o esperar, e quando veio pela manhã (ou porque o índio se quis descer parecendo-lhe que o tigre era já ido, ou por acertar de cair por algum desastre (ou pela via que fosse), não se achou aí mais dele que os ossos. Porém pelo contrário, quando estão fartos são muito covardes, e tão pusilânimes que qualquer cão que remete a eles, basta a fazê-los fugir: algumas vezes acoçados do medo se trepam a uma árvore e ali se deixam matar às flechadas sem nenhuma resistência. Enfim que a fartura supérflua, não somente apaga a prudência, a fortaleza do ânimo, e a viveza do engenho ao homem, mais ainda aos brutos animais inabilita e faz incapazes de usarem de suas forças naturais posto que tenham necessidade de as exercitarem pera defesna de sua vida.

Outro gênero de animais há na terra, a que chamam cerigoês, que são pardos e quase tamanhos como raposas: os quais têm uma abertura na barriga ao comprido, de maneira que de cada banda lhes fica um bolso onde trazem os filhos metidos. E cada filho tem sua teta pegada na boca, da qual a mãe tira nunca até que se acabam de criar.

Destes animais se afirma que não concebem nem geram os filhos dentro da barriga senão naqueles bolsos, porque nunca de quantos se tomaram se achou algum prenhe. E além disto há outras conjecturas mui prováveis por onde se tem por impossível parirem os tais filhos como todos os outros animais (segundo a ordem da natureza) parem os seus. Um certo animal se acha também nestas partes, a que chamam preguiça (que é pouco mais ou menos do tamanho destes) o qual tem um rosto feio, e umas unhas muito compridas quase como dedos. Tem uma gadelha grande no toitiço que lhe cobre o pescoço, e anda sempre com a barriga lançada pelo chão sem nunca se levantar em pé com outros animais; e assim se move com passos tão vagarosos que ainda que ande quinze dias aturados, não vencerá distância de um tiro de pedra. O seu mantimento é folhas de árvores e em cima delas anda o mais do tempo, onde há pelo menos dois dias para subir e dois para descer. E posto que o matem com pancadas nem que o persigam outros animais, não se meneia uma hora mais que a outra.

Outro gênero de animais há na terra, a que chamam tamanduás que serão tamanhos como carneiros, os quais são pardos e têm um focinho muito comprido e delgado para baixo; a boca não tem rasgada como a dos outros animais, e é tão pequena, que escassamente caberão por ela dois dedos: têm uma língua muito estreita e quase de três palmos em comprido. As fêmeas têm duas tetas no peito como de mulher, e o ubre lançado em cima do pescoço entre as pás, donde lhes desce o leite às mesmas tetas com que criam os filhos. E assim tem mais cada um deles duas unhas em cada mão, tão compridas como as de um cavalo. Todos estes extremos que se acham nestes animais, são necessários para conservação de sua vida, porque não comem outra cousa senão formigas. E como isto assim seja vão-se com aquelas unhas arranhar nos formigueiros onde as há, e tanto que as têm agravadas lançam a língua fora e põem-na para dentro da boca, e tantas vezes fazem isto, até que se acabam de fartar. E quando se querem agasalhar ou esconder de alguma cousa, levantam aquele rabo e lançam-no por cima de si, debaixo de cujas sedas ficam todos cobertos sem se enxergar deles cousa alguma.

Bugios há na terra muitos e de muitas castas como já se sabe: e por serem tão conhecidos em toda a parte não particularizei aqui suas propriedades tanto extenso. Somente tratarei em breves palavras alguma cousa desses de que particularmente entre os outros se pode fazer menção.

Há uns ruivos, não muito grandes que derramam de si um cheiro mui suave a toda a pessoa que a eles se chega, e se os tratam com as mãos, ou se acertam de suar, ficam muito mais odoríferos e lançam o cheiro a todos os circunstantes: destes há muito poucos na terra, e não se acham senão pelo sertão dentro de muito longe.

Outros há pretos maiores que estes, que têm barba como homem, os quais são tão atrevidos, que muitas vezes acontece flecharem os índios alguns, e eles tirem flechas do corpo com suas próprias mãos, e tornarem a arremessá-las a quem lhes atirou. Estes são muito bravos de natureza, e mais esquivos de todos quanto há nestas partes.

Há também uns pequeninos pela costa, de duas castas pouco maiores que doninhas, a que comumente chamam sagüis, convém a saber, há uns louros, e outros pardos: os louros têm um cabelo muito

fino, e na semelhança do vulto e feição do corpo quase se querem parecer com leão: são muito formosos e não os há senão no Rio de Janeiro. Os pardos se acham daí para o norte em todas as mais capitánias. Também são muito aprazíveis, mas não tão alegres, à vista como estes. E assim uns com outros são tão mimosos e delicados de sua natureza, que como os tiram da pátria e os embarcam para esse Reino tanto que chegam a outros ares mais frios quase todos morrem no mar, e não escapa senão algum de grande maravilha.

Há também pelo mato adentro cobras muito grandes e de muitas castas a que os índios dão diversos nomes, conforme as suas propriedades. Umhas há na terra tão disformes de grandes que engolem um veado, ou qualquer outro animal semelhante todo inteiro. E isto não é muito para espantar, pois vemos que nesta nossa pátria, há hoje em dia cobras bem pequenas, que engolem uma lebre ou coelho da mesma maneira, que passam por ele inteiros, e assim os estão sorvendo até os acabarem de meter no bucho, como entre nós é notório. Quanto mais estoutras de que trato, que por razão de sua grandeza fica parecendo a quem nas viu menos dificultoso engolirem qualquer animal da terra por grande que seja. Outras há de outra casta diferente não tão grandes como estas: mas mais venenosas: as quais têm na ponta do rabo uma cousa que soa quase como cascavel, e por onde quer que vão sempre andam rugindo e os que as ouvem têm cuidado de se guardarem delas.

Além destas há outras muitas na terra, de outras castas diversas, que aqui não refiro por escusar prolixidade, as quais pela maior parte são tão nocivas e peçonhentas (especialmente umas a que chamam jararacas), que se acertam de morder alguma pessoa de maravilha escapa, e o mais que dura são vinte e quatro horas.

Também há lagartos muito grandes pelas lagoas e rios de água doce, cujos testículos cheiram melhor que almíscar; e a qualquer roupa que os chegam, fica o cheiro pegado por muitos dias.

Outros muitos animais e bichos venenosos há nesta província, de que não trato, os quais são tantos em tanta abundância, que seria história mui comprida nomeá-los aqui todos, e tratar particularmente da natureza de cada um, havendo, como digo, infinidade deles nestas partes, aonde pela disposição da terra, e dos climas que o sombrearam,

não pode deixar de os haver. Porque como os ventos que procedem da mesma terra se tornem infeccionados das podridões das ervas, matos e alagadiços geram-se com a influência do Sol que nisto concorre, muitos e mui peçonhentos, que por toda a terra estão esparzidos, e a esta causa se criam e acham nas partes marítimas, e pelo sertão dentro infinitos da maneira que digo.

.....

Capítulo VII

DAS AVES QUE HÁ NESTA PROVÍNCIA

ENTRE todas as cousas de que na presente história se pode fazer menção, a que mais aprazível e formosa de oferece à vista humana é a grande variedade das finas e alegres cores das muitas aves que nesta província se criam, as quais por serem tão diversas em tanta quantidade, não tratarei senão somente daquelas de que se pode notar alguma cousa e que na terra mais estimadas dos portugueses e índios que habitam estas partes.

Há nesta província muitas aves de rapina muito formosas e de várias castas, convém a saber, águias, açores e gaviões, e outras de outros gêneros diversos, e cores diferentes, que também têm a mesma propriedade. As águias são mui grandes e forçosas, e assim remetem com tanta fúria a qualquer ave, ou animal que querem pegar, que às vezes acontece nestas virem algumas tão desatinadas seguindo a presa que marram nas casas dos moradores, ali caem à vista da gente sem mais se poderem levantar. Os índios da terra as costumam tomar em seus ninhos quando são pequenas e criam-nas em umas sorças para depois de grandes se aproveitarem das penas em suas galanterias acostumadas.

Os açores são como os de cá, ainda que haja um certo gênero deles que tem os pés todos velosos, e tão cobertos de pena que escassamente se lhes enxergam as unhas. Estes são muito ligeiros e de maravilha lhes escapa ave, ou qualquer outra caça a que remetam. Os gaviões também são

muito destros e forçosos: especialmente uns pequenos como esmerilões, em sua quantidade o são tanto, que remetem a uma perdiz, e a levam nas unhas para onde querem, e juntamente são tão atrevidos, que muitas vezes acontece de ferirem a qualquer ave e apanhá-la dentre a gente sem se quererem retirar nem largá-la por muito que os espantem.

As outras aves que na terra se comem, e de que os moradores se aproveitam são as seguintes:

Há um certo gênero delas, a que chamam macucocaguás, que são pretas, e maiores que galinhas: as quais têm três ordens de titelas, são muito gordas e tenras, e assim os moradores as têm em muita estima: porque são elas muito saborosas, e mais que outras algumas que entre nós se comam.

Também há outras quase tamanhas como estas, a que chamam jacus e nós lhe chamamos galinhas do mato. São pardas e pretas, e têm um círculo branco na cabeça e o pescoço vermelho. Matam-se na terra muitas delas e pelo conseguinte são muito saborosas, e das melhores que há no mato.

Há também na terra muitas perdizes, pombas e rolas como as deste Reino, e muitos patos e adens bravas pelas lagoas e rios desta costa, e outras muitas aves de diferentes castas que não são menos saborosas e sadias que as melhores que cá entre nós se comem, e têm mais estima.

Papagaios há nestas partes muitos de diversas castas e muito formosos, como cá se vêem alguns por experiência. Os melhores de todos, e que mais raramente se acham na terra, são uns grandes maiores que açores a que chamam anapurus. Estes papagaios são variados de muitas cores, e criam-se muito longe pelo sertão adentro, e depois que os tomam, vêm a ser tão domésticos, que põem ovos em casa e acomodam-se mais à conversação da gente que outra qualquer ave que haja por mais doméstica e mansa que seja. E por isso são tidos na terra em tanta estima, que vai cada um entre os índios dois, três escravos. E assim os portugueses que os alcançam os têm na mesma estima: porque são eles além disso muito belos e vestidos como digo de cores muito alegres e tão finas, que excedem na formosura a todas quantas aves há nestas partes.

Há outros quase do tamanho destes, a que chamam canindés que são todos azuis: salvo nas asas que têm algumas penas amarelas. Também são muito formosos, e estimados em grande preço de toda pessoa que os alcança.

Também se acham outros do mesmo tamanho pelo sertão dentro a que chamam araras os quais são vermelhos semeados de algumas penas amarelas, e têm as asas azuis, e um rabo muito comprido e formoso. Os outros mais pequenos, que mais facilmente falam e melhor de todos, são aqueles a que na terra comumente chamam papagaios verdadeiros: os quais trazem os índios do sertão a vender aos portugueses a troco de resgates. Estes são pouco mais ou menos do tamanho de pombas, verdes claros, e têm a cabeça quase toda amarela, e os encontros das asas vermelhos.

Outro gênero deles há pela costa entre os portugueses do tamanho destes, a quem chamam curicas: os quais são vestidos de uma pena verde escura, e têm a cabeça azul da cor de rosmaninho. Destes papagaios há na terra mais quantidade do que cá entre nós há de gralhas ou de estorninhos e não são tão estimados como os outros porque gazeiam muito, e além disso falam dificultosamente, e à custa de muita indústria. Mas quando vêm a falar passam pelos outros e fazem-lhe nesta parte muita vantagem, e por isso os índios da terra costumam depenar alguns enquanto são novos e tingi-los com o sangue de umas certas rãs, com outras misturas que lhe ajuntam, e depois que se tornam a cobrir de pena ficam nem mais nem menos da cor dos verdadeiros: e assim acontece muitas vezes enganarem com eles a algumas pessoas, vendendo-lhes por tais.

Há também uns pequeninos que vêm do sertão pouco maiores que pardais, a que chamam tuins aos quais vestiu a natureza de uma pena verde muito fina sem outra nenhuma mistura, e têm o bico e as pernas brancas, e um rabo muito comprido. Estes também falam, e são muito formosos e aprazíveis em extremo.

Outros há pela costa tamanhos como metros, a que chamam marcanaus, os quais têm a cabeça grande, e um bico muito grosso: também são verdes e falam como cada um dos outros.

Algumas aves notáveis há também nestas partes, fora a estas que tenho referido, de que também farei menção e em especial trarei logo de umas marítimas a que chamam guarás, as quais serão pouco mais ou menos do tamanho de gaivotas. A primeira pena de que a natureza as veste, é branca sem nenhuma mistura muito fina em extremo. E por espaço de dois anos pouco mais ou menos a mudam, e torna-lhes a nascer outra parda também muito fina sem extremo. E por espaço de dois anos pouco mais ou menos mudam, e torna-lhes a nascer outra parda também muito

fina sem outra nenhuma mistura; e pelo mesmo tempo adiante a tornam a mudar, e ficam vestidas de uma cor muito preto distinta de outra cor. Depois daí a certo tempo pelo conseguinte a mudam e tornam-se a cobrir de outra muito vermelha, e tanto, como os mais fino e puro cramesim que no mundo se pode ver e nesta acabam seus dias.

Um as certas aves se acham também na capitania de Pernambuco pela terra dentro maiores duas vezes que galos do Peru: as quais são pardas, e têm na cabeça acima do bico um esporão muito agudo como corno, variado de branco e pardo escuro, quase do comprimento de um palmo, e três semelhantes a este em cada asa, algum tanto mais pequenos, convém a saber uns nos encontros, outros nas juntas do meio, outros nas pontas das mesmas asas. Estas aves têm o bico como de águia, e os pés grossos e muito compridos. Nos gíolhos têm uns calos também como grandes punhos. Quando pelejam com outras aves viram-se de costas, e assim se ajudam de todas essas armas que a natureza lhes deu para sua diferença.

Outras aves há também nestas partes, cujo nome a todos cá é notório, as quais ainda que tenham mais officio de animais terrestres que aves pela razão que logo direi, todavia por serem realmente aves de que se pode escrever, e terem a mesma semelhança, não deixarei de fazer menção delas como de cada uma das outras. Chamam-se Emas, as quais terão tanta carne como um grande carneiro e têm as pernas tão grandes que são quase até os encontros das asas da altura de um homem. O pescoço é muito comprido em extremo, e têm a cabeça nem mais nem menos como de pata: são pardas, brancas e pretas, e variadas pelo corpo de umas penas mui fermosas que cá entre nós costumam servir nas gorras e chapéus de pessoas galantes, e que professam a arte militar. Estas aves pascem ervas como qualquer outro animal do campo, e nunca se levantam da terra, nem voam como as outras, somente abrem as asas e com elas vêm ferindo o ar ao longo da mesma terra: e assim nunca andam, senão em campinas onde se achem desimpedidas de matos e arvoredos, para juntamente poderem correr e voar da maneira que digo.

De outras infinitas aves que há nestas partes, a que a natureza vestiu de muitas e mui finas cores, puderam também aqui fazer menção, mas como meu intento principal não foi na presente história senão ser breve e fugir de cousas em que pudesse ser notado de prolixo dos poucos curiosos (como já tenho dito), quis somente particularizar estas mais notáveis, e passar com silêncio por todas as outras, de que se deve fazer menos caso.

.....

Capítulo VIII

DE ALGUNS PEIXES NOTÁVEIS, BALEIAS E ÂBAR QUE HÁ NESTAS PARTES

É TÃO grande a cópia do saboroso e sadio pescado que se mata assim no mar alto, como nos rios e baías desta Província de que geralmente os moradores são participantes em todas as capitánias, que esta só fertilidade bastara a sustentá-los abundantíssimamente, ainda que não houvesse carnes nem outro gênero de caça na terra que se proveram como atrás fica declarado.

E deixando à parte a muita variedade daqueles peixes que comumente não diferem na semelhança dos de cá, tratarei logo em especial de um certo gênero deles que há nestas partes, a que chamam peixes-bois, os quais são tão grandes que os maiores pesam quarenta, cinqüenta arrobas. Têm o focinho como o de boi e dois cotos com que nadam à maneira de braços. As fêmeas têm duas tetas, com o leite das quais se criam os filhos. O rabo é largo, rombo, e não muito comprido: não tem feição alguma de nenhum peixe, somente na pele quer se parecer com toninha. Estes peixes pela maior parte se acham em alguns rios, ou baías desta costa, principalmente onde há algum ribeiro, ou regato se metem na água salgada são mais certos: porque botam o focinho fora e pascem as ervas que se criam em semelhantes partes, e também comem as folhas de umas árvores a que chamam mangues, de que há grande quantidade ao longo dos

mesmos rios. Os moradores da terra os matam com arpões, e também em pesqueiras costumam tomar alguns porque vêm com a enchente da maré aos tais lugares, e com a vazante se tornam a ir para o mar donde vieram. Este peixe é muito gostoso em grande maneira, e totalmente parece carne, assim na semelhança, como no sabor, e assado não tem nenhuma diferença do lombo de porco. Também se coze com couves e guiza-se como carne, e assim não há pessoa que o coma que o julgue por peixe, salvo se o conhecer primeiro.

Outros peixes há a que chamam camboropins que são quase tamanhos como atuns. Estes têm umas escamas muito duras e maiores que os outros peixes; também se matam com arpões, e quando querem pescá-los põem-se em alguma ponta ou pedra ou em outro qualquer posto acomodado a esta pescaria. E o que é bom pescador, para que não faça tiro em vão, quando os vêem vir deixa-os primeiro passar e espera até que fiquem a jeito que possa arpoá-los por detrás, de maneira que o arpão entre no peixe sem as escamas o impedirem, porque são, como digo, tão duras que se acerta a dar nelas de maravilha as pode penetrar. Este é um dos melhores peixes que há nestas partes, porque além de ser muito gostoso é também muito sadio, e mais enxuto de sua propriedade que outro algum que na terra se coma. Também há outra casta deles, a que chamam tamoatás, que são pouco mais ou menos do tamanho de sardinhas, e não se criam senão em água doce. Estes peixes são todos cobertos de umas conchas distintas naturalmente como lâminas, com as quais andam armados da maneira dos tatus, de que atrás fiz menção, e são muito saborosos, e os moradores da terra os têm em muita estima.

Há também um certo gênero de peixes pequeninos da feição de xarrosos, a que chamam maiacus: os quais são muito peçonhentos por extremo, especialmente a pele o é tanto, que se uma pessoa gostar um só bocado dela, logo naquela mesma hora dará fim a sua vida, porque não há nem se sabe nenhum remédio na terra que possa apagar nem deter por algum espaço o ímpeto deste mortífero veneno. Alguns índios da terra se aventuraram a comê-los depois que lhe tiram a pele e lhe lançam fora por baixo toda aquela parte onde dizem que tem a força da peçonha. Mas sem embargo disso, não deixam de morrer algumas vezes. Estes peixes tanto que saem fora da água incham de maneira, que parecem uma bexiga cheia

de vento, e além de terem esta qualidade são tão mansos que os podem tomar às mãos sem nenhum trabalho; e muitas vezes andam à borda da água tão quietos, que não os verá pessoa que se não convide a tomá-los, e ainda a comê-los se não tiver conhecimento deles.

Outros peixes não sinto nestas partes de que possa fazer aqui particular menção: em todos os demais, não há, como digo, muita diferença dos de cá, e a maior parte deles são da mesma casta, mas muito mais saborosos, e tão sadios que não se vedam nem fazem mal aos doentes, e para quaisquer enfermidades são muito leves, e de toda maneira que os comam não ofendem à saúde.

Não me pareceu também cousa fora do propósito tratar aqui alguma cousa das baleias e do âmbar, que dizem que procede delas. E o que acerca disto sei, que há muitas nestas partes, as quais costumam vir da arribação a esta costa, em uns tempos mais que outros, que são aqueles em que assinaladamente sai o âmbar que o mar de si lança fora em diversas partes desta província, e daqui vem a muitos terem pera si que não é outra cousa este âmbar, senão esterco de baleias e assim lho chamam os índios da terra pela sua língua,³ sem lhe saberem outro nome. Outros querem dizer que é sem nenhuma falta a esperma da mesma baleia. Mas o que se tem por certo (deixando estas e outras erradas opiniões à parte) é que nasce este licor no fundo do mar, não geralmente em todo, mas em algumas partes dele, que a natureza acha dispostas para o criar. E como o tal licor seja manjar das baleias, afirma-se que comem tanto dele até se embebedarem, e que estes que saem nas praias é o sobejo que elas arremessam.

E se isto assim não fora desta maneira e ele procedera das mesmas baleias por qualquer das outras vias que acima fica dito, crer é, que também houvera da mesma maneira em qualquer outra costa destes reinos, pois em toda parte do mar são gerais. Quanto mais que nesta província de que trato se fez já experiência em muitas delas que saíram à costa e dentro das tripas de algumas acharam muito âmbar cuja virtude iam já digerindo, por haver algum espaço que o tinham comido. E em outras lhe acharam no

3 Pirá-oçu repory.

bucho outro ainda fresco, e em sua perfeição, que parecem que o acabaram de comer naquela hora antes que morressem. Pois o esterco naquela parte onde a natureza o despede não tem nenhuma semelhança de âmbar, nem se enxerga nele ser menos digesto que o dos outros animais. Por onde se mostra claro, que a primeira opinião não fica verdadeira, nem a segunda tampouco o pode ser: porque a esperma destas baleias, é aquilo a que chamam balso, de que há por esse mar grande quantidade, o qual dizem que aproveita para feridas e por tal é conhecido de toda pessoa que navega. Este âmbar todo quando logo sai vem solto como sabão, e quase sem nenhum cheiro, mas daí a poucos dias se endurece, e depois disso fica tão odorífero como todos sabemos.

Há, todavia âmbar de duas castas, um pardo, a que chamam gris, outro preto: o pardo é muito fino e estimado em grande preço em todas as partes do mundo: o preto é mais baixo nos quilates do cheiro, e presta para muito pouco segundo o que dele se tem alcançado: mas de um e de outro há saído muito nesta Província e sai hoje em dia, de que alguns enriqueceram e enriquecem cada hora, como é notório.

Finalmente que como Deus tenha de muito longe esta terra dedicada à cristandade e o interesse seja o que mais leva os homens traz-se que outra nenhuma cousa que haja na vida, parece manifesto querer entre-tê-los na terra com esta riqueza do mar até chegarem a descobrir aquelas grandes minas que a mesma terra promete, para que assim desta maneira tragam ainda toda aquela cega e bárbara gente que habita nestas partes, ao lume e conhecimento da nossa Santa Fé Católica, que será descobrir-lhe outras maiores no céu, o qual nosso Senhor permita que assim seja pela glória sua e salvação de tantas almas.

.....

Capítulo IX

DO MONSTRO MARINHO QUE SE MATOU NA CAPITANIA DE SÃO VICENTE, ANO 1564

FOI causa tão nova e tão desusada aos olhos humanos a semelhança daquele feroz e espantoso monstro marinho que nesta Província se matou no ano de 1564, que ainda que por muitas partes do mundo se tenha notícia dele, não deixarei, todavia, de dá-la aqui outra vez de novo, relatando por extenso tudo o que acerca disto passou; porque na verdade a maior parte dos retratos ou quase todos em que querem mostrar a semelhança de seu horrendo aspecto, andam errados, e, além disso, conta-se o sucesso de sua morte por diferentes maneiras, sendo a verdade uma só, a qual é a seguinte:

Na capitania de São Vicente sendo já alta noite a horas em que todos começavam de se entregar ao sono, acertou de sair de fora de casa uma índia escrava do capitão; a qual lançando os olhos a uma várzea que está pegada com o mar, e com a povoação da mesma capitania, viu andar nela este monstro, movendo-se de uma parte para outra com passos e meneios desusados, e dando alguns urros de quando em quando tão feios, que como pasmada e quase fora de si se veio ao filho do mesmo capitão, cujo nome era Baltasar Ferreira, e lhe deu conta do que vira, parecendo-lhe que era alguma visão diabólica; mas como ele fosse não menos sizudo que esforçado, e esta gente da terra seja digna de pouco crédito, não lhe deu

logo muito às suas palavras, e deixando-se estar na cama, a tornou outra vez a mandar fora dizendo-lhe que se afirmasse bem no que era. E obedecendo a índia a seu mandado, foi; e tornou mais espantada; afirmando-lhe e repetindo-lhe uma vez e outra que andava ali uma cousa tão feia, que não podia ser senão o Demônio.

Então se levantou ele muito depressa e lançou mão a uma espada que tinha junto de si com a qual botou somente em camisa pela porta fora, tendo para si (quando muito) que seria algum tigre ou outro animal da terra conhecido com a vista do qual se desenganasse do que a índia lhe queria persuadir, e pondo os olhos naquela parte que ela lhe assinalou viu confusamente o vulto do monstro ao longo da praia, sem poder divisar o que era, por causa da noite lhe impedir, e o monstro também ser cousa não vista e fora do parecer de todos os outros animais. E chegando-se um pouco mais a ele, para que melhor se pudesse ajudar da vista, foi sentido do mesmo monstro: o qual em levantando a cabeça, tanto que o viu começou de caminhar para o mar de onde viera.

Nisto conheceu o mancebo que era aquilo cousa do mar e antes que nele se metesse, acudiu com muita presteza a tomar-lhe a dianteira, e vendo o monstro que ele lhe embargava o caminho, levantou-se dianteira, direito para cima como um homem ficando sobre as barbatanas do rabo, e estando assim a par com ele, deu-lhe uma estocada pela barriga, e dando-lha no mesmo instante se desviou pera uma parte com tanta velocidade, que não pôde o monstro levá-lo debaixo de si: porém não pouco afrontado, porque o grande torno de sangue que saiu da ferida lhe deu no rosto com tanta força que quase ficou sem nenhuma vista: e tanto que o monstro se lançou em terra deixa o caminho que levava e assim ferido urrando com a boca aberta sem nenhum medo, remeteu a ele, e indo para o tragar a unhas, e a dentes, deu-lhe na cabeça uma cutilada muito grande, com a qual ficou já muito débil, e deixando sua vã porfia tornou então a caminhar outra vez para o mar. Neste tempo acudiram alguns escravos aos gritos da índia que estava em vela: e chegando a ele, o tomaram todos já quase morto e dali o levaram à povoação onde esteve o dia seguinte à vista de toda a gente da terra.

E com este mancebo se haver mostrado neste caso tão animoso como se mostrou, e se ter tido na terra por muito esforçado saiu, todavia

desta batalha tão sem alento e com a visão deste medonho animal ficou tão perturbado e suspenso, que perguntando-lhe o pai, que era o que lhe havia sucedido não lhe pôde responder, e assim como assombrado sem falar coisa alguma por um grande espaço. O retrato deste monstro é este que no fim do presente capítulo se mostra, tirado pelo natural. Era quinze palmos de comprido e semeado de cabelos pelo corpo, e no focinho tinha umas sedas muito grandes como bigodes.

Os índios da terra lhe chamam em sua língua ipupiara, que quer dizer demônio da água. Alguns como este se viram já nestas partes, mas acham-se raramente. E assim também deve de haver outros muitos monstros de diversos pareceres, que no abismo desse largo e espantoso mar se escondem, de não menos estranheza e admiração; e tudo se pode crer, por difícil que pareça: porque os segredos da natureza não foram revelados todos ao homem, para que com razão possa negar, e ter por impossível as cousas que não viu nem de que nunca teve notícia.

.....

Capítulo X

DO GENTIO QUE HÁ NESTA PROVÍNCIA, DA CONDIÇÃO E COSTUMES DELE, E DE COMO SE GOVERNAM NA PAZ

JÁ QUE tratamos da terra e das cousas que nela foram criadas para o homem, razão pela qual demos aqui notícia dos naturais dela: a qual posto que não seja de todos em geral será especialmente daqueles que habitam pela costa, e em partes pelo sertão dentro de muitas lagoas, com que temos comunicação. Os quais ainda que estejam divisos, e haja entre eles diversos nomes de nações, todavia na semelhança, condição, costumes, e ritos gentílicos, todos são uns; e se em alguma maneira diferem nesta parte, é tão pouco, que se não pode fazer caso disso, nem particularizar cousas semelhantes entre outras mais notáveis, que todos geralmente seguem, como logo adiante direi.

Estes índios são de cor branca, e cabelo corredio; têm o rosto amassado, e algumas feições dele à maneira de chins. Pela maior parte são bem dispostos, rijos e de boa estatura; gente muito esforçada, e que estima pouco morrer, temerária na guerra, e de muito pouca consideração: são mal agradecidos em grande maneira, e muito desumanos e cruéis, inclinados a pelejar, e vingativos por extremo. Vivem todos muito descansados sem terem outros pensamentos senão de comer, beber, e matar gente, e por isso engordam muito, mas com qualquer desgosto pelo conseguinte tornam a emagrecer, e muitas vezes pode deles tanto a imaginação que se algum deseja a morte, ou alguém lhe mete em cabeça que há de morrer tal dia ou tal noite não passa daquele termo que não morra. São muito in-

constantes e mutáveis: crêem de ligeiro tudo aquilo o que lhes persuadem por dificultoso e impossível que seja, e com qualquer dissuasão facilmente o tornam logo a negar. São muito desonestos e dados à sensualidade, e assim se entregam aos vícios como se neles não houvera razão de homens: ainda que todavia em seu ajuntamento os machos e fêmeas têm o devido resguardo, e nisto mostram ter alguma vergonha.

A língua de que usam, toda pela costa, é uma: ainda que em certos vocábulos difere em algumas partes; mas não de maneira que se deixem uns aos outros de entender: e isto até altura de vinte e sete graus que daí por diante há outra gentilidade, de que nós não temos tanta notícia, que falam já outra língua diferente. Esta de que trato, que é geral pela costa, é muito branda, e a qualquer nação fácil de tomar. Alguns vocábulos há nela de que não usam senão as fêmeas, e outros que não servem senão para os machos: carece de três letras, convém a saber, não se acha nela F, nem L, nem R, cousa digna de espanto porque assim não tem Fé, nem Lei, nem Rei, e desta maneira vivem desordenadamente sem terem além disto conta, nem peso, nem medida.

Não adoram a cousa alguma, nem têm para si que há depois da morte glória para os maus, e o que sentem da imortalidade da alma não é mais que terem para si que seus defuntos andam na outra vida feridos, despedaçados, ou de qualquer maneira que acabaram nesta. E quando algum morre, costumam enterrá-lo em uma cova assentado sobre os pés com sua rede às costas que em vida lhe servia de cama. E logo pelos primeiros dias põem-lhe seus parentes de comer em cima da cova e também alguns lho costumam meter dentro quando o enterram, e totalmente cuidam que comem e dormem na rede que têm consigo na mesma cova.

Esta gente não tem entre si nenhum rei, nem outro gênero de justiça, senão um principal em cada aldeia, que é como capitão, ao qual obedecem por vontade, e não por força. Quando este morre fica seu filho no mesmo lugar por sucessão, e não serve de outra cousa senão de ir com eles à guerra, e aconselha-lhes como se hão de haver peleja; mas não castiga erros nem manda sobre eles cousa alguma contra suas vontades. E assim a guerra que agora têm uns contra outros não se levantou na terra por serem diferentes em leis nem em costumes, nem por cobiça alguma de interesse: mas porque antigamente se algum acertava de matar outro, como ainda

agora algumas vezes acontece (como eles sejam vingativos e vivam como digo absolutamente sem terem superior algum a que obedçam nem temam) os parentes do morto se conjuravam contra o matador e sua geração e se perseguiram com tal mortal ódio uns aos outros que daqui veio dividirem-se em diversos bandos, e ficarem inimigos da maneira que agora estão. E por que estas dissensões não fossem tanto por diante, determinaram atalhar a isto, usando do remédio seguinte, para por esta via se poderem melhor conservar na paz e se fazerem mais fortes contra seus inimigos. E é que quando tal caso acontece de um matar a outro, os mesmos parentes do matador fazem justiça dele e logo à vista de todos o afogam. E com isto os da parte do morto ficam satisfeitos e uns e outros permanecem em suas amizades como antes. Porém, como esta lei seja voluntária e executada sem rigor nem obrigação de justiça alguma, não querem algum estar por ela, e daqui vem logo pelo mesmo caso a dividirem-se, e levantarem-se de parte uns contra os outros, como já disse.

As povoações destes índios são aldeias: cada uma delas tem sete, oito casas, as quais são muito compridas feitas à maneira de cordoarias ou tarracenas fabricadas somente de madeira e cobertas com palma ou com outras ervas do mato semelhante; estão todas cheias de gente de uma parte e de outra e cada um por si tem a sua instância, a sua rede armada, em que dorme e assim estão uns juntos dos outros por ordem, e pelo meio da casa fica um caminho aberto por onde todos se servem como dormitório, ou coxia de galé. Em cada casa destas vivem todos muito conformes, sem haver nunca entre eles nenhuma diferenças: antes são tão amigos uns dos outros, que o que é de um é de todos, e sempre de qualquer cousa que um coma por pequena que seja, todos os circunstantes hão de participar dela. Quando alguém os vai visitar a suas aldeias depois que se assenta costuma chegarem-se a ele algumas moças escabeladas, e recebem-no com grande pranto derramando muitas lágrimas perguntando-lhe (se é seu natural) onde andou, que trabalhos foram os que passou depois que daí se foi. Trazendo-lhe à memória muitos desastres que lhe puderam acontecer buscando enfim para isto as mais tristes e sentidas palavras que podem achar para provocarem o choro. E se é português, maldizem a pouca dita de seus defuntos, pois foram tão mal afortunados que não alcançaram ver gente tão valorosa e luzida,

como são os portugueses, de cuja terra todas as boas cousas lhes vêm, nomeando algumas que eles têm em muita estima. E este recebimento que digo de tão usado entre eles, que nunca ou de maravilha deixam de o fazer, salvo quando reinam alguma malícia contra os que os vão visitar, e lhes querem fazer alguma traição.

As invenções e galantarias de que usam, sem trazerem alguns o beijo de baixo furado, e uma pedra comprida metida dentro do buraco. Outros a que trazem o rosto todo cheio de buracos e de pedras, e assim parecem muito feios e disformes; e isto lhes fazem enquanto são meninos.

Também costumam todos arrancarem a barba, e não consentem nenhum cabelo em parte alguma de seu corpo salvo na cabeça, ainda que ao redor dela por baixo tudo arrancam. As fêmeas prezam-se muito de seus cabelos e trazem-nos muito compridos, limpos e penteados, e as mais delas enastrados. E assim também machos como fêmeas costumam tingir-se algumas vezes com o sumo de um certo pomo que se chama jenipapo que é verde quando se pisa e depois que o põem no corpo e se enxuga, fica muito negro e por muito que se lave não se tira senão aos nove dias.

As mulheres com que costumam casar são suas sobrinhas, filhas de seus irmãos e irmãs: estas têm por legítimas, e verdadeiras mulheres, e não lhes podem negar seus pais, nem outra pessoa alguma pode casar com elas, senão os tios. Não fazem nenhuma cerimônia em seus casamentos, nem usam de mais neste ato que de levar cada um sua mulher para si como chegar a uma certa idade, porque esperam que serão então de quatorze ou quinze anos pouco mais ou menos. Alguns deles têm três ou quatro mulheres: a primeira têm em muita estima e fazem mais caso que das outras. E isto pela maior parte se acha nos principais que o têm por estado e por honra e prezam-se muito de se diferenciar nisto dos outros.

Algumas índias a que também entre eles determinam de ser castas, as quais não conhecem homem algum de nenhuma qualidade, nem o consentirão ainda que por isso as matem. Estas deixam todo o exercício de mulheres e imitam os homens e seguem seus ofícios, como se não fossem fêmeas. Trazem os cabelos cortados da mesma maneira que

os machos, e vão à guerra com seus arcos e flechas, e à caça perseverando sempre na companhia dos homens, e cada uma tem mulher que a serve, com quem diz que é casada, e assim se comunicam e conversam como marido e mulher.

Todas as outras índias quando parem, a primeira cousa que fazem depois do parto, lavam-se todas em uma ribeira, e ficam tão bem dispostas, como se não pariram, e o mesmo fazem à criança que parem. Em lugar delas se deitam seus maridos na rede e assim os visitam e curam como se eles fossem as mesmas paridas. Isto nasce de elas terem em muita conta os pais de seus filhos, e desejarem em extremo depois que parem deles de em tudo lhes comprazer.

Todos criam seus filhos viciosamente, sem nenhuma maneira de castigo, e mamam até a idade de sete, oito anos, se as mães até então não acertam de parir outros que os tirem das vezes. Não há entre eles nenhuma boas artes a que se dêem, nem se ocupam noutra exercício senão em granjejar com seus pais o que hão de comer, debaixo de cujo amparo estão agasalhados até que cada um por si é capaz de buscar sua vida sem mais esperarem heranças deles nem legítimas de que enriqueçam, somente lhe pagam com aquela criação em que a natureza foi universal a todos os outros animais que não participam de razão.

Mas a vida que buscam e granjearia de que todos vivem, é a custa de pouco trabalho, e muito mais descansada que a nossa: porque não possuem nenhuma fazenda, nem procuram adquiri-la como os outros homens e assim vivem livres de toda a cobiça e desejo desordenado de riquezas, de que as outras nações não carecem; e tanto que ouro nem prata nem pedras preciosas têm entre eles nenhuma valia, nem para seu uso têm necessidade de nenhuma cousa destas, nem doutras semelhantes.

Todos andam nus e descalços assim machos como fêmeas, e não cobrem parte alguma de seu corpo. As camas em que dormem são umas redes de fio de algodão que as índias tecem num tear feito à sua arte; as quais têm nove, dez palmos de comprimento, e apanham-nas com uns cordéis que lhe rematam nos cabos, em que lhes fazem umas azelhas de cada banda por onde as penduram de uma parte e doutra, e assim ficam dois palmos pouco mais ou menos suspendidas do chão de manei-

ra que lhes possam fazer fogo debaixo para se aquecerem de noite ou quando lhes for necessário.

Os mantimentos que plantam em suas roças, com que se sustentam são aqueles de que atrás fiz menção, são mandioca e milho-zaburro. Além disto, ajudam-se da carne de muitos animais que matam, assim com flechas como por indústria de seus laços e fojos onde costumam caçar a maior parte deles. Também se sustentam de muito marisco e peixes que vão pescar pela costa em jangada, que são uns três ou quatro paus pregados nos outros e juntos de modo que ficam à maneira dos dedos da mão estendida, sobre os quais podem ir duas ou três pessoas ou mais se mais forem os paus, porque são muito leves e sofrem muito peso em cima d'água. Têm quatorze ou quinze palmos de comprimento, e de grossura ao redor, ocupam dous pouco mais ou menos.

Desta maneira vivem todos estes índios sem mais terem outras fazendas entre si, nem granjearias em que se desvelem, nem tampouco estados nem opiniões de honra, nem pompas para que as hajam mister: porque todos, como digo, são iguais e em tudo tão conformes nas condições, que ainda nesta parte vivem justamente e conforme à lei da natureza.

.....

Capítulo XI

DAS GUERRAS QUE TÊM UNS COM OUTROS E A MANEIRA COM QUE SE HÃO NELAS

ESTES índios têm sempre grandes guerras uns contra outros e assim nunca se acha neles paz nem será possível, segundo são vingativos e odiosos vedarem-se entre eles estas discórdias por outra nenhuma via, se não for por meios da doutrina cristã, com que os padres da Companhia pouco a pouco os vão amansando como adiante direi.

As armas com que pelejam são arcos e flechas nas quais andam tão exercitados que de maravilha erram a cousa que apontam, por difícil que seja de acertar. E no despedir delas são mui ligeiros em extremo, e sobretudo muito arriscados nos perigos, e atrevidos em grã maneira contra seus adversários. Quando vão a guerra sempre lhes parece que têm certa a vitória e que nenhum de sua companhia a de morrer, e assim em partindo dizem, vamos matar, sem mais outro discurso, nem considerações, e não cuidam que também podem ser vencidos. E somente com esta sede de vingança sem esperanças de despojos, nem doutro algum interesse que a isso os mova, vão muitas vezes buscar seus inimigos muito longe caminhando por serras, matos, desertos e caminhos muito ásperos.

Outros costumam ir por mar, de umas terras para outras em umas embarcações a que chamam canoas, quando querem fazer alguns saltos ao longo da costa. Estas canoas são feitas à maneira de lançadeiras

de tear, de um só pau em cada uma das quais vão vinte, trinta remeiros. Além destas há outras que são da casca de um pau do mesmo tamanho, que se acomodam muito às hordas e são mui ligeiras, ainda que menos seguras; porque se alagam vão-se ao fundo, o que não têm as de pau que de qualquer maneira sempre andam em cima da água. E quando acontece alagar-se alguma os mesmos índios se lançam ao mar e a sustentam até que a acabam de esgotar, e outra vez se embarcam nela e tornam a fazer sua viagem.

Todos em seus combates são determinados, e pelejam muito animosamente sem nenhuma defensiva; e assim parece cousa estranha ver dus, três mil homens nus de parte a parte frechar uns aos outros com grandes sovios e grita, maneando-se todos com grande ligeireza de uma parte para outra, para que não possam os inimigos aportar nem fazer tiro em pessoa certa. Porém pelejam desordenadamente e desmandam-se muito uns e outros em semelhantes brigas, porque não têm capitão que os governe, nem outros oficiais de guerra a quem hajam de obedecer nos tais tempos; mas ainda que desta ordenança careçam, todavia por outra parte dão-se a grande manhã em seus cometimentos, e são muito cautos no escolher do tempo em que hão de fazer seus assaltos às aldeias dos inimigos, sobre os quais costumam dar de noite a hora em que os achem mais descuidosos. E quando acontece não poderem logo entrá-los por alguma cerca de madeira lhes ser impedimento que eles têm ao redor da aldeia para sua defesa, fazem outra semelhante algum tanto separada da mesma aldeia e assim a vão chegando cada noite dez, doze passos, até que um dia amanhece pegada com a dos contrários, onde muitas vezes se acham tão vizinhos que vêm a quebrar as cabeças com paus que arremessam uns aos outros.

Mas pela maior parte os que estão na aldeia ficam melhorados da peleja, e as mais das vezes se tornam os cometedores desbaratados para suas terras sem conseguirem vitória, nem triunfarem de seus inimigos, como pretendiam e isto assim por não terem armas defensivas nem outros apercebimentos necessários para se entreterem nos cercos, e fortificarem contra seus inimigos, como também por seguirem muitos agouros, e qualquer cousa que se lhes antolha ser bastante para a retirá-los de seu intento e tão inconstante e pusilânimes são nesta parte, que muitas vezes compar-

tirem de suas terras muito determinados, e desejosos de exercitarem sua crueldade, se acontece encontrar uma certa ave, ou qualquer outra coisa semelhante, que eles tenham por ruim pronóstico, não vão mais por diante com sua determinação, e dali consultam tornar-se outra vez, sem haver algum da companhia que seja contra este parecer. Assim que com qualquer abusam destas, a todo o tempo se abalam muito facilmente ainda que estejam muito perto de alcançar vitória, porque já aconteceu terem uma aldeia quase rendida e por um papagaio que, havia nela falar umas certas palavras que lhe eles tinham ensinado, levantaram o cerco, e fugiram sem esperarem o bom sucesso que o tempo lhes prometia, crendo sem dúvida, que se assim o não fizeram morrerão todos a mão de seus inimigos. Mas afora desta pusilanimidade a que estão sujeitos, são muito atrevidos, como digo, e tão confiados em sua valentia, que não há forças de contrários tão poderosas que os assombrem, nem que os façam desviar de suas bárbaras e vingativas tenções. A este propósito contarei alguns casos notáveis que aconteceram entre eles, deixando outros muitos à parte, de que eu pudera fazer um grande volume se minha tenção fora escrevê-los em particular como cada um dos seguintes.

Na Capitania de São Vicente sendo capitão Jorge Ferreira aconteceu darem os contrários em uma aldeia que estava não mui longe dos portugueses e neste assalto matarem um filho do principal da mesma aldeia. E porque ele era benquisto e amado de todos não havia pessoa nela que não pranteasse, mostrando com lágrimas e palavras magoadas o sentimento de sua morte. Mas o pai, como corrido e afrontado de não haver ainda neste caso tomado vingança, pediu a todos com eficácia que se o amavam dissimulassem a perda de seu filho, e que por nenhuma via quisessem chorar. Passados três ou quatro meses, depois da morte do filho, mandou aperceber sua gente como convinha, por lhe parecer aquele tempo mais favorável e acomodado e seu propósito, o que todos logo puseram em efeito. E dali a poucos dias deram consigo na terra dos contrários, que seria distância de três jornadas pouco mais ou menos, onde fizeram suas ciladas junto da aldeia em parte que mais pudessem ofender a seus inimigos; e tanto que anoiteceu o mesmo principal se apartou de companhia com dez ou doze frecheiros escolhidos de que ele mais se confiava, e com eles entrou na mesma aldeia dos inimigos, que o haviam

ofendido, e deixando-os à parte, só, sem outra pessoa o seguir, começou de rodear uma casa e outra, espreitando com muita cautela, de maneira que não fosse sentido, e da prática que eles tinham uns com outros veio a conhecer pela notícia do nome qual era, e onde estava o que havia morto seu filho, e pera se acabar de satisfazer, chegou-se da banda de fora à sua estância, e como foi bem certificado de ele ser aquele, deixou-se ali estar em terra esperando que se aquietasse a gente, e tanto que viu horas acomodadas para fazer a sua, rompeu a palma muito mansamente de que a casa estava coberta, e entrando foi-se direito ao matador, ao qual cortou logo a cabeça em breve espaço com um cutelo, que para isso levava. Feito isto tomou-a nas mãos e saiu-se fora a seu salvo, os inimigos que neste tempo acordaram ao reboliço e estrondo do morto conhecendo serem contrários, começaram de os seguir. Mas como seus companheiros que ele havia deixado em guarda estavam prontos ao sair da casa, mataram muitos deles, e assim se foram defendendo até chegarem às ciladas donde todos saíram com ímpeto contra os que os seguiam e ali mataram muitos mais. E com esta vitória se vieram recolhendo para sua terra com muito prazer e contentamento. E o principal que consigo trazia a cabeça do imigo chegando à sua aldeia a primeira cousa que fez foi-se ao meio do terreiro da aldeia, e ali a fixou num pau à vista de todos dizendo estas palavras: agora, companheiros e amigos meus, que eu tenho vingado a morte de meu filho, e trazida a cabeça do que o matou diante vossos olhos, vos dou licença que o choreis muito embora, que dantes com mais razão me podereis a mi chorar, enquanto vos parecia que por algum descuido dilatava esta vingança, ou que porventura esquecido de tão grande ofensa já não pretendia tomá-la, sendo eu aquele a quem mais devia tocar o sentimento de sua morte. Dali por diante foi sempre este principal muito temido e ficou seu nome afamado por toda aquela terra.

Outro caso de não menos admiração aconteceu entre Porto Seguro e o Espírito Santo, naquelas guerras onde mataram Fernão de Sá,⁴ filho de Mem de Sá, que então era governador-geral destas partes. E foi que tendo os portugueses rendido uma aldeia com favor de alguns índios

4 Fernão de Sá foi morto a frechadas pelos índios do rio Cricaré, em princípios de 1558.

nossos amigos que tinham de sua parte, chegaram a uma casa para fazerem presa aos inimigos, como já tinham feito em cada uma das outras. Mas eles deliberados a morrer, não consentiram que nenhum entrasse dentro: e os de fora vendo sua determinação, e que por nem uma via se queriam entregar, disseram-lhes que se logo à hora não faziam, lhes haviam de pôr fogo à casa sem nenhuma remissão. E vendo os nossos que com eles não aproveitava este desengano, antes se punham de dentro em determinação de matar quantos pudessem, lhes puseram fogo: e estando a casa assim ardendo o principal deles vendo que já não tinham nenhum remédio de salvação nem de vingança e que todos começavam de arder, remeteu de dentro com grande fúria a outro principal dos contrários, que passava por defronte da porta da banda de fora e de tal maneira o abarcou que sem se poder livrar de suas mãos, o meteu consigo em casa, e no mesmo instante se lançou com ele na fogueira, onde arderam ambos com os mais que lá estavam, sem escapar nenhum.

Neste mesmo tempo e lugar, deu um português uma tão grande cutilada a um índio, que quase o cortou pelo meio: o qual caindo no chão já como morto antes que acabasse de expirar lançou a mão a uma palha que achou diante de si, e a tirou com ela ao que o matara, como que dissera: recebe-me a vontade, que te não posso mais fazer que isto que te faço em sinal de vingança, donde verdadeiramente se pode inferir que outra nenhuma cousa os atormente mais na hora de sua morte que a mágoa que levam de se não poderem vingar de seus inimigos.

.....

Capítulo XII

DA MORTE QUE DÃO AOS CATIVOS E CRUELDADE QUE USAM COM ELES

UMA DAS cousas em que estes índios mais repugnam o ser da natureza humana, e em que totalmente parece que se extremam dos outros homens, e nas grandes e excessivas crueldades que executam em qualquer pessoa que podem haver às mãos, como não seja de seu rebanho. Porque não tão-somente lhe dão cruel morte em tempo que mais livres e desimpedidos estão de toda a paixão; mas ainda depois disso, por se acabarem de satisfazer lhe comem todos a carne usando nesta parte de cruezas tão diabólicas, que ainda nelas excedem aos brutos animais que não têm uso de razão nem foram nascidos para obrar clemência.

Primeiramente quando tomam algum contrário se logo naquele fragrante o não matam levam-no a suas terras para que mais a seu sabor se possam todos vingar dele. E tanto que a gente da aldeia tem notícia que eles trazem o tal cativo, daí lhe vão fazendo um caminho até obra de meia légua pouco mais ou menos onde o esperam. Ao qual em chegando recebem todos com grandes afrontas e vitupérios tangendo-lhe umas frutas que costumam fazer das canas das pernas doutros contrários semelhantes que matam da mesma maneira. E como entram na aldeia depois de assim andarem com ele triunfando de uma parte para outra lançam-lhe ao pescoço uma corda de algodão, que para isso têm feita, a qual muito grossa quanto naquela parte que o abrange, e tecida ou enlaçada de maneira que

ninguém a pode abrir nem cerrar se não é o mesmo oficial que a faz. Esta corda tem duas pontas compridas per onde o atam de noite para não fugir. Dali o metem numa casa, e junto da estância daquele que cativou lhe armam uma rede, e tanto que nela se lança cessam todos os agravos sem haver mais pessoa que lhe faça nenhuma ofensa. E a primeira cousa que logo lhe apresentam é uma moça, a mais formosa e honrada que há na aldeia, a qual lhe dão por mulher: e daí por diante ela tem cargo de lhe dar de comer e de o guardar, assim não vai nunca pera parte que o não acompanhe.

E depois de o terem desta maneira mui regalado um ano, ou o tempo que querem, determinam de o matar, e aqueles últimos dias antes de sua morte, per festejarem a execução desta vingança, aparelham muita louça nova, e fazem muitos vinhos do sumo de uma planta que se chama aipim de que atrás fiz menção. Neste mesmo tempo lhe ordenam uma casa nova onde o metem. É o dia que há de padecer pela manhã muito cedo antes que o sol saia, o tiram dela, e com grandes cantares e folias o levam a banhar a uma ribeira. E tanto que o tornaram a trazer, vão-se com ele a um terreiro que está no meio da aldeia e ali lhe mudam aquela corda do pescoço à cinta passando-lhe uma ponta para trás outra para diante; e em cada uma delas pegadas dous, três índios. As mãos lhe deixam soltas porque folgam de o ver defender com elas e ali lhe chegam uns pomos duros que têm entre si à maneira de laranjas com que possa tirar e ofender a quem quiser. E aquele que está deputado para o matar é um dos mais valentes e honrados da terra, a quem por favor e preeminência de honra concedem este ofício. O qual se empena primeiro per todo o corpo com pena de papagaios e de outras aves de várias cores. E assim sai desta maneira com um índio que lhe trás a espada sobre um alguidar, o qual é de um pau muito duro e pesado feito à maneira de uma maça, ainda que na ponta tem alguma de pá; e chegando ao padecente a toma nas mãos e lhe passa por baixo das pernas e dos braços meneando-a de uma parte para outra.

Feitas estas cerimônias afasta-se algum tanto dele e começa lhe fazer uma fala a modo de pregação, dizendo-lhe que se mostre muito esforçado em defender sua pessoa, para que o não desonre, nem digam que matou um homem fraco, afeminado, e de pouco ânimo, e que se lembre que dos valentes é morrerem daquela maneira, em mãos de seus inimigos, e não em suas redes como mulheres fracas, que não foram nascidas para

com suas mortes ganharem semelhantes honras. E se o padecente é homem animoso, e não está desmaiado naquele passo, como acontece a alguns, responde-lhe com muita soberba e ousadia que o mate muito embora, porque o mesmo tem ele feito a muitos seus parentes e amigos, porém que lhe lembre que assim como tomam de suas mortes vingança nele, que assim também os seus hão de vingar como valentes homens e haverem-se ainda com ele e com todo a sua geração daquela mesma maneira.

Ditas estas e outras palavras semelhantes que eles costumam arezoar nos tais tempos, remete o matador a ele com espada levantada nas mãos, em postura de o matar, e com ela o ameaça muitas vezes fingindo que lhe quer dar. O miserável padecente que sobre si vê a cruel espada entregue naquelas violentas e rigorosas mãos do capital inimigo com os olhos e sentidos prontos nela, em vão se defende quanto pode. E andando assim nestes cometimentos acontece algumas vezes virem a braços, e o padecente tratar mal ao matador com a mesma espada. Mas isto raramente, porque correm logo com muita presteza os circunstantes a livrá-lo de suas mãos. E tanto que o matador vê tempo oportuno, tal pancada lhe dá na cabeça, que logo lhe faz em pedaços. Está uma índia velha preste com um cabaço grande na mão, e como ele cai acode muito depressa e mete-lho na cabeça para tomar nele os miolos e o sangue. E como desta maneira o acabam de matar fazem-no em pedaços e cada principal que aí se acha leva seu quinhão para convidar a gente de sua aldeia. Tudo enfim assam e cozem e não fica dele cousa que não comam todos quantos há na terra, salvo aquele que o matou não come dele nada, e além disso manda-se sarjar por todo o corpo, porque tem por certo que logo morrerá se não derramar de si aquele sangue tanto que acaba de fazer seu ofício.

Algun braço, ou perna, ou outro qualquer pedaço de carne costumam assar no fumo, e tê-lo guardado alguns meses, para depois quando o quiserem comer, fazerem novas festas, e com as mesmas cerimônias tornarem a renovar outra vez o gosto desta vingança, como no dia em que o mataram, e depois que assim chegam a comer a carne de seus contrários, ficam os ódios confirmados perpetuamente, porque sentem muito esta injúria, e por isso andam sempre a vingar-se uns dos outros, como já tenho dito. E se a mulher que foi do cativo acerta de ficar prenhe, aquela criança que pare, depois de criada matam-na, e comem-na sem haver entre eles

pessoa alguma que se compadeça de tão injusta morte. Antes seus próprios avós, a quem mais devia chegar esta magoa, são aqueles que com maior gosto o ajudam a comer, e dizem que como filho de seu pai se vingam dele, tendo para si que em tal caso não toma esta criatura nada da mãe, nem crêem que aquela imiga semente pode ter mistura com seu sangue. E por este respeito, somente lhe dão esta mulher com que converse: porque na verdade são eles tais, que não se haveriam de todo ainda por vingados do pai se no inocente filho não executassem esta crueldade. Mas porque a mãe sabe o fim que hão de dar a esta criança, muitas vezes quando se sente prenhe mata-a dentro da barriga e faz com que não venha à luz. Também acontece algumas vezes afeiçoam-se tanto ao marido, que chega a fugir para sua terra pelo livrar da morte. E assim alguns portugueses desta maneira escaparam que ainda hoje em dia vivem. Porém o que por esta via se não salva ou por outra qualquer manha oculta, será cousa impossível escapar de suas mãos com vida, porque não costumam dá-la a nenhum cativo, nem desistirão da vingança que esperam tomar dele por nenhuma riqueza do mundo, quer seja macho, quer fêmea, salvo se o principal, ou outro qualquer da aldeia acerta de casar com alguma escrava sua contrária, como muitas vezes acontece, pelo mesmo caso fica libertada, e assentam em não pretenderem vingança dela, por comprazerem àquele que a tomou por mulher, mas tanto que morre de sua morte natural, por cumprirem as leis da sua crueldade, havendo que já nisto não ofendem ao marido costumam quebrar-lhe a cabeça, ainda que isto raras vezes, porque se tem filhos não deixam chegar ninguém a ela, e estão guardando seu corpo até que o dêem à sepultura.

Outros índios doutra nação diferente, se acham nestas partes ainda que mais ferozes, e de menos razão que estes. Chamam-se aimorés, os quais andam por esta costa como salteadores e habitam da Capitania dos Ilhéus até a de Porto Seguro, aonde vieram ter do sertão no ano de 55 pouco mais ou menos. A causa de residirem nesta parte mais que nas outras, é por serem aqui as terras mais acomodadas a seu propósito, assim pelos grandes matos que tem onde sempre andam emboscados, como pela muita caça que há melas que é seu principal mantimento de que se sustentam.

Estes aimorés são mais alvos e de maior estatura que os outros índios da terra, com a língua dos quais não têm a destes nenhuma seme-

lhança nem parentesco. Vivem todos entre os matos como brutos animais, sem terem povoações, nem casas em que se recolham. São muitos forçosos em extremo e trazem uns arcos mui compridos e grossos conformes a suas forças, e a flecha da mesma maneira. Estes alarves têm feito muito dano nestas capitánias depois que desceram a esta costa e mortos alguns portugueses e escravos, porque são muito bárbaros, e toda a gente da terra lhes é odiosa: não pelejam em campo nem têm animo para isso; põem-se entre o mato junto de algum caminho, e tanto que alguém passa atiram-lhe ao coração ou a parte onde o matem, e não despedem flecha que não na empreguem. As mulheres trazem uns paus grossos à maneira de maças, com que o ajudam a matar algumas pessoas quando se oferece ocasião. Até agora não se pode achar nenhum remédio para destruir esta pérfida gente, porque tanto que vem tempo oportuno fazem seus saltos, e logo se recolhem ao mato muito depressa, onde são tão ligeiros e manhosos, que quando cuidamos que vão fugindo ante quem os persegue, então ficam atrás escondidos atirando aos que passam descuidados: e desta maneira matam muita gente. Pela qual razão todos quantos portugueses e índios há na terra, os temem muito, e assim onde os há nenhum morador vai a sua fazenda por terra, que não leve consigo quinze, vinte escravos de arcos e flechas para sua defesa. O mais do tempo andam derramados por diversas partes, e quando se querem ajuntar assoviam como pássaros, ou como bugios, de maneira que uns aos outros se entendem e conhecem, sem serem da outra gente conhecidos. Não dão vida uma só hora a ninguém, porque são mui repentinos e acelerados no tomar de suas vinganças; e tanto que muitas vezes estando a pessoa viva, lhe cortam carne, e lha estão assando e comendo à vista de seus olhos. São finalmente estes selvagens tão ásperos e cruéis, que não se pode com palavras encarecer sua dureza. Alguns deles houveram já os portugueses às mãos: mas como sejam tão bravos e de condição tão esquiva nunca o puderam amansar, nem someter nenhuma servidão como os outros índios da terra que não recusam como estes a sujeição do cativoiro.

Também há uns certos índios junto do rio do Maranhão da banda do Oriente, em altura de dous graus pouco mais ou menos, que se chamam tapuias, os quais dizem que são da mesma nação destes aimorés ou pelo menos irmãos em armas, porque ainda que se encontrem, não

ofendem uns a outros. Esses tapuias não comem a carne de nenhuns contrários, antes são inimigos capitais daqueles que a costumam comer, e os perseguem com mortal ódio. Porém pelo contrário têm outro rito muito mais feio e diabólico, contra a natureza, e digno de maior espanto. E é que quando algum chega a estar doente de maneira que se desconfia de sua vida, seu pai, ou mãe, irmãos ou irmãs, ou quaisquer outros parentes mais chegados o acabem de matar com suas próprias mãos, havendo que usam assim com ele de mais piedade, que consentirem que a morte o esteja senhoreando e consumindo por termos tão vagarosos. E o pior que é que depois disso o assam e cozem, e lhe comem toda a carne, e dizem que não hão de sofrer que cousa tão baixa e vil como é a terra lhes coma o corpo de quem eles tanto amam, e que pois é seu parente, e entre eles há tanta razão de amor, que sepultura mais honrada lhe podem dar que metê-lo dentro em si, e agasalhá-lo para sempre em suas entranhas.

E porque meu intento principal não foi tratar aqui senão daqueles índios que são gerais pela costa, com que portugueses tem comunicação não me quis mais deter em particularizar alguns ritos desta, e doutras nações diferentes que há nesta província, por me parecer que seria temeridade e falta de consideração escrever em história tão verdadeira, cousa em que porventura podia haver falsas informações pela pouca notícia que temos da mais gentildade que habita terra dentro.

.....

Capítulo XIII

DO FRUTO QUE FAZEM NESTAS PARTES OS PADRES DA COMPANHIA COM SUA DOCTRINA

POR TODAS as capitánias desta província estão edificados mosteiros dos padres da Companhia de Jesus e feitas em algumas partes algumas igrejas entre os índios que são de paz onde residem alguns padres para os doutrinar e fazer cristãos: o que todos aceitam facilmente sem contradição alguma porque como eles não tenham nenhuma lei nem cousa entre si que adorem, é-lhes muito fácil tomar esta nossa. E assim também com a mesma facilidade, por qualquer cousa leve a tornam a deixar, e muitos fogem para o sertão, depois de batizados e instruídos na doutrina cristã; e porque os padres vêem a inconstância que há neles, e a pouca capacidade que têm para observarem os mandamentos da Lei de Deus, principalmente os mais antigos, que são aqueles em que menos frutifica a semente de sua doutrina, procuram em especial plantá-la em seus filhos, os quais levam de meninos instruídos nela. E desta maneira se tem esperança, mediante a divina graça, que pelo tempo adiante se vá edificando a Religião Cristã por toda esta província, e que ainda nela floresça universalmente a nossa Santa Fé Católica, e noutra qualquer parte da Críandade.

E para que o fruto desta doutrina se não perdesse antes de cada vez fosse em mais crescimento, determinaram os mesmos padres de atalhar todas as ocasiões que lhe podiam da nossa parte ser impedimento e causa

de escândalo, e prejuízo às consciências dos moradores da terra. Porque como estes índios cobijam muito algumas cousas que vão deste reino, convém a saber, camisas, pelotes, ferramentas, e outras peças semelhantes vendiam-se a troco delas uns aos outros aos portugueses: os quais a voltas disto salteavam quantos queriam, e faziam-lhes muitos agravos, sem ninguém lhes ir à mão. Mas já agora há esta desordem na terra, nem resgates como soía. Porque depois que os padres viram a sem-razão que com eles se usava, e o pouco serviço de Deus que daqui se seguia, proveram neste negócio e vedaram, como digo, muitos saltos que faziam os mesmos portugueses por esta costa, os quais encarregavam muito suas consciências com cativarem muitos índios contra direito, e moverem-lhes guerras injustas. E para evitarem tudo isso, ordenaram os padres, e fizeram com os governadores e capitães da terra que não houvesse mais resgates daquela maneira, nem consentissem que fosse nenhum português a suas aldeias sem licença do seu mesmo capitão. E se algum faz o contrário, ou os agrava por qualquer via que seja ainda que vá com licença pelo mesmo caso é muito bem castigado conforme a sua culpa.

Além disso para que nesta parte haja mais desengano, quantos escravos agora vêm novamente do sertão ou de umas capitánias para outras, todos levam primeiro a alfândega e ali os examinam, e lhes fazem perguntas, quem os vendeu, ou como foram resgatados, porque ninguém os pode vender senão seus pais, se for ainda com extrema necessidade, ou aqueles que em justa guerra os cativam: e os que acham mal adquiridos põem-nos em sua liberdade. E desta maneira quantos índios se compram são bem resgatados, e os moradores da terra não deixam por isso de ir muito avante com suas fazendas.

Outros muitos benefícios e obras pias têm feito estes padres e fazem hoje em dia nestas partes, a que com verdade se não pode negar muito louvor. E porque elas são tais que por si se apregoam pela terra, não me quis entremeter a tratá-las aqui mais por extenso: basta sabermos quão aprovadas são em toda parte suas obras por santas e boas, e que tenção não é senão dedicá-la a nosso Senhor, de quem somente esperam gratificação e prêmio de suas virtudes.

.....

Capítulo XIV

DAS GRANDES RIQUEZAS QUE SE ESPERAM DA TERRA DO SERTÃO

*E*STA Província de Santa Cruz além de ser tão fértil como digo, e abastada de todos os mantimentos necessários para a vida do homem, é certo ser também muito rica, e haver nela muito ouro e pedraria, de que se têm grandes esperanças. E a maneira como isto se veio a denunciar e ter por causa averiguada foi por via dos índios da terra. Os quais como não tenham fazendas que os detenham em suas pátrias, e seu intento não seja outro senão buscar sempre terras novas, a fim de lhes parecer que achar nelas immortalidades e descanso perpétuo, aconteceu levantarem-se uns poucos de suas terras, e meterem-se pelo sertão dentro: onde depois de terem entrado algumas jornadas, foram dar com outros índios seus contrários, e ali tiveram com eles grande guerra. E por serem muitos, e lhes darem nas costas, não se puderam tornar outra vez a suas terras: por onde lhes foi forçado entrar pela terra dentro muitas léguas. E pelo trabalho e má vida que neste caminho passaram, morreram muitos deles, e os que escaparam foram dar em uma terra, onde havia algumas povoações muito grandes, e de muitos vizinhos, os quais possuía tanta riqueza que afirmaram haver ruas muito compridas entre eles, nas quais se não fazia outra cousa senão lavar peças douro e pedrarias.

Aqui se detiveram alguns dias com estes moradores: os quais vendo-lhes algumas ferramentas que eles levavam consigo perguntaram-lhes de quem as haviam, ou por que meios lhes vinham ter às mãos. Responderam-

lhe que uma certa gente habitava ao longo da costa da banda do Oriente, que tinha barba e outro parecer diferente, de que as alcançavam, que são os portugueses. Os mesmos sinais lhes deram estoutros dos castelhanos do Peru, dizendo-lhes que também da outra banda tinham notícia haver gente semelhante, então lhes deram certas rodelas todas chapadas dourado, e esmaltado de esmeraldas, e lhes pediram que as levassem, para que se acaso ter com eles a suas terras lhes dissessem que se a troco daquelas peças e outras semelhantes lhes queriam levar ferramentas, e ter comunicação com eles, o fizessem que estavam prestes para os receber com muito boa vontade. Depois disto partiram-se daí e foram dar em o rio das Amazonas, onde se embarcaram em algumas canoas que fizeram, e a cabo de terem navegado por ele acima dos anos, chegaram à Província do Quito, terra do Peru, povoada de castelhanos. Os quais vendo esta nova gente espantaram-se muito, e não sabiam determinar donde eram, nem a que vinham. Mas logo foram conhecidos por gentio da Província de Santa Cruz de alguns portugueses que então na mesma terra se acharam. E perguntando por eles a causa de sua vinda contaram-lhes o caso miudamente fazendo-os sabedores, de tudo o que lhes havia sucedido. E isto veio-nos notícia, e assim por via dos castelhanos do Peru, onde estas rodelas foram vendidas por grande preço, como pela dos mesmos portugueses que lá estavam quando isto aconteceu, com os quais falaram alguns homens deste Reino pessoas de autoridade e dignas de crédito, que testificam ouvirem-lhes afirmar tudo isto por extenso da maneira que digo. E sabe-se decerto que está toda esta riqueza nas terras da Conquista de el-Rei de Portugal, e mais perto sem comparação das povoações dos portugueses, que dos castelhanos. Isto se mostra claramente no pouco tempo que puseram estes índios em chegar a ela, e no muito que despenderam em passarem daí ao Peru, que foram dous anos, como já disse. Além da certeza que por esta via temos há outros muitos índios na terra que também afirmam haver no sertão muito ouro, os quais posto que são gente de pouca fé e verdade, dá-se-lhes crédito nesta parte, porque acerca disto os mais deles são contestes, e falam em diversas partes por uma boca. Principalmente é pública fama entre eles que há uma lagoa muito grande no interior da terra donde procede o rio de São Francisco, de que já tratei, dentro da qual dizem haver algumas ilhas e nelas edificadas muitas povoações, e outras ao redor dela muito grandes onde também há muito ouro, e mais quantidade, segundo se afirma, que

em nenhuma outra parte desta província. Também pela terra dentro não muito longe do rio da Prata descobriram os castelhanos uma mina de metal da qual se tem levado ouro do Peru e de cada quintal dele dizem que se tirou quinhentos e setenta cruzados e de outro trezentos e tantos: o de mais que dela se tira é cobre infinito.

Também descobriram outras minas de umas certas pedras brancas e verdes, e de outras cores diversas, as quais são todas de cinco, seis quinas cada uma, à maneira de diamantes, e também lavradas da natureza, como se por indústria humana o foram. Estas pedras nascem em um vaso como coco, o qual é todo oco com mais de quatrocentas pedras ao redor, todas enxeridas na pedreira com as pontas para fora. Alguns destes pederuais se acham ainda imperfeitos, porque dizem que quando são de vez, que por si arrebetam com tanto estrondo, como se disparasse um exército de arcabuzes: e assim acharam muitas, que com a fúria, segundo dizem, se metem pela terra um e dous estádios.

Do preço delas não trato aqui, porque ao presente o não pude saber, mas sei que assim destas como doutras há nesta província muitas e mui finas, e muitos metais, donde se pode conseguir infinita riqueza. A qual permitirá Deus que ainda em nossos dias se descubra toda, para que com ela se aumente muito a coroa destes reinos: aos quais desta maneira esperamos, mediante o favor divino, ver muito cedo postos em feliz e próspero estado, que mais se não possa desejar.

.....
Índice onomástico
.....

A

ALEXANDRE [O Grande] – 83
ANRIQUES, Lião – 81
ANTUNES, Manuel (secretário do Conselho geral do Santo Ofício da Inquisição) – 81
AVEIRO (duque de) – 43

B

BARROS, João de (historiador) – 93

C

CABRAL, Pedro Álvares (capitão-mor) – 91, 92
CAMÕES, Luís de – 82, 86
CARVALHO, Martim (capitão) – 75
CESÁR [Júlio] – 83
COADROS, Manuel dos – 81
CORREIRA, Jorge de Figueiredo (fidalgo da casa do rei, governador da capitania de Ilhéus) – 102
COUTINHO, Francisco Pereira (primeiro capitão da capitania da Bahia de todos os Santos) – 101
COUTINHO, Vasco Fernandes (capitão, governador da capitania do Espírito Santo) – 45, 102

D

DALBUQUERQUE, Duarte Coelho (capitão, governador da capitania de Pernambuco) – 35, 100
DALBUQUERQUE, Jerônima – 33
DALMEIDA, João – 103

F

FEIO, J. V. Barreto – 82, 86
FERREIRA, Baltasar (capitão) – 129
FERREIRA, Jorge – 141
FERREIRA, Simão Tacea – 81

H

HENRIQUE (príncipe, dom, cardeal, infante de Portugal) – 27

J

JOÃO (dom, rei) – 99

L

LEÓNIDAS [rei de Esparta] – 87
LIMA, Antônio de (dom) – 33

M

MANUEL I (príncipe, rei) – 91, 92
MONTEIRO, J. G. – 82, 86

P

PEREIRA, Lionis – 82, 84, 87, 88
PONTE, Bastião (senhor de engenho) – 38

S

SÁ, Fernão de – 142
SÁ, Mem (governador-geral) – 142
SOUSA, Gabriel Soares de – 64, 109
SOUSA, Martim Afonso de (donatário da Capitania de São Vicente) – 103
SOUSA, Pero Lopes de (capitão da capitania de São Vicente) – 33, 49, 100
SOUSA, Tomé (gobernador da capitania da Bahia) – 37, 101

Tratado da Terra do Brasil – História da Província Santa Cruz,
de Pero de Magalhães Gandavo, foi composto em Garamond, corpo 12,
e impresso em papel vergê areia 85 g/m², nas oficinas da SEEP
(Secretaria Especial de Editoração e Publicações), do Senado Federal,
em Brasília. Acabou-se de imprimir em abril de 2008,
de acordo com o programa editorial e projeto gráfico
do Conselho Editorial do Senado Federal.

